## 1 O chefe de torcida, entre vícios e virtudes

## 1.1 Ethos de espectador, pathos de torcedor

"... transformai os espectadores em espetáculo, tornai-os atores..." Jean-Jacques Rousseau

A imagem depreciativa usual que se costuma atribuir à figura do torcedor de futebol – a do indivíduo vulgar, de atitudes não raras vezes irracionais, possuidor de faculdades intelectuais medianas subordinadas a estados emotivos instáveis, sobretudo a da pessoa que se vale do esporte como uma forma de evasão da realidade, como um lenitivo para as frustrações do cotidiano –, tal como tipificada por uma série de autores filiados às mais variadas correntes teóricas e tal como arraigada ao senso comum ao longo do século XX, provém de uma noção pouco precisa que, por sua vez, toma de empréstimo os debates em torno da função do espectador no teatro. Sua definição mais ancestral e arquetípica remonta a Aristóteles e a suas considerações sobre o teatro grego. Ao discorrer acerca das características e dos elementos próprios da tragédia no mundo helênico, o filósofo de Estagira deixou assinalado em breves linhas de sua arte poética de que maneira os efeitos dramáticos podiam se fazer sentir no ânimo do público assistente. Se a estrutura cênica compreendia a imitação de uma série de ações e de situações da vida real, uma mimesis com início, meio e fim, que levava a um ponto culminante, ao desfecho de um suspense imprevisível ou ao desenlace surpreendente de uma intriga urdida pelo poeta trágico, seu objetivo último consistia na obtenção da katharsis por parte do auditório<sup>1</sup>.

A catarse, finalidade precípua da tragédia na Grécia antiga, que na tradição ocidental se revestiria mais tarde também de conotações religiosas e psicanalíticas, seria uma manifestação eminentemente purgativa e purificadora, capaz de provocar no espectador a liberação de determinadas sensações e de fazer com que aflorassem nele sentimentos como os de compaixão, de temor ou

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Cf. ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d. O termo também é tratado no livro oitavo da *Política*.

de humor incômodo. Segundo Aristóteles, as obras trágicas melhor sucedidas sob um ponto de vista técnico eram aquelas cujos resultados podiam ser aferidos na identificação da audiência com os assuntos levantados pela respectiva trama – a empatia, o 'sentir com' – e na capacidade da narrativa de despertar o prazer e a diversão na platéia dos anfiteatros. À tensão desenvolvida ao longo do enredo, com a concorrência da música, da dança e de toda a ambiência plástico-sonora do espetáculo, seguiam-se, pois, o gozo, a calma e o relaxamento obtidos pelo "escoamento do excesso de emoções."<sup>2</sup>.

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche, na segunda metade do século XIX, retomaria o interesse pela investigação em torno do nascimento da tragédia e dos elementos eruptivos que tal gênero logrou acionar entre os que vivenciaram seu esplendor na Antigüidade. Embora não tenha considerado a idéia de catarse em sua análise, distante que estava das proposições cristãs e socrático-aristotélicas, responsáveis segundo ele pela decadência da pujança da arte trágica naquele período, o jovem Nietzsche via a possibilidade da criação teatral com base no encontro de forças antagônicas, presentes nas energias cósmicas e expressas nas divindades gregas, sem deixar de considerar suas implicações nas afecções dos que contemplavam o espetáculo. A arte, expressão primordial daquilo que é vital na natureza e na cultura humanas, originava-se da fusão de dois princípios contraditórios, Apolo – símbolo do equilíbrio, da lucidez e do autocontrole – e Dionisos – símbolo do desregramento, da embriaguez e da possessão de cultos vindos do Oriente, da Ásia Menor e do norte da África – geradores de obras raras e sublimes. Na perspectiva nietzscheana, a matriz da tragédia não se encontraria no drama nem no encadeamento lógico de sua história correspondente, mas nos ditirambos do coro que proporcionavam a excitação, a agitação e a fulguração dos estados psicológicos disruptivos:

"Ao coro ditirâmbico compete então a tarefa de levar os espíritos dos auditores a um tal estado de exaltação dionisíaca em que já não vejam, no herói trágico que aparece em cena, um homem de rosto coberto por uma máscara informe, mas antes a visão da imagem nascida, por assim dizer, dos seus próprios êxtases."<sup>3</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Cf. ARISTÓTELES. **op.cit.**, p. 232-235.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Cf. NIETZSCHE, F. A origem da tragédia. Lisboa: Guimarães Editora, 1988, p. 76.

As diferencas substantivas entre o discurso médico-filosófico de Aristóteles e o discurso artístico-filosófico de Nietzsche não impedem que se vislumbre uma convergência entre a função catártica sustentada pelo primeiro e a visão dionisíaca apregoada pelo segundo – o êxtase correspondendo à saída momentânea figurada de si mesmo –, quando se focaliza a alma espectadora ou a figura do espectador no teatro. As manifestações psíquicas e fisionômicas do público perante um ritual coletivo de encenação, festividades praticadas de início no espaço natural dos bosques, que transpõe mais tarde para o palco os valores e as representações da vida cotidiana em sociedade, o theatrum mundi da literatura dramática, segundo a definição clássica de Martin Esslin e a definição contemporânea de Josette Feral<sup>4</sup>, além da sua apropriação por antropólogos sociais na segunda metade do século XX, como Victor Turner, Max Gluckman e Clifford Geertz<sup>5</sup>, conduzem os dois autores à observação da alteração do comportamento físico e mental dos expectantes. Estes são acometidos pela intensidade do clímax a que são elevadas determinadas sensações, com repercussões orgânicas internas, em um momento transitório e efêmero, sempre seguido pela volta a estágios ordinários de apaziguamento, harmonia e equilíbrio.

Na experiência da dramaturgia, a ação do ator estaria condicionada pela transmissão da emoção da personagem e pela recepção passional do público presente, o que se pode deixar entrever no étimo da palavra teatro, "o lugar de onde se vê", e na própria etimologia da palavra grega para ator, *hypokrités* ("respondedor"), aquele que responde ao coro e aos seus ditirambos, à platéia e às necessidades de representação do grupo<sup>6</sup>, sintomática da relação de dependência dialógica e de complementaridade estabelecida entre um e outro.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Cf. MERQUIOR, J. G. **A estética de Lévi-Strauss**. Rio de Janeiro: Editora Universidade de Brasília / Edições Tempo Brasileiro, 1975, p. 24. Cf. também ESSLIN, M. **Uma anatomia do drama**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1976. Cf. Ainda FÉRAL, J. "La théâtralité: recherche sur la spécificité du langage théâtral". In: **Poétique**. Paris: Seuil, 1988, n.75.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Antropólogos que contribuíram para a conceituação dos rituais coletivos como *dramas sociais*, com a posterior inclusão entre eles dos fenômenos esportivos. Cf. DAMATTA, R. (Org.). Universo do futebol. Rio de Janeiro: Pinakoteke, 1982, p. 21. Cf. também SOARES, L. E. "Futebol e teatro: notas para uma análise de estratégias simbólicas". In: Boletim do Museu Nacional. Rio de Janeiro: s.n., 1979, n.33. No âmbito da historiografía, ver Peter Burke. Cf. BURKE, P. O mundo como teatro: ensaios de antropologia histórica. Lisboa: Difel, s.d. <sup>6</sup> Cf. ROSENFELD, A. "O fenômeno teatral". In: Texto/contexto. São Paulo: Perspectiva, 1973, p. 41. Cf. também SODRÉ, M. "Futebol, teatro ou televisão ?". In: O monopólio da fala.

p. 41. Cf. também SODRÉ, M. "Futebol, teatro ou televisão?". In: **O monopólio da fala**. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 143. Cf. ainda MURAD, M. **Dos pés à cabeça**: elementos básicos de sociologia do futebol. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996, p. 169 e 1970.

Para Martin Esslin: "O autor e seus intérpretes são apenas metade do processo total: a outra metade é composta pela platéia e sua reação. Sem platéia não existe drama. Uma peça que não é encenada é apenas literatura." Ainda de acordo com o estudioso britânico, o público teatral constituiria mais do que um agregado de indivíduos isolados, dispostos de maneira aleatória, para em lugar disto conformar uma totalidade, um conjunto consciente, uma unidade coletiva indivisa.

A ênfase aristotélica nas transfigurações psicológicas e nos reflexos motoro-sensoriais da audiência das tragédias gregas, desencadeadas pela alternância entre estados emotivos opostos que combinam tensão e alívio, sofrimento e prazer, terror e comiseração, é então regida por dois princípios constitutivos da cena dramática: o agir e o padecer<sup>8</sup>. Em consonância com tal dinâmica, no desenrolar da trama, o ator age à medida que o espectador padece; o primeiro faz mover, na proporção em que o segundo é movido; um é sujeito, enquanto o outro, objeto. A ação articula-se à paixão porquanto esta sofre as vicissitudes daquela. Cólera, desejo, calma, alegria, entusiasmo, ódio, inveja seriam alguns dos impulsos afetivos acionados tanto pelo poeta quanto pelo orador sofista que, por intermédio da retórica, é capaz persuadir os ouvintes ao tocar no âmago da sua imaginação. O intelectual alemão Hans Robert Jauss, formulador das bases da *estética da recepção* na teoria da literatura durante as décadas de 1960 e 1970, assim sumariza o esquema aristotélico para a analogia médica da catarse:

"... o espectador pode ser afetado pelo que se representa, identificar-se com as pessoas em ação, dar assim livre curso às próprias paixões despertadas e sentir-se aliviado por sua descarga prazerosa, como se participasse de uma cura (*katharsis*)."9.

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Cf. ESSLIN, M. **op. cit.**, p. 21 e 26. A relação entre o teatro e a literatura na passagem da Idade Média para a Idade Moderna foi analisada pelo historiador francês Roger Chartier e pelo medievalista suíço Paul Zumthor. Cf. CHARTIER, R. **Do palco à pagina**: publicar teatro e ler romances na época moderna (séculos XVI-XVIII). Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002. Cf. também ZUMTHOR, P. **A letra e a voz**: a literatura medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>8</sup> Cf. LEBRUN, G. "O conceito de paixão". In: NOVAES, A. (Org.). Os sentidos da paixão. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 17.

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> Cf. JAUSS, H. R. "O prazer estético e as experiências fundamentais da *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*". In: LIMA, L. C. (Org.). A literatura e o leitor: textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 87.

Freud considerava a catarse a descarga em ato ou mesmo a descarga motora de uma emoção que permaneceu em suspenso, passível de gerar traumatismo no sujeito enquanto um "acordo" não fosse encontrado. O psicanalista francês Jacques Lacan retoma o termo não só de Freud como do próprio Aristóteles no seminário "A essência da tragédia: um comentário de *Antígona* de Sófocles":

"A catarse aqui é apaziguamento, obtido a partir de uma certa música, da qual Aristóteles não esperava o efeito ético, nem tampouco o efeito prático, mas o efeito de entusiasmo. Trata-se então da música mais inquietante, daquelas que lhes arrancava as tripas, que os fazia sair de si mesmo, como para nós o *hot* ou o *rock'n roll*, e quanto à qual tratava-se de saber para a sabedoria antiga se era preciso ou não proibi-la." 10.

A estrutura binária ação/paixão leva à constatação de que o entendimento do espectador em Aristóteles, e de parte significativa de sua ontologia ou de sua antropologia, situa-se na esfera do patológico. O *pathos* grego e o *passio* latino possuem um sentido original comum de passividade – sofrer uma ação sem reagir –, sendo vistos de igual maneira como inferiores, posto que dependentes dos atos de outrem, sem autonomia, amorfos, reflexo de atitudes que vêm de fora e que provocam alterações em seu metabolismo interno. Conforme esclarece o historiador francês Jean Starobinski, apenas no período medieval e moderno o antônimo da ação passaria a ser a reação, em lugar da paixão, segundo a terminologia latina *reactio*, que apareceria na física, na química e depois se transladaria para outras esferas lingüísticas compartilhadas na filosofía moral e na vida social. No século XVII, a expressão *passio*, designadora de emoções profundas que tendem a explodir, passou a indicar o dinamismo psíquico em geral, notadamente com o sentido de força de vontade e de energia dirigida<sup>11</sup>.

As paixões consistiam, pois, na variação dos juízos daqueles que esperam, que aguardam e que vêem, intercalando sentimentos de dor e prazer por meio de suas percepções sensíveis. Já a mobilidade, a mutabilidade e a instabilidade dos indivíduos apaixonados derivam do prolongamento dos

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Cf. LACAN, J. **O Seminário**: livro 7. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, p. 298.

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> Cf. STAROBINSKI, J. **Ação e reação**: vida e aventuras de um casal. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 37.

efeitos de certas emoções em sua alma e da variação de certas propriedades físicas em seu organismo – como o quente e o frio, o seco e o úmido –, que são também qualidades físiológicas, pois reverberam nos indivíduos talhando e moldando-lhes o caráter, a personalidade, a têmpera. Tal quadro configuraria a galeria de tipos humanos aristotélicos, onde se encontrariam quatro figuras principais, correspondentes por sua vez à clássica teoria dos Quatro Humores: o sangüíneo (frio), o colérico (quente), o fleumático (constante) e o melancólico (inconstante)<sup>12</sup>. De todo modo, agente e paciente, emissor e destinatário, produtor e receptor, ator e espectador perfazem a base fundamental da interação humana na cena dramática, de resto um princípio comunicativo elementar, estabelecido em sua origem com um sentido unívoco e unilateral, fixo e estanque.

Vale a ponderação de que, em contraposição às postulações transcendentes da filosofia, a Antropologia despontaria no século XX com um projeto teórico alternativo não redutível à tradição das paixões filosóficas. Ela privilegiaria a apreensão da multiplicidade das categorias passionais elaboradas pelas diversas culturas, conforme aponta Louis Dumont, em citação a seu mestre Marcel Mauss: "As categorias aristotélicas não são as únicas que existem. Temos, em primeiro lugar, de organizar o maior catálogo possível das categorias." <sup>13</sup>.

Mas, seguindo Aristóteles, a condição de passividade ou de passionalidade própria das paixões, conquanto reveladora de uma imperfeição ontológica, não é percebida de maneira negativa. Auxiliares da razão, as paixões são dados da natureza humana e sobre elas se erigem a virtude, a ética e a educação. O domínio, a regulação e a utilização adequada das pulsões passionais constituem os atributos do ser virtuoso, de onde se originam seu caráter (ethos) e sua conduta racional, ao passo que o homem vicioso seria aquele cujo desregramento se evidencia na incapacidade de controlar a eclosão e o transbordamento das paixões. Na tragédia, a *catharsis* cumpriria um papel positivo de regulador da dinâmica passional, pois permitiria dar vazão a

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> Cf. ARISTÓTELES. **O homem de gênio e a melancolia**: o Problema XXX, 1. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998. Cf. também ALBENQUE, P. **A prudência em Aristóteles**. São Paulo: Discurso Editorial, 2003.

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> Apud DUMONT, L. **O individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985, p. 196.

sentimentos extremados vigentes no ser humano – a euforia, o excesso e a soberba desmesurada eram conhecidas pela cultura mediterrânica grega como *hybris*, conforme já salientado na Introdução<sup>14</sup> –, com a subseqüente restauração de seu equilíbrio e com o reencontro de sua medida.

Sob esse aspecto, parte da tradição ocidental, em paralelo ao legado aristotélico, desde a desvalorização dos afetos no estoicismo, através da reivindicação de uma postura *apática*<sup>15</sup>, até o dualismo substancialista das posições cartesianas, onde os desejos são descartados da natureza essencial da alma e as sensações obnubiladoras vindas do exterior são eliminadas por intermédio da depuração do intelecto, acentuou a dicotomia entre corpo e espírito, entre paixão e razão, entre objeto e sujeito, entre *pathos* e *logos*, com a prevalência do segundo sobre o primeiro. Mesmo quando se considera o significado de paixão em si, como o faz Hegel seguindo Aristóteles, a ambivalência de seu sentido se bifurca entre o *pathos* em sua acepção antiga – baixo, insignificante, menor –, assim como os gregos entendiam o patológico, e o *pathos* em sua acepção moderna – elevado, digno, profundo –, capaz de inspirar nobres sentimentos e grandes realizações, como o amor ou as obras de arte<sup>16</sup>.

A acentuação da antinomia sujeito-objeto no Ocidente, sistematizada com o pensamento de Descartes, e a manutenção da catarse como desígnio maior do teatro, desde sua enunciação nos fragmentos de Aristóteles, foram dois movimentos paralelos que se irradiaram até a época contemporânea. Nos limites da prática e da teoria teatral, o dramaturgo alemão Bertolt Brecht procurou efetuar a convergência dos dois fenômenos na primeira metade do século XX, mediante o exame dos impasses do teatro de seu tempo. Em relação ao primeiro movimento, Brecht demonstraria como o espaço cênico também seria atingido pela progressiva delimitação dos campos da subjetividade e da objetividade, com a clivagem instaurada entre o palco e a platéia em seguida ao ocaso do teatro elisabetano nos séculos XVI e XVII, onde floresceu a obra de Shakespeare. A ausência de separação nítida entre os que protagonizavam e os que assistiam às peças era própria de um teatro popular cujas origens remetiam

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> Cf. ROSENFELD, A. op. cit., p.42.

Cf. NUNES, B. "A paixão de Clarice Lispector". In: NOVAES, A. (Org.). Os sentidos da paixão. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 272.
 Cf. LEBRUN, G. op. cit., p. 24-25.

à tradição religiosa do mundo antigo e medieval. De acordo com a leitura nietzscheana do antropólogo italiano Massimo Canevacci:

"A origem da tragédia não conhece nitidez na cisão entre quem olha e quem é olhado, entre quem age e quem sofre a ação, entre quem é publicamente móvel e quem é privadamente imóvel. Quem participa da ação trágica – assim como da embriaguez orgiástica em honra de Dioniso – mantém originalmente a dialética de ser sujeito e objeto da história." <sup>17</sup>.

Com a perda do referencial sagrado, o alvorecer do teatro burguês na Renascença e sua evolução laica posterior no início do século XVII, quando o gênero dominava a literatura ocidental através de figuras como Calderón de la Barca, um dos representantes do Siglo del Oro espanhol, foram marcados pela introdução de uma divisão mais enfática entre o proscênio e o público, consubstanciado na hegemonia do palco italiano, uma novidade surgida por volta de 1530, com a introdução do fosso e da cortina, o que afetaria sobremaneira a relação entre representação e realidade, bem como a posição do espectador face ao espetáculo<sup>18</sup>. As transformações do palco italiano no teatro europeu incluíram, por exemplo, o desaparecimento do camarote real, com o fim do privilégio da visão perspectiva e absoluta do rei, uma demonstração dos nexos entre a forma da arquitetura teatral e a organização social assentada em novas classes sociais. Neste mesmo momento fenômeno concomitante sucedia na literatura, com a introdução do livro impresso, responsável por alterações profundas à medida que apartava o narrador de seu ouvinte, cindindo a comunicação direta deste par tradicional, separado agora em pólos antitéticos de experiência, a do escritor de um lado e a do leitor do outro, e exprimindo o

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> Cf. CANEVACCI, M. **Antropologia do cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 41. Cf. também LOPES, A. H. **História e performance**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994.

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> As informações aqui contidas derivam em grande parte da leitura do estudo do filósofo Gerd Bornheim acerca da obra de Bertolt Brecht e de apontamentos do próprio dramaturgo na década de 1920. Cf. BORHNHEIM, G. **Brecht, a estética do teatro**. Rio de Janeiro: Graal, 1992, p. 195. Cf. também BRECHT, B. "Davantage du bon sport". In: **Écrits sur le théatre**. Paris: L'Arche, 1963. As diferenças do público elisabetano no tempo de Shakespeare foram enfocadas pelo estudioso francês Guy Boquet e pelo crítico alemão Anatol Rosenfeld. Cf. BOQUET, G. **Teatro e sociedade**: Shakespeare. São Paulo: Perspectiva, 1989. Cf. também ROSENFELD, A. "Shakespeare e o pensamento renascentista". In: **op. cit.** 

início de uma viragem, com primazia da escrita sobre a oralidade no período moderno, conforme detectou o ensaísta alemão Walter Benjamin<sup>19</sup>.

A consecução de tais mudanças no contexto europeu não deixaria de suscitar controvérsias intelectuais no século XVIII, quando Jean-Jacques Rousseau instaura uma polêmica ao opor-se ao projeto de substituição do teatro clássico pelo drama moral-burguês em Genebra, sua cidade natal, como discorre em sua alentada carta a D'Alembert sobre os espetáculos<sup>20</sup>. Tendo sempre como paradigma implícito a tragédia grega, representada a céu aberto para a diversidade dos cidadãos atenienses, dispostos nos anfiteatros com capacidade para catorze mil lugares segundo a idade, o sexo e a ocupação profissional – sabe-se que membros do senado, efebos, estrangeiros e mulheres não apenas assistiam como comiam e bebiam durante a apresentação das peças<sup>21</sup> –, o filósofo franco-suíço contrapunha o teatro à festa pública, com a explicitação do caráter refinado do primeiro e o caráter democrático-popular do segundo.

Para Rousseau, cuja visão divergia de Descartes e de d'Alembert mas era congruente com os apontamentos de Diderot relativos à corrupção do gênero dramático, em um debate que incluía aspectos pedagógicos e propedêuticos e que se estenderia entre autores como Racine, Corneille e Lessing, a dimensão espacial não era um dado secundário ou irrelevante. A forma arquitetônica – em suas disposições geométricas circulares, cônicas ou poliédricas, abertas ou fechadas – determinava a composição e a qualidade do espetáculo, de modo que o teatro moderno colocava o espectador em uma posição de inércia e passividade:

"... não adotemos esses espetáculos exclusivos que fecham tristemente um pequeno número de pessoas num antro escuro; que o guardam tímido e imóvel no silêncio e na inação; que só oferecem aos olhos

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> BENJAMIN, W. "O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov" In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasilense, 1986, vol.1.

<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> Cf. ROUSSEAU, J.-J. **Carta a D'Alembert**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993. A polêmica também é circunstanciada por Richard Sennet em sua análise do mundo público no Antigo Regime. Cf. SENNET, R. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

<sup>&</sup>lt;sup>21</sup> Cf. BARTHES, R. "Le théâtre grec". In: **L'obvie et l'obtus**: essais critiques III. Paris: Éditions du Seuil, 1982, p 77 e 78.

paredes, pontas de ferro, soldados, aflitivas imagens da desigualdade e da servidão."<sup>22</sup>.

Em estudo sobre o teatro grego, o estruturalista francês Roland Barthes também sublinha as distinções formais dos locais onde se davam as representações cênicas na Antigüidade e na Idade Moderna:

"...contrairement à notre théâtre bourgeois, pas de rupture physique entre le spectacle et ses spectateurs; cette continuité était assurée par deux éléments fondamentaux, que notre théâtre a essayé récemment de retrouver: la circularité du lieu scénique et son ouverture. (...) De la salle obscure au plein air, il ne peut y avoir le même imaginaire: le premier est d'evasion, le second de participation."<sup>23</sup>.

Sem descurar de um balanço desse legado histórico, as considerações de Brecht tinham em mira tanto a finalidade do teatro aristotélico, com o primado da catarse, quanto os princípios estruturais da dramaturgia burguesa, assentados na dicotomia cartesiana sujeito-objeto e na relação que pressupõe a atividade do ator e a passividade do público. Os aspectos catárticos eram combatidos pelo dramaturgo uma vez que o teatro deveria ter como meta menos a identificação emocional do público com as personagens em cena e mais a produção do distanciamento e do estranhamento, condição necessária para um posicionamento reflexivo perante a realidade enfocada. A superação teórica e prática da poética de Aristóteles consistia na ultrapassagem do parâmetro teatral calcado no estilo dramático em favor de um teatro épico que integrasse diversão e aprendizagem, ensino e entretenimento, pedagogia e distração com vistas a impedir o processo ilusório de empatia e com vistas a despertar os questionamentos políticos do espectador sobre a realidade circundante. A reivindicação brechtiana postulava um nivelamento entre a força então hegemônica centrada na emoção e a condição marginal em que se encontrava o espírito crítico:

"....o que Brecht mais ataca em toda a tradição aristotélica é a função da catarse. Se o espectador deve ser purgado de certos sentimentos, ele

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup> Apud. PRADO JR., B. "Gênese e estrutura dos espetáculos (notas sobre a *Lettre à d'Alembert*, de Jean-Jacques Rousseau)". In: **Estudos CEBRAP**. São Paulo: Editora Brasileira de Ciências, 1975, n. 14, p. 22.

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup> Cf. BARTHES, R. **op. cit**, p. 76 e 77.

é 'engolido' pelo espetáculo, no sentido de que a sua atividade é gasta, usada. O importante, contudo, não é aliviar o homem ou melhorar a sua alma, mas despertar a atividade do espectador enquanto ser social."<sup>24</sup>.

Os escritos do *jovem* Brecht, que nas décadas de 1920 e 1930 vivia a ambiência da república de Weimar entre as duas grandes guerras mundiais, sob o influxo do materialismo dialético marxista e de estéticas vanguardistas como o expressionismo alemão, procuravam encontrar uma saída para a crise do teatro e do homem de sua época. Ante um diagnóstico que detectava o fracasso do teatro tradicional, com a evasão do público para outras esferas da vida cultural, sua apreciação buscava soluções fora dos círculos teatrais e dos ambientes artísticos situados a seu redor. Isto porque, se os apelos emotivos da catarse levavam a uma obliteração da realidade e a uma transformação do espectador em objeto passivo, desta feita à medida que seu comportamento se volta cada vez mais para as virtudes civilizadoras do refinamento, da distinção e da educação<sup>25</sup>, mediante peças de teor edificante e moralizante, o proclamado sucessor do teatro na emergente modernidade européia, o cinema, elevava ao máximo a dicotomia cartesiana sujeito-objeto e a condição inercial creditada ao público<sup>26</sup>.

Essa posição seria corroborada por Edgar Morin, um dos primeiros sociólogos franceses a se debruçar sobre o fenômeno da cultura de massas do século XX:

"... o espectador das 'salas obscuras' é, quanto a ele, sujeito passivo no estado puro. Não tem qualquer poder, não tem nada para dar, nem sequer aplauso. Paciente, suporta. Subjugado, sofre. Tudo se passa muito longe, fora do seu alcance. Mas ao mesmo tempo, e sem mais, tudo se passa dentro de si, na sua coenestesia psíquica, se assim se pode dizer. Quando os prestígios da sombra e do duplo se fundem na tela branca de uma sala noturna, perante o espectador, enfiado no seu alvéolo, mônada fechada a tudo, exceto à tela, envolvido na placenta

\_

<sup>&</sup>lt;sup>24</sup> Cf. BORNHEIM, G. "Questões do teatro contemporâneo". In: **O sentido e a máscara**. São Paulo: Perspectiva, 1969, p. 28 e 29. O teatro de vanguarda da segunda metade do século XX acentuaria o pendor antiaristotélico brechtiano. Em nível internacional, ele era representado por Ionesco, Samuel Beckett e Antonin Artaud; em nível nacional, por José Celso Martinez Corrêa e Augusto Boal, entre outros.

Augusto Boal, entre outros.

25 Os sociólogos Norbert Elias e Pierre Bourdieu dedicaram-se ao exame da incorporação de um conjunto de *habitus* por parte de determinados grupos sociais, com o propósito de estabelecer processos distintivos de notabilidade em torno de determinadas práticas tidas como elevadas, superiores e eruditas. Cf. ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. BOURDIEU, P. **La distinction**: critique sociale du jugement. Paris: Ed. de Minuit, 1992.

<sup>&</sup>lt;sup>26</sup> Cf. BORNHEIM, G. **Brecht, a estética do teatro**. Rio de Janeiro: Graal, 1992, p. 199.

dupla de uma comunidade anônima de obscuridade, quando os canais de ação se fecham, abrem-se as comportas do mito, do sonho e da magia.".<sup>27</sup>

Em verdade, a problemática da inércia e da passividade no mundo das artes já havia sido prenunciada pelo sociólogo alemão George Simmel em sua conferência de 1903, "A metrópole e a vida mental", quando apontou de modo sumário e esquemático as análises contidas em A filosofia do dinheiro (1900), obra opulenta que se debruça sobre as conseqüências da separação entre a cultura objetiva e a cultura subjetiva e suas implicações no tocante à formação da personalidade. A tragédia da cultura do ponto de vista simmeliano consistia na atuação de forças sociais esmagadoras sobre o indivíduo nos aglomerados humanos que constituíam as grandes cidades. A intensificação dos estímulos nervosos proporcionada pelo ritmo célere da vida urbana afetava os fundamentos sensoriais do universo psíquico, com reações do intelecto que se voltavam para a autoproteção e para o resguardo da individualidade frente aos imperativos da técnica, da quantificação e do anonimato nas metrópoles. Uma das expressões da sobrecarga a que se encontrava submetido o indivíduo neste meio era a atitude blasé, aquela do embotamento do poder de discriminar e de reagir às sensações advindas do exterior. Encerrado em sua subjetividade, desvalorizando os elementos externos do mundo objetivo à sua volta, o tipo blasé expressava para Simmel a última possibilidade de acomodação ao conteúdo e à forma nivelada da vida metropolitana<sup>28</sup>.

Entrementes, as primeiras teorias do cinema, elaboradas tanto por Siegfried Kracauer quanto por grandes diretores nas décadas de 1920 e 1930, como Sergei Eisenstein, não traziam acréscimos mais substantivos à definição geral do espectador, tal qual postulada para o espaço cênico, muito embora seja válida a ressalva de que sua matriz originária derivasse tanto do diálogo com o teatro quanto da interseção com outras esferas da arte, em particular, a pintura, a fotografia e a literatura. Em meio ao jogo dual entre projeção e identificação, o cineasta soviético amparava-se na reflexologia condicionada de Ivan Pavlov,

<sup>&</sup>lt;sup>27</sup> Cf. MORIN, E. "A alma do cinema". In: XAVIER, I. (Org.). A experiência do cinema: antologia. Rio de Janeiro: Graal / Embrafilme, 1983, p. 156. Cf. também MORIN, E. Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo. Rio de Janeiro: Forense, 1967.

<sup>&</sup>lt;sup>28</sup> Cf. SIMMEL, G. "A metrópole e a vida mental". In: VELHO, O. G. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1976, p. 12-17. Cf. também SIMMEL, G. **Philosophie de l'argent**. Paris: Presses Universitaires de France, 1987.

segundo a qual cada estímulo acarreta uma resposta calculável de modo quase imediato, a que agregaria, no decênio de 1930, as formulações tecidas pelo antropólogo Lévy-Bruhl sobre o "pensamento primitivo" e as idéias do psicólogo Vygotsy acerca da linguagem<sup>29</sup>. O processo psíquico, com fundo comportamental behaviorista, de indução do espectador a um determinado filme com características extáticas, onde os efeitos da luz de que se vale a técnica cinematográfica multiplicam em nível exponencial os estímulos quando comparados ao naturalismo do teatro, coloca o indivíduo em um estágio propício, do ponto de vista mental e intelectual, para o recebimento da obra. A reação a tal ordem de elementos pictóricos e imagéticos correspondia à geração do êxtase no espectador, o que equivale de modo literal a uma colocação "fora de si" (*ek-stasis*), em termos análogos ao pensado para o papel da emoção no alcance da catarse<sup>30</sup>.

A exposição desse quadro possibilita a observação de que não havia discrepâncias conceituais significativas na passagem da relação ator-espectador no teatro para a relação espectador-imagem no cinema. A montagem cinematográfica, segundo Eisenstein, levava em consideração o espectador como seu material e sua finalidade básica, em contraposição ao modelo de cinema narrativo forjado por Griffith nos Estados Unidos à mesma época, cujo objetivo pedagógico e moralizante sobressaía no intuito de constituir um público condizente com a modernidade burguesa norte-americana que cada vez mais se impunha ao mundo. Sorvida da experiência teatral, a visão utilitária e engajada de Einsentein acerca da função da sétima-arte não destoava da proposta de um teatro épico-didático formulado por Brecht, na medida em que, para o cineasta soviético, as emoções poderiam ser redirecionadas na configuração de um estado de espírito crítico. Não obstante a confluência de projetos, os dois autores, contemporâneos entre si, divergiam em relação ao método, pois, enquanto Brecht apregoava o estranhamento como princípio necessário para uma racionalidade indagadora e interpeladora, Eisenstein acreditava na aproximação sensorial despertada pelo fenômeno artístico como forma de produzir a conscientização:

<sup>29</sup> Cf. XAVIER, I. (Org.). **op.cit.**, p. 177.

<sup>&</sup>lt;sup>30</sup> Cf. AUMONT, J. **A imagem**. Campinas: Papirus, 1993, p. 86 e 95.

"Atração (do ponto de vista do teatro) é todo aspecto agressivo do teatro, ou seja, todo elemento que submete o espectador a uma ação sensorial ou psicológica, experimentalmente verificada e matematicamente calculada, com o propósito de nele produzir certos choques emocionais que, por sua vez, determinem em seu conjunto precisamente a possibilidade do espectador perceber o aspecto ideológico daquilo que foi exposto, sua condição ideológica final. (O processo do conhecimento – 'através do jogo das paixões' – específico ao teatro)." <sup>31</sup>

A despeito da tentativa teórica de aproximação de Eisenstein, a busca de Brecht por um novo modelo de público para o teatro não se contentaria com o suporte técnico proporcionado pelo cinema, muito embora o próprio dramaturgo tenha-o visto como um meio de alcançar as massas e tenha atuado nesta área de modo bissexto como diretor e roteirista de filmes. O empenho no encontro de um público participativo, que articulasse sentimento e razão, o levaria à passagem da consideração das *platéias artísticas* para as *platéias esportivas* que despontavam como novidade em Berlim durante a década de 1920, com o esplendor das suas grandiosas arenas, dotadas de infra-estruturas arquitetônicas capazes de abrigar milhares de aficionados dos mais variados matizes e dos mais diversos estratos sociais. Ao lado do cinema, os esportes configuravam um elemento típico da modernidade que passava de maneira crescente a angariar adeptos e entusiastas em toda a sociedade.

Dentre as modalidades esportivas, o boxe era aquela que causava mais fascinação e impacto no campo de experiência do dramaturgo, tendo em vista não só o encantamento com a gestualidade exibida pelos atletas, mediante a combinação de velocidade, força e tirocínio na superação do adversário – eram notórias sua admiração e sua amizade pelo campeão de peso médio Paul Samson-Körner, sobre quem começara a escrever uma biografia<sup>32</sup> –, mas também em virtude da forma de participação e do envolvimento contagiante do público no acompanhamento da luta. A sintonia entre o que ocorria no ringue e o que se dava no comportamento de seus admiradores, a aliar entusiasmo e

Cf. EISENSTEIN, S. "Montagem de atrações". In: XAVIER, I. (Org.). op. cit., p. 189 e 190.
 Cf. BORNHEIM, G. "Os pressupostos gerais da estética de Brecht". In: BADER, W. (Org.).

<sup>&</sup>lt;sup>32</sup> Cf. BORNHEIM, G. "Os pressupostos gerais da estética de Brecht". In: BADER, W. (Org.). **Brecht no Brasil**: experiências e influências. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 50. A plasticidade gestual presente em uma luta de boxe também despertou a atenção do contista argentino Júlio Cortázar, conforme examinou Gustavo Naves Franco em sua dissertação de mestrado. FRANCO, G. N. **Os gestos do desejo**: jogo, aspiração, modernidade e forma nos contos de Júlio Cortázar. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em História Social da Cultura / PUC-Rio, 2005.

razão, paixão e lucidez, sensibilidade e raciocínio pelo esporte através de um conhecimento objetivo pormenorizado das regras do jogo, em contraste com o alheamento e a indiferença dos espectadores de teatro verificados por Brecht, fazia-o exprimir-se em sentença lapidar: "Nos espoirs, c'est le public sportif qui les porte." 33.

Em reforço à perspectiva que utilizava o exemplo esportivo como saída para o impasse teatral, um estudo de Walter Benjamin consagrado a Brecht assim retratava a situação:

"O teatro épico se dirige a indivíduos interessados, que 'não pensam sem motivos'. Mas essa é uma atitude que eles partilham com as massas. No esforço de interessar essas massas pelo teatro, como especialistas, e não através da 'cultura', o materialismo histórico de Brecht se afirma inequivocamente. 'Desse modo, teríamos muito em breve um teatro cheio de especialistas, da mesma forma que um estádio esportivo está cheio de especialistas'."<sup>34</sup>.

Em texto benjaminiano clássico, "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica", a comparação também seria feita com o cinema:

"A técnica do cinema assemelha-se à do esporte, no sentido em que todos os espectadores são, em ambos os casos, semi-especialistas." <sup>35</sup>.

A assertiva esperançosa com que Brecht saudava o público especialista dos esportes no início do artigo escrito em um jornal berlinense em 1926, mesmo ano em que começa a falar de "teatro épico" e em que inicia intensos estudos marxistas e sociológicos<sup>36</sup>, seria indicativa para o historiador literário Hans Ulrich Gumbrecht de uma tendência intelectual à admissão dos eventos esportivos como sucedâneos das representações teatrais no período por ele denominado de *alta modernidade*<sup>37</sup>. Tendo por base um tipo de indagação próprio da tradição filosófica kantiana – "por que os atletas apreciam competir

<sup>34</sup> Cf. BENJAMIN, W. "Que é o teatro épico? Um estudo sobre Brecht". In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasilense, 1986, vol.1, p. 81.

<sup>&</sup>lt;sup>33</sup> Cf. BRECHT, B. **op. cit.**, p. 7.

<sup>&</sup>lt;sup>35</sup> Cf. Id. "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica". In: COSTA LIMA, L. **Teoria da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000, p. 239 e 240.

<sup>&</sup>lt;sup>36</sup> Cf. ROSENFELD, A. **O teatro épico**. São Paulo: Livro Técnico, 1965, p. 145 e 146.

<sup>&</sup>lt;sup>37</sup> Cf. GUMBRECHT, H. U. "Boxe". In: **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998, p. 222. Cf. também Id. **1926**: vivendo no limite do tempo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

e por que nós, espectadores, apreciamos assistir-lhes?" – Gumbrecht, professor de literatura comparada em Stanford, cujo interesse pela dimensão estética do futebol se delineou a partir da Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos, resultando na organização do dossiê "The Athete's Body" para a revista acadêmica *Stanford Humanities Review* em 1998<sup>38</sup>, às vésperas de outro campeonato internacional, se situaria na contracorrente da visão hegemônica mencionada no início do capítulo que tendia a separar teatro e esporte em consonância com as diferenças demarcadas entre as artes altas e as artes baixas, entre a chamada cultura erudita e a cultura popular, cisão efetuada de modo progressivo a partir do Renascimento, mas embaralhada no século XX com a conformação da cultura de massas. Em oposição a isto, Gumbrecht assinalava:

"... a imaginação dos intelectuais também aceita que a sobriedade, a tensão e a concentração são estados de espírito que o boxeador partilha com seus espectadores. Eis por que as multidões de boxe tornaram-se um ideal normativo para a audiência do teatro moderno (...). É quase uma provocação trivial dizer que os eventos esportivos, especialmente as lutas de boxe, acabarão substituindo o teatro." <sup>39</sup>

Um dos primeiros sociólogos franceses a estudar o esporte em moldes científicos nos anos de 1960, Georges Magnane, não ficou imune também a tal tipo de identificação, sendo o estádio um *locus* de sucessão dos espetáculos antigos, com a atualização das funções catárticas do teatro na vida contemporânea:

"... quando se eleva esse longo e intenso clamor, que pouco a pouco se transforma em canto de alegria, amplo como um mar que ribomba, rodopia e ferve, é impossível não sentir ali, debaixo do céu, muito mais do que na maior sala de espetáculos do mundo, a realização da *catharsis* coletiva esperada do teatro pelos gregos." <sup>40</sup>.

Vale a ressalva de que esse tipo de comparação analógica, às vezes pouco rigorosa ou carente de maior fundamentação, com o tempo seria disseminado pelos cronistas esportivos como uma maneira de fornecer imagens

<sup>&</sup>lt;sup>38</sup> Cf. GUMBRECHT, H. U. (Org.). "The Athlete's Body". In: **Stanford Humanities Review**. California: s.e., 1998, n.º 6.

<sup>&</sup>lt;sup>39</sup> Cf. Id. "Boxe". In: **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998, p. 222.

<sup>&</sup>lt;sup>40</sup> Cf. MAGNANE, G. Sociologia do esporte. São Paulo: Perspectiva, 1969. Cf. também LYRA FILHO, J. Introdução à psicologia dos desportos. Rio de Janeiro: Record, 1983, p. 116.

literárias hiperbólicas ao futebol, sendo Nelson Rodrigues o exemplo-mor do cronista que utiliza o "transbordamento de imagens" para falar do futebol. José Carlos Marques analisa o autor inclusive à luz das teorias de Severo Sarduy concernentes ao "espaço barroco", capaz de engendrar uma "sintaxe visual de relações inéditas"<sup>41</sup>. Já Bianca Pereira propõe uma aproximação entre a perspectiva empregada por Mikhail Bakhtin na análise de François Rabelais e a experiência e o exercício lúdico da linguagem efetuado por Nelson Rodrigues. Em um jogo fluido de imagens e representações, as máximas de suas crônicas transitam livremente entre a esfera sublime da arte e a realidade mais prosaica das partidas de futebol<sup>42</sup>.

Sem entrar amiúde na pertinência das analogias ou no mérito dos argumentos, deve-se atentar, outrossim, para as propriedades positivas – exclusivas e distintivas –, do esporte moderno divisadas por Brecht no entendimento do tipo de espectador que preconizava para o teatro.

Se já no século XVIII românticos alemães como Schiller, em suas *Cartas sobre a educação estética*, consideravam que "o homem joga somente quando é homem no pleno sentido da palavra, e *somente é homem pleno quando joga<sup>43</sup>*", em uma revelação da plenitude e da realização humanas alcançadas por tal atividade; se teóricos do jogo como o historiador holandês Johan Huizinga<sup>44</sup> sublinhavam na década de 1930 a perda dos traços culturais lúdicos mais puros, livres e desinteressados, de caráter arcaico e universal, com a introdução dos clubes e da seriedade do esporte competitivo organizado no último quartel do século XIX; ou ainda, se representantes do Colégio de Sociologia francês dos anos de 1940, como Roger Caillois, vinculavam o jogo ora ao sagrado – seguindo a tradição platônica – ora a uma tipologia identificadora de quatro propriedades intrínsecas à prática, a saber, a vertigem (*ilinx*), o simulacro

<sup>&</sup>lt;sup>41</sup> Cf. MARQUES, J. C. **O futebol em Nelson Rodrigues**: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000, p. 18.

<sup>&</sup>lt;sup>42</sup> Faz-se referência à dissertação de mestrado de Bianca Pereira, defendida no IUPERJ sob orientação de Ricardo Benzaquen. Cf. PEREIRA, B. C. V. "Literatura futebolística e brasilidade: uma leitura damattiana das crônicas de Nelson Rodrigues". In: **Revista Digital Enfoques**. <a href="http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/">http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/</a>. Rio de Janeiro, março de 2004, n.º 1. Acesso em: 09 de junho de 2007.

<sup>&</sup>lt;sup>43</sup> Cf. SCHILLER, F. **A educação estética do homem numa série de cartas**. São Paulo: Iluminuras, 1990, p. 84.

<sup>&</sup>lt;sup>44</sup> Cf. HUIZINGA, J. *Homo ludens*: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1971.

(mimicry), o combate  $(ag\hat{o}n)$  e a sorte  $(alea)^{45}$ ; o dramaturgo alemão adotava em contrapartida um espírito cientifico positivo que via tais atividades de modo descontínuo, porém afirmativo, em relação às demais formas de entretenimento legadas pela tradição antiga e medieval.

A ênfase na positividade da ruptura, por outro lado, apenas tangencialmente aproximava Brecht do sentido requerido em momento posterior pelo sociólogo alemão Norbert Elias e pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu<sup>46</sup>. Ambos os autores apontavam o hiato existente entre os esportes modernos e os passatempos rurais inscritos no calendário festivo e religioso até então, em favor de uma perspectiva que ressaltava o desenvolvimento específico de uma autonomia dos exercícios físicos e dos condicionamentos corporais próprios da ginástica nas public schools inglesas. Elias entendia os esportes originários da Inglaterra como um dos elos da cadeia de interdependência atuante na formação histórica do Estado moderno naquele país e na conversão da violência física em violência simbólica, por meio da introjeção de um conjunto de hábitos de civilidade na consciência individual. Para isto, contudo, o sociólogo alemão alicerçava-se ainda nos fragmentos aristotélicos da teoria do lazer, mormente o efeito da música e da tragédia nas pessoas, com a incorporação de dois conceitos, o de mimesis e o de catarse, em suas reflexões sobre o esporte moderno<sup>47</sup>.

A clivagem entre jogo e esporte na ótica brechtiana segue suas observações críticas acerca da função da representação na dramaturgia ocidental - em particular, a relação da consciência com o binômio realidade/ilusão e os efeitos da fragmentação perceptiva sobre a totalidade do espaço cênico – e sua revisão da ordem de correlação entre os termos sujeito e objeto nos espetáculos da modernidade. A transição do jogo para o esporte obedeceu à mesma lógica da trajetória do teatro no Ocidente, com a naturalização da dicotomia corpo/espírito no pensamento filosófico e na tradição da ratio ocidental de Aristóteles a Descartes e com a destituição de seu

<sup>&</sup>lt;sup>45</sup> Cf. CAILLOIS, R. Les jeux et les hommes: le masque et le vertige. Paris : Gallimard, 1995, p.

<sup>&</sup>lt;sup>46</sup> Cf. BOURDIEU, P. "Como é possível ser esportivo". In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. Cf. ELIAS, N.; DUNNING, E. "Le football populaire dans l'Angleterre médiévale et prémoderne". In: Sport et civilisation: la violence maîtrisée. Avantpropos de Roger Chartier. Paris: Fayard, 1994.

47 Cf. Id. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1995, p. 121 e 122.

referencial sagrado originário, articulado à dimensão cósmica integradora da música, do ritual e da festa. Enquanto o jogo promovia a ligação do homem no cosmo através das festas e das atividades lúdicas acopladas ao calendário litúrgico medieval, o esporte incidia de maneira progressiva no abstrato durante o período moderno.

A ubiquidade dos princípios do jogo, presentes em diversas esferas da vida social – no direito, na política, na cultura, na religião – é abstraída pela separação do esporte, que institui um universo à parte, dessacralizado, delimitado e preciso. Ao contrário da tendência verificada no século XX, com a tentativa de restituição de experiências lúdicas originárias nas artes dramáticas, no balé ou na pantomima, que se valem do jogo mediante a conexão entre movimento, música e corpo, anterior à dualidade sujeito-objeto, Brecht mantém-se circunscrito à divisão operada pelo âmbito esportivo e procura extrair dele não o conteúdo mas a forma para o teatro épico que então postulava.

Tal forma se opunha ao modelo narrativo preestabelecido pelo teatro ao seu público, pautado nas regras aristotélicas de verossimilhança e de continuidade ilusionista, com uma estrutura de início-meio-fim já dada de antemão, fatalismo a que o espectador contribuía tão-somente com o alívio subsequente ao clímax e com a purgação de seus sentimentos. Para o escritor italiano Umberto Eco, eis as linhas mestras da abertura épica brechtiana que iam de encontro à estrutura dramática tradicional:

"Se examinarmos a poética teatral de Bertolt Brecht, encontraremos uma concepção da ação dramática como exposição problemática de determinadas situações de tensão; propostas estas situações – segundo a conhecida técnica da recitação 'épica', que não quer sugestionar o espectador, mas apresentar-lhe de modo distanciado, *estranhado*, os fatos a observar – a dramaturgia brechtiana, em suas expressões mais rigorosas, não elabora soluções; caberá ao espectador tirar conclusões críticas daquilo que viu." <sup>48</sup>.

Privado de referentes transcendentais, o formato esportivo oferecia espaço à indeterminação, à descoberta e à experimentação, onde o indivíduo que o fruía podia intervir com seu intelecto e sua sensibilidade. De modo

\_

<sup>&</sup>lt;sup>48</sup> Cf. ECO, U. **Obra aberta**: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 1969, p. 49.

aproximado aos "experimentos" das ciências naturais, o dramaturgo postulava suas peças como *locus* para experimentos sociológicos de suas teorias. A manutenção da hegemonia sujeito-objeto, em um mundo a ser construído pelo homem com o ocaso da metafísica, somada à abertura estrutural da cena esportiva, com sua dinâmica sem fim predeterminado, proporcionaria uma mudança na relação ator/espectador do teatro quando considerada a díade atleta/espectador nos esportes. À passividade contemporânea do teatro burguês, cuja meta passava a ser o esquecimento da realidade, segundo o diagnóstico de Brecht, corresponderia a postura ativa consciente como princípio inovador observado no comportamento do espectador esportivo. Ainda em seqüência à argumentação do estudioso da obra brechtiana, Gerd Bornheim:

"... em Brecht, a decisão é tomada a favor do esporte, fincado dentro dos limites da dicotomia sujeito-objeto. A evolução futura de Brecht está aqui: ele respeitará sempre a dicotomia sujeito-objeto, mas tentará também transformar o comportamento interno dos dois termos que a compõem: em vez de aceitar a relação de atividade (sujeito-espetáculo) e passividade (objeto-público), elaborará técnicas para mudar esse esquema em relações de atividade: o sujeito-espetáculo ativo exige a resposta de um objeto-público igualmente ativo. Mas isso sem abandonar jamais a dicotomia.". 49

O dramaturgo endossa a postura por ele denominada "científica" do público, decorrente da estrutura formal do esporte, pois seu espectador é aquele que a seu ver apresenta uma capacidade dupla: ele sabe julgar com objetividade, o que o leva a um distanciamento crítico por intermédio do conhecimento das leis da partida, bem como dos seus aspectos técnicos e táticos; e ao mesmo tempo ele é capaz de se entusiasmar com facilidade, o que gera um envolvimento direto com o desenrolar dos acontecimentos da partida. Em detrimento da mera assistência passiva, a intervenção do espectador seria um emblema da experiência autêntica por parte do sujeito<sup>50</sup>, com o estabelecimento de um olhar distanciado que conjuga frieza e excitação, calma e inquietude, ponderação e nervosismo.

<sup>49</sup> Cf. BORNHEIM, G. "A linguagem do esporte". In: **Brecht, a estética do teatro**. Rio de Janeiro: Graal, 1992, p. 96.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>50</sup> Em ensaio instigante, Gumbrecht discute a cisão corpo-espírito no Ocidente e seus efeitos nos esportes e na experiência literária da modernidade. GUMBRECHT, H. U. "É apenas um jogo': história da mídia, esporte e público". In: **Corpo e forma**: ensaios para uma crítica não-hermenêutica. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998, p. 118.

Com efeito, segundo a observação do crítico acima aludido, a história do público não se restringiria desde então apenas ao ato de ver, pois as formas de acompanhamento do espetáculo esportivo minimizaram a onisciência do olhar, tornando-o secundário. A condição de permanecer sentado deixou de ser o denominador comum do assistente e passou a incluir não só os gestos e a agitação dos corpos mas também a fala e toda sorte de gritos, comentários, interjeições, apupos, ovações, além das palmas contínuas no transcorrer da contenda. Isto se opunha a uma recente tradição oitocentista instaurada no teatro, na ópera, no balé e em outras modalidades de concerto clássico onde os aplausos eram reservados ao final da apresentação como relaxamento da tensão, em consonância com os códigos de etiqueta estudados por Elias<sup>51</sup>.

O aburguesamento do teatro europeu foi, pois, concomitante à introdução da disciplina do silêncio nas platéias londrinas e parisienses do século XIX, conforme demonstra o estudioso da formação do domínio público no Ocidente, o escritor norte-americano Richard Sennet:

"Refrear as emoções no teatro passou a ser um traço distintivo para que as classes médias das platéias se separassem das classes operárias. Uma platéia 'respeitável', por volta de 1850, era uma platéia que podia controlar os seus sentimentos por meio do silêncio. A espontaneidade antiga era tida como 'primitiva'"<sup>52</sup>.

O elogio tecido ao público de esporte por Brecht na década de 1920 pode ser mais bem compreendido caso se considere que seus pontos de vista iam de encontro ao pensamento de autores como Oswald Spengler, cuja tese apresentada em sua volumosa obra *A decadência do Ocidente* tinha vindo a lume em 1918 e se popularizara com rapidez na Europa no decênio seguinte<sup>53</sup>. Nela, o autor defendia o argumento determinista, claramente inspirado em analogias retiradas da biologia, segundo o qual todas as sociedades humanas, em quaisquer épocas, após vicejarem, florescerem e amadurecerem, estariam fadadas ao perecimento. Balizado por uma diferenciação entre a idéia de

 <sup>&</sup>lt;sup>51</sup> Cf. LOPES, J. S. L. "Esporte, emoção e conflito social". In: **Revista Mana**: Estudos de Antropologia Social. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995, vol.1, n. 1, p. 155.
 <sup>52</sup> Cf. SENNET, R. **op. cit.**, p. 256.

<sup>&</sup>lt;sup>53</sup> A tiragem alemã de 1924 alcançou 140 mil exemplares. Cf. SPENGLER, O. **A decadência do Ocidente**: esboço de uma morfologia da História Universal. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964, p. 09.

cultura e a de civilização – diferenciação por sinal radicalmente distinta da que faria pouco depois Norbert Elias na descrição do *processo civilizador*, tendo a primeira um cunho nacional e a segunda um caráter universalista –, Spengler sustentava que toda etapa histórica cultural marcada pela ascensão e pela criatividade era sucedia por uma etapa civilizatória ulterior caracterizada pela queda e pela imitação decadente.

Ainda que somente aparecesse citado em traços ligeiros no décimo segundo capítulo de seu trabalho, o fenômeno esportivo não deixaria de ser apreciado pelo autor como uma expressão do declínio do jogo e, por conseguinte, como mais um sintoma do destino inexorável de decadência do mundo ocidental. Em versão condensada do livro de Spengler, disponível ao público brasileiro, encontra-se a seguinte passagem:

"A tensão intelectual não conhece senão uma única forma de recreio, a especificamente metropolitana: o oposto da tensão, a 'diversão'. O Cinema, o Expressionismo, a Teosofia, as lutas de boxe, as danças negras, o pôquer, as apostas nas corridas de cavalo – tudo isso poderá ser reencontrado em Roma." <sup>54</sup>.

Na mesma proporção em que a cultura helênica tinha sido responsável pelo florescimento dos jogos olímpicos e da ginástica na Grécia antiga, tal gênero atlético havia sido corrompido pela degradação do circo no Império Romano, com o *panis et circencis* narcotizante oferecido às massas; do mesmo modo que o jogo era uma prática lúdica espontânea, criada para ser exercida sem pretensões e de modo livre, esta atividade estava sendo substituída e deturpada pelo utilitarismo dos esportes competitivos nos estádios europeus, onde se assistia à histeria coletiva do público e ao amestramento dos jogadores. À visão decadentista preconizada por Oswald Spengler em 1918, cujas apreciações sobre os pares jogo/esporte e cultura/civilização passaram ao largo do crivo de Johan Huizinga em 1933, durante sua aula inaugural como reitor da Universidade de Leiden, na Holanda, onde apresenta seu primeiro esboço reflexivo a respeito da dimensão universal do *hommo ludens*, uma década depois da publicação do clássico *O declínio da Idade Média* (1924)<sup>55</sup>, em que

\_

<sup>&</sup>lt;sup>54</sup> Cf. **ibid**, p. 282.

<sup>&</sup>lt;sup>55</sup> Cf. HUIZINGA, J. **O declínio da Idade Media**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

também tematiza os estertores de uma fase da civilização ocidental, sucedia a visão afirmativa salientada por Bertolt Brecht acerca do público esportivo.

Ela evidencia a discrepância das interpretações atinentes à construção da imagem do torcedor de futebol durante o século XX. Em que pese a proximidade do pensamento brechtiano com as idéias estéticas marxistas veiculadas nas décadas de 1930 e 1940, sua valorização da experiência do espectador esportivo afiguraria-se uma voz isolada, sem encontrar eco entre os expoentes da Escola de Frankfurt. Mesmo outro autor dissonante nesse contexto, o *jovem* Gramsci, seria incapaz de reverter tal imagem no campo do pensamento marxista. Em breve artigo escrito para o jornal italiano *Avanti!*, a 26 de agosto de 1918, ele saúda o futebol e os esportes modernos realizados em espaços abertos, protótipos do espírito de iniciativa, da ética individualista e da igualdade perante a lei, em oposição a jogos como o baralho, realizados nos ambientes fechados e obscuros dos botequins, sujeitos a trapaças e a desrespeitos às regras.

O artigo causa espanto porquanto ele contém *insights* originais que mais tarde seriam fisgados e desenvolvidos pela Antropologia Social: no Brasil, por Roberto DaMatta; na Argentina, por Eduardo Archetti; e na França por Christian Bromberger. Entre os artistas internacionais filiados em algum grau ao marxismo, Gramsci teria a companhia de um conterrâneo, o cineasta Pier Paolo Pasolini, que escreveu crônicas sobre futebol entre as décadas de 1950 e 1970. Ao contrário da admiração de Brecht pelo boxe, Jean-Paul Sartre considerava-o a expressão do capitalismo<sup>57</sup>, sendo mais sensível ao futebol como fenômeno esportivo pleno, influenciado para isto pela argumentação e pela vivência do amigo Albert Camus, relatada no romance *A queda*: "Les matchs dans un stade plein à craquer et le théâtre, que j'ai aimé avec une passion sans égale, sont les seuls endroits du monde où je me sente innocent." <sup>58</sup>.

Como é sabido, os frankfurtianos tenderiam a ler o esporte na chave da alienação da consciência na vida moderna, decorrente da divisão do trabalho, e

<sup>&</sup>lt;sup>56</sup> Cf. GRAMSCI, A. "O futebol e o baralho". In: **Escritos políticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

<sup>&</sup>lt;sup>57</sup> Cf. MURAD, M. **A violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, p. 85.

<sup>&</sup>lt;sup>58</sup> Cf. CAGNACCI, A. **Pays du foot**: une passion et des styles. Paris: Éditions Autrement, 1998, p. 70.

a associar as suas afinidades estruturais à ideologia do mundo industrial, aprisionadora da mente e do corpo do indivíduo. Embora a compreensão da ocupação do tempo livre por Theodor Adorno tenha sido feita com base na leitura da teoria da classe ociosa de Veblen, de 1905, pode-se especular o quanto a visão degradante acerca do esporte apontada por Spengler se incorporou, ainda que de modo indireto ou não intencional, ao discurso corrente do marxismo, em sua versão mais prosaica, lata e vulgar, com a atribuição ao futebol do estereótipo de *ópio do povo* – sendo o torcedor a expressão mais rasa, mais chã deste –, transladado da esfera institucional religiosa para a esfera institucional esportiva na modernidade.

Dessa maneira, toda uma tradição que nasce no final do século XIX com Thorstein Veblen e vai até o século XX com Oswald Spengler, passando por José Ortega y Gasset e Theodor Adorno, chegando até Henri Lefèvre e Jünger Habermas, e destes a comentaristas como Umberto Eco<sup>59</sup>, contribuiu para associar de modo ensaístico e pontual o comportamento da multidão de futebol ao fanatismo, à decadência e à alienação. Isto foi feito ainda em abono – explícito ou implícito – à valoração negativa mais abrangente estabelecida por uma outra linhagem de pensadores, como Gustave Le Bon e Gabriel Tarde, Sigmund Freud e Wilhelm Reich, que se debruçaram, cada um à sua maneira, na análise da *psicologia das massas* típica do Novecentos.

Em momento posterior, na segunda metade do século XX, com uma atuação já em âmbito mais sistemático e institucionalizado, estudiosos contemporâneos como Jean-Marie Brohm, Juan José Sebreli e Roberto Ramos – para citar um francês, um argentino e um brasileiro – seriam emblemáticos de tal tipo posicionamento, calcado em pressupostos frankfurtianos, que dariam corpo na década de 1960 à chamada Teoria Crítica do Esporte<sup>60</sup>. O comportamento do torcedor foi confinado a uma manifestação emotiva em

<sup>&</sup>lt;sup>59</sup> Cf. ECO, U. "A falação esportiva". In: **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

<sup>&</sup>lt;sup>60</sup> Sobre esta, além da referência já assinalada na Introdução, ver o trabalho de Valter Bracht. Cf. BRACHT, V. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. Ijuí: Editora Ijuí, 2003. Cf. RAMOS, R. Futebol: ideologia do poder. Rio de Janeiro: Vozes, 1984. Cf. também SEBRELI, J. J. "El hincha". In: La era del fútbol. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998. Cf. ainda BROHM, J.-M. La tyrannie sportive: théorie critique d'un opium du peuple. Beauchesne: Paris, 2005.

estado bruto, próxima da irracionalidade e, por conseguinte, da natureza<sup>61</sup>. Só assim seria possível entender a visão que ficou cristalizada a seu respeito, com a percepção da instabilidade e da variação emocional dos seus humores, no sentido proposto remotamente por Aristóteles, embora, ainda aqui, na contrafação da idéia de genialidade que emerge associada à melancolia no Renascimento<sup>62</sup>: atitudes pendulares e violentas, oscilantes e basculantes, dadas a interpolações extremadas e a exclamações inflamadas, a urros vociferantes, a súbitos desatinos.

Assim, sem atentar para as virtudes entrevistas por Brecht em relação ao distanciado porém consciente e rigoroso espectador moderno, notadamente o público de boxe dos anos de 1920, em um cotejo original, fundamentado do ponto de vista histórico na evolução do binômio sujeito-objeto, com as platéias de teatro; sem considerar a passagem de um paradigma passivo para um paradigma ativo no interior da discussão hegeliano-dialética do marxismo, com a investigação das formas de contemplação no Ocidente e com a constituição processual da dinâmica comunicativa e participativa dos espetáculos esportivos; sem atinar para a possibilidade da existência de uma conduta consciente, racional e equilibrada, o domínio de uma razão torcedora, ao lado daquela que assevera a exclusividade do indivíduo cujas manifestações são, via de regra, exaltadas e exacerbadas, para não dizer descontroladas e irracionais; e, por fim, sem avaliar as heterogeneidades sociais e culturais do futebol, reivindicadas com mais ênfase pela Antropologia a partir da década de 1990, a figura do torcedor seria grosso modo relegada por parte significativa dos intelectuais e, por extensão, pelo senso comum no decorrer do século XX à condição de tábula rasa, a uma derivação patológica das emoções oferecidas pela matriz aristotélica da catarse teatral, com o reabastecimento ilusório das energias despendidas na lida cotidiana e com o desvirtuamento dos sentidos concretos que ligam o ser humano à realidade.

<sup>61</sup> Esse é o ponto crítico de que parte o antropólogo Arlei Damo, na apresentação do premiado livro de Luiz Henrique de Toledo. Cf. DAMO, A. S. "Torcidas organizadas de futebol – resenha". In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996, n. 31, p. 194.

<sup>&</sup>lt;sup>62</sup> Cf. SCLIAR, M. Saturno nos trópicos: a melancolia européia chega ao Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

## 1.2 Do carisma pedagógico à retórica da humildade

A aparência de uniformidade e de mediania atribuída ao perfil geral do espectador de esportes, e ao torcedor de futebol em específico, não seria apenas traçada por alguns expoentes da inteligentsia acadêmica e artística internacional, dedicada em ocasiões tópicas à reflexão sobre a incidência do fenômeno da cultura de massas na elaboração da subjetividade e dos tipos humanos sociais durante o século XX. No âmbito particular do esporte, vários agentes contribuiriam para enfeixar um conjunto de imagens tidas como características e idiossincráticas do seu público assistente, em correspondência com o processo de transformações históricas por que passou o futebol, tendo em vista a sua crescente popularização, profissionalização e massificação, cujo marco no Brasil remonta aos anos de 1930. Enquanto artistas e intelectuais teciam suas interpretações abrangentes sobre o papel do espectador, quer nas artes quer nos esportes, de maneira ensaística, episódica ou circunstancial, a proposição e a prescrição de um modelo de comportamento mais determinado para os torcedores eram urdidas por especialistas letrados do meio futebolístico, com destaque para jornalistas e cronistas esportivos<sup>63</sup>.

Sabe-se que a difusão internacional dos esportes modernos originados na Inglaterra se deu na virada do século XIX para o século XX e que, dentre eles, o *football association* se disseminou com maior êxito graças à sua capacidade extraordinária de transposição de fronteiras geográficas, econômicas e sociais. No bojo da concorrência imperial britânica pela dominação de portos e pela construção de estradas de ferro, cada colônia, ex-colônia ou república emergente assimilou em escala local não somente as respectivas práticas esportivas como também a constelação lingüística subjacente a elas<sup>64</sup>. Conquanto se ressaltasse a universalidade de suas regras e normas, válidas para qualquer espaço e tempo de maneira indiscriminada, a criação de tradições

<sup>&</sup>lt;sup>63</sup> Segue-se a subdivisão, já mencionada na Introdução, estipulada na França por Pierre Bourdieu e no Brasil por Luiz Henrique de Toledo. Os *especialistas* seriam responsáveis pela intermediação material, simbólica e tecnológica dos *torcedores* com os *profissionais* (jogadores, técnicos, juízes, dirigentes), em uma integração que compõe a base tripartite ou a estrutura ternária do campo esportivo. Cf. BOURDIEU, P. "Programa para uma sociologia do esporte". In: **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 218. Cf. também TOLEDO, L. H. de. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec / Fapesp, 2002, p. 15 e 160.

 <sup>&</sup>lt;sup>64</sup> Cf. ELIAS, N. "A gênese do desporto: um problema sociológico". In: ELIAS, N.; DUNNING,
 E. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1995, p. 187.

nacionais vinculadas a tais atividades adquiriu diferentes contornos segundo as fases de evolução e de desenvolvimento do futebol em cada país.

Isso pode ser aferido na gama de vocábulos nativos, de expressões peculiares e de significados próprios a cada língua, no intercâmbio circular entre os registros falado e escrito, erudito e popular, de que tratam em outro contexto histórico Bakhtin e Ginzburg<sup>65</sup>. Durante a década de 1980, Peter Burke e um grupo de pesquisadores ingleses dedicaram-se também ao desenvolvimento de uma história social da linguagem, que resultou na organização de uma trilogia sobre o assunto. A dinâmica da análise lingüística não se confinaria ao relato de suas transformações filológicas e semânticas, mas compreenderia a busca de sentido e a sua repercussão na sociedade, uma vez que a linguagem é uma instituição social de importância capital na comunicação cotidiana, permitindo a constituição de identidades e a inclusão simbólica de subgrupos<sup>66</sup>.

Assim, a incorporação vocabular se deu em paralelo à invenção de estilos nacionais do jogo, com a inovação de aspectos técnicos e táticos mais convencionais e hegemônicos. À importação inicial de elementos estrangeiros que denotavam erudição, absorvidos em princípio de modo integral, sobrepôsse uma aclimatação e uma reconversão histórica paulatina no nível da ação e da representação do fenômeno esportivo. A esfera representativa da linguagem, circunscrita em seus primórdios ao discurso dos benefícios ético-morais oferecidos pelos exercícios físicos na conformação espiritual dos indivíduos de *ethos* aristocrático e burguês, ou no condicionamento e no controle do labor operário, alargou o seu raio de influência na proporção em que o acompanhamento dos campeonatos das ligas amadoras se tornou um hábito e uma constante em diversos países no limiar do século XX.

<sup>65</sup> Sobre a relação entre os dois autores, sugere-se o ensaio da antropóloga Karina Kuschnir. Cf. KUSCHNIR, K. "Bakhtin, Ginzburg e a cultura popular". In: Cadernos de Campo. São Paulo: s.e., 1993, n. 3.

<sup>66</sup> Cf. BURKE, P.; ROY, P. (Orgs.). Linguagem, indivíduo e sociedade. São Paulo: Editora UNESP, 1994. Cf. também Id. História social da linguagem. São Paulo: Editora UNESP, 1997. Cf. ainda Id. Línguas e jargões: contribuições para uma história social da linguagem. São Paulo: Editora UNESP, 1997. No Brasil, dois trabalhos precursores na área de Letras tangenciaram a temática, com uma análise do léxico esportivo. Cf. FERNÁNDEZ, M. do C. L. de O. Futebol fenômeno lingüístico: análise lingüística da imprensa esportiva. Prefácio de Mônica Rector. Rio de Janeiro: PUC; Editora Documentário, 1974. Cf. também PROENÇA, I. C. Futebol e palavra. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1981.

O prazer provocado pelo ato de jogar logo chamou a atenção e veio a ser cultivado por aqueles que descobriram a emoção ensejada pelo comparecimento nas disputas. De início restrita a sócios dos clubes e a familiares dos jogadores, cedo a atividade se propagou entre outros estratos econômico-sociais com a disseminação do futebol nas companhias industriais, nos clubes recreativos, nos logradouros públicos e nos terrenos baldios. Neste sentido, coube a Eric Hobsbawm assinalar em breves linhas como a restrição do futebol aos círculos de elite foi ultrapassada rapidamente na Inglaterra do último quartel do século XIX pelas classes operárias britânicas, que se apropriaram deste esporte tanto em sua prática quanto em sua apreciação. E junto a este autor, na virada dos anos de 1970 para 1980, outros historiadores aprofundaram estudos sobre as origens histórico-sociais do futebol nas cidades inglesas<sup>67</sup>.

Quanto mais o gosto pelo ato de ver as competições esportivas se incrementou, mais os comentários sobre os mesmos se multiplicaram no dia a dia e mais a edificação de espaços físicos adequados para a acomodação deste público incipiente fez-se necessária. A cobertura jornalística dos eventos futebolísticos, porquanto estes ganhavam importância social para além dos limites esportivos, não apenas atendeu a esta demanda como tratou de fomentála e vislumbrou em tal meio o potencial de um espetáculo articulado ao mundo da leitura e do consumo de periódicos, o que foi levado a termo de modo mais incisivo e explícito na década de 1930. Além da fixação da crônica esportiva como um gênero especializado na mídia impressa, o plano lingüístico foi desenvolvido também nos anos de 1930 pelo advento da cobertura esportiva do rádio no Brasil. A elocução radiofônica tanto forjou quanto dinamizou e propalou inúmeras expressões da fala corrente nos estádios<sup>68</sup>. Até então, especialistas eram convocados a fazer a crônica dos jogos em linguagem grave

<sup>&</sup>lt;sup>67</sup> Cf. HOBSBAWM, E. J. **Mundos do trabalho**: novos estudos sobre história operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. Cf. também MASON, T. "L'équipe d'Angleterre, entre clubs et nation". In: **Sociétés et représentations**. Paris: s.e., 1998, n° 7. Cf. ainda KORR, C. "Une rhétorique de la famille: West Ham United". In: **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**. Paris: s.e., 1994, n. 103.

<sup>&</sup>lt;sup>68</sup> Cf. LOPES, J. S. L. "A vitória do futebol que incorporou a pelada". In: **Revista USP**. São Paulo: s.e., 1994, n. 22. Os marcos e a problemática geral da introdução dos meios de comunicação de massa no país, bem como suas implicações culturais na constituição de uma identidade nacional, foram analisados pelo sociólogo paulista Renato Ortiz. Cf. ORTIZ, R. **A moderna tradição brasileira**: cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 1988.

e altissonante, própria à estilística do período, com a acentuação em seus relatos da aura de elegância e distinção que circundava as partidas, tal como se verificou na *belle-époque* do Rio de Janeiro da década de 1910<sup>69</sup> e tal como já ocorria com as corridas de cavalo e com as competições de remo na cidade em fins do século XIX<sup>70</sup>.

Os primeiros apontamentos dos cronistas na descrição dos acontecimentos esportivos transpunham os termos cunhados no original britânico quando as abordagens se atinham a propriedades estritas dos componentes do jogo – a posição dos atletas no campo, os utensílios materiais e a infra-estrutura requerida pela prática - ao passo que as reportagens da imprensa deram margem de modo progressivo ao aparecimento de novas expressões para retratar a atmosfera e a ambiência das arquibancadas e das gerais. Assim, poucas alterações foram verificadas em relação ao repertório técnico. A grafia da palavra football, por exemplo, manteve-se conservada durante tempo considerável em quase todos os lugares e assistiu a variações vocabulares pouco expressivas: na França foi adotada a palavra football; na Alemanha, fussball; na Espanha, na Argentina e no Uruguai, fútbol. No Brasil, a substituição do *football* pelo abrasileiramento lingüístico *futebol* data somente da década de 1950.

A exceção seria a Itália, onde se preferiu o *calcio*, termo autóctone pertencente à tradição renascentista de um remoto jogo com bola em Florença, e salvo as ex-colônias britânicas, como os Estados Unidos, a Austrália e o Canadá, onde se instituiu o *soccer*, contração da palavra *association*<sup>71</sup>, como forma de diferenciação do *football rugby* –, um grau de relativa liberdade e fluidez lingüística foi concedido aos cronistas na caracterização dos tipos humanos que acorriam às praças esportivas.

<sup>&</sup>lt;sup>69</sup> É vasta a literatura que enfatiza os aspectos distintivos do futebol nos primeiros decênios do futebol no Brasil, sendo vulgarizado no senso comum o imaginário exclusivamente elitista voltado para a descrição dessa época. Sob o rigor científico, além da tese do historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira, já mencionada na Introdução, indica-se a leitura de um ensaio do mesmo autor. Cf. PEREIRA, L. A. de M. "Pelos campos da nação: um *goal-keeper* nos primeiros anos do futebol brasileiro". In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997, nº 19.
<sup>70</sup> Cf. MELO, V. A. de. **Cidade Sportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. Cf. também NEEDEL, J. **Belle-époque tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
<sup>71</sup> Cf. MÁXIMO, J.; WERNECK, J. L. "Futebol". In: **Enciclopédia Mirador Internacional**. Rio de Janeiro / São Paulo: Enciclopédia Britânica do Brasil, 1990, vol. 10, p. 5030.

A variedade conotativa atribuída à figura do espectador de futebol, que não se subsumia como nos outros casos à cópia da matriz originária inglesa, revela a direção impressa por estes escritores na observação e na fixação de uma imagem para este recém-integrado personagem do futebol. Em cada país, nomes escolhidos para mencionar os espectadores apresentariam singularidades e sutilezas muito específicas, integrando-se por vezes ao estoque e ao repertório de "lendas locais". Mas é possível observar em quase todos eles, em consonância com a matriz aristotélica da catarse, estudada no primeiro item deste capitulo, o acento de uma qualidade sensório-motora, de uma reação patológica, de uma pulsão física e orgânica, que supostamente atenderia à tradução mais fidedigna da vivência emocional dos envolvidos com a observação de uma partida. Assim, a heteronomia das palavras em seu contexto nacional não equivalia a uma polissemia muito distinta do que se interessava frisar em um plano geral, onde o élan catártico ressurgia com todo seu vigor metafórico. Longe de ser uma nomeação desinteressada ou fortuita, seus significantes traziam embutidos consigo uma série de valores e conteúdos sugestivos, porém semelhantes, daquilo que se acreditava como intrínseco e essencial à sua condição.

No final do século XIX, a Inglaterra consagraria dois termos específicos para fazer menção ao espectador de futebol: *fan*, abreviação de *fanatic*, palavra de raiz religiosa ligada, por um lado, à idéia de devoção e doação e, por outro, à de exaltação e idolatria; e *supporter*, derivação de *to support*, verbo que implica defender, apoiar, incentivar. Se na França o léxico seria vertido em sua integralidade, *le supporteur*, o mesmo não ocorreria em outras regiões latinas da Europa e da América do Sul, onde o futebol primeiro se espraiou. Na Itália, por exemplo, a categoria adotada na década de 1920 seria uma expressão de origem médica, *tifosi* ou *tifoso*, aquele que é acometido por uma febre (*tifo*), o que remete à imagem do estado febril de quem é contagiado por uma enfermidade incontrolável ou de quem vê alterada a normalidade de sua conduta em virtude da elevação térmica do corpo, decorrente da excitação e do transtorno emocional a que está sujeito um indivíduo no ápice de uma partida. Segundo o historiador francês Pierre Lanfranchi:

"Les journaux spécialisés des annés 1920 perdent ce caractère didactique pour se focaliser sur la personnalité des vedettes. Les premières biographies de footballeurs sont publiées au début des annés 1920. Le public prend une importance croissante, le terme 'tifoso' naît au cours de ces annés."72.

Já os países de língua hispânica, em especial, Espanha, Argentina e Uruguai, utilizariam a partir dos anos de 1950 o vocativo hincha para designar o adepto do futebol, em substituição a palavras até então correntes como aficionados, fanáticos e simpatizantes<sup>73</sup>. A tradução correspondia ao verbo inchar, que suscita a idéia de uma transformação similar a uma bola de futebol quando inflada por uma bomba de gás. Por analogia, o termo foi pensado como uma compressão corporal associada à oscilação dos estados de ânimo daquele que assiste ao jogo, ora a retrair-se com a condição adversa de uma derrota ora a insuflar-se com a condição favorável de uma vitória. De acordo com o intelectual argentino Juan José Sebreli, o termo tem uma origem legendária e uma explicação difusionista:

> "Este último término fue aplicado por primera vez em Montevideo a Prudencio Miguel Reyes, talabartero uruguayo, encargado de 'hinchar' la pelota de su club preferido, el Nacional de Montevideo, al que alentaba con gritos durante el partido. De Uruguay el término pasó a la Argentina y luego a España. 74.

Em língua portuguesa, a crônica também iria se comprazer no decênio de 1920 com a criação de um discurso sui generis para a identificação e até certo ponto a glamourização das sensações vividas no futebol. Se em Portugal seria empregada a palavra *adepto*, "aquele que se ajoelha em respeito quase religioso por seu time"<sup>75</sup>, o tom anedótico de suas origens no Brasil era atribuído à autoria do beletrista Coelho Neto. Este escritor, notabilizado nas primeiras décadas do século XX no Rio de Janeiro por seu pendor entusiástico pelo Fluminense Football Club, do qual foi diretor, punha em evidência os aspectos

<sup>74</sup> Cf. SEBRELI, J. J. op. cit., p. 35.

<sup>&</sup>lt;sup>72</sup> Cf. LANFRANCHI, P. "La Première Guerre Mondiale et le développement du football em Europe: l'exemple italien". In: GASTAUT, Y.; MOURLANE, S. (Orgs.). Le football dans nos sociétés: une culture populaire (1914-1998). Paris: Éditions Autrement, 2006, p. 145.

<sup>&</sup>lt;sup>73</sup> Cf. CONDE, M. "La invención del hincha en la prensa periódica". In: ALABARCES, P. (Org.). Hinchadas. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005, p. 22.

<sup>&</sup>lt;sup>75</sup> REVISTA LÍNGUA. Futebol & linguagem. São Paulo: Editora Segmento, 2006, ano I, número especial, p. 7.

que seriam valorizados para uma sugestiva tipificação ancorada na originalidade do imaginário lingüístico.

A palavra torcedor, oriunda do verbo torcer, era consignada pelos cronistas com base em uma observação pitoresca feita nos dias de jogo: em meio aos lances de indefinição e expectativa anteriores ao arremate de um gol, lenços eram torcidos e contorcidos na arquibancada por parte do público feminino presente que, conhecido pela contenção e pela moderação verbal, contrastantes com os gritos, os berros e os impropérios mais permissivos ao público masculino, exprimia de maneira sutil seu sofrimento com as tensões emanadas da partida. Usados pelas mulheres de início para a saudação aos jogadores do time no decorrer do ritual futebolístico – seja a entrada da equipe em campo, seja a comemoração da vitória de sua equipe -, junto às fitas coloridas que serviam de adorno e de distintivo clubístico aos chapéus de cada espectador, a torção de tais adereços passou a simbolizar os gestos de aflição, bem como, os efeitos de contração do corpo a que se submetia de um modo generalizado todo e qualquer torcedor. Segundo a reconstituição até certo ponto idílica feita pelo jornalista Mário Filho acerca do futebol no Rio de Janeiro da década de 1910:

"Os jogadores distraíam-se, cercados de moças, cada uma querendo namorar um deles. No dia seguinte elas estariam na arquibancada, mordendo lencinhos de renda, soltando gritinhos, torcendo pela vitória do Flamengo" (...) "Muito torcedor de fitinha no chapéu gostava de assistir ao jogo atrás do gol. Para ver a bola entrando, suspendendo a rede. Para gritar gol antes da bola entrar. Para torcer mais à vontade. Como um moleque. Sem essa coisa de olhar para ver se tinha moça perto. O torcedor, com um palavrão na boca, tendo de engolir o palavrão." <sup>76</sup>.

Os lenços antecederam também a introdução das bandeiras como mecanismos de sinalização e de saudação dos torcedores aos jogadores em campo, como se pode observar nas imagens filmicas de que se tem registro até a década de 1950<sup>77</sup>. Para o crítico de teatro Anatol Rosenfeld, tal utensílio dava

<sup>77</sup> Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 27 de maio de 1970, p. 06.

<sup>&</sup>lt;sup>76</sup> Cf. RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Prefácio de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 78 e 102. Um ensaio instigante sobre o emprego contemporâneo do palavrão nos estádios foi escrito por Luiz Henrique de Toledo. Cf. TOLEDO, L. H. de. "Por que xingam os torcedores de futebol ?". In: **Cadernos de Campo**. São Paulo: s.e., 1993, n.° 3.

ensejo à cunhagem ímpar de um vocábulo no Brasil, que exprimia um movimento capaz de reproduzir com maestria a cooperação motora, a tendência do espectador em impelir a equipe para frente e o sentimento de "também-poder", incomparavelmente maior, para este observador estrangeiro, no futebol do que em esportes como o tênis ou o hóquei de gelo, onde não se verifica a identificação íntima do público com o jogo e com os jogadores:

"O verbo 'torcer' significa virar, dobrar, encaracolar, entortar, etc... O substantivo 'torcedor' designa, portanto, a condição daquele que, fazendo figa por um time, torce quase todos os membros, na apaixonada esperança de sua vitória. Com isso reproduz-se muito plasticamente a participação do espectador que 'co-atua' motoramente, de forma intensa, como se pudesse contribuir, com sua conduta aflita, para o sucesso de sua equipe..."<sup>78</sup>.

O crítico de origem judia, que emigrou da Alemanha para o Brasil com a ascensão do nazismo, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, radicando-se na cidade de São Paulo em 1937, escreveu esse estudo introdutório para o público alemão no ano de 1956, tendo em vista a importância do futebol no país, o que segundo depoimento do autor constituiu uma das suas primeiras vias de acesso à cultura brasileira. Publicado em sua língua materna no Anuário *Staden Jahrbuch*, do Instituto Hans Staden, foi vertido para o português duas décadas depois pelo historiador paulista Modesto Carone.

Já dentre os analistas acadêmicos contemporâneos, Roberto DaMatta vai ao encontro da visão de Rosenfeld ao sustentar que a invenção brasileira do "torcedor" transfigurou a acepção inglesa de *fan*, ou seja, a do aficionado ardente capaz de perder a cabeça por seu time, em favor de uma perspectiva que salienta a torção corporal com vistas ao êxito do time:

"... o torcedor cria com o espetáculo uma relação absolutamente ausente do evento erudito, em que os reis, príncipes, duques e nobres não estão tocando – ou no caso do futebol brasileiro, jogando – mas permanecem quedos e seguros na platéia." <sup>79</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>78</sup> Cf. ROSENFELD, A. "O futebol no Brasil". In: **Revista Argumento**. São Paulo: Paz e Terra, 1974, n.° 4, p. 76, 77 e 78. Cf. também Id. **Negro, macumba e futebol**. Campinas: UNICAMP; São Paulo: EDUSP, 1993.

<sup>&</sup>lt;sup>79</sup> Cf. DaMATTA, R. "Antropologia do óbvio – notas em torno do significado social do futebol brasileiro". In: **Revista USP**. São Paulo: s.e., 1994. n.º 22, p. 15.

O historiador Nicolau Sevcenko segue a mesma linha interpretativa, com a análise da tensão corporal e espiritual da atividade do jogador, quando comparada à atividade do torcedor: "Jogar futebol exige imenso desempenho físico e forte controle nervoso. Torcer implica uma tremenda descarga nervosa, com grande controle físico."<sup>80</sup>.

Ao lado da definição em nível individual, uma expressão específica, concernente ao conjunto indiscriminado de torcedores presentes nas dependências de um estádio, seria muito usual entre os cronistas. A palavra *assistência* teria vigência até os anos de 1930 entre a crônica carioca e paulista na alusão a uma coletividade de espectadores de futebol<sup>81</sup>. O termo adotado pela imprensa esportiva teria uma origem erudita, pois era deslocado da taxonomia dos espetáculos musicais, como os concertos ocorridos no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, espaço de gala e requinte erigido nos anos seguintes à proclamação da República, capaz de atualizar uma tradição que vinha desde o período imperial, quando a cidade já conhecia esses espaços concedidos à execução das grandes óperas italianas, das peças francesas e de outros divertimentos europeus vigentes na Corte<sup>82</sup>.

O ato de assistir, próprio da *assistência*, encontrava inspiração no ato de ouvir, próprio da *audiência*, que em princípio deveria compartilhar um mesmo *habitus* nestes eventos de encontro da alta sociedade carioca. Cedo, porém, a palavra inverteria sua semântica e ganharia um outro viés no contexto futebolístico, com a definição da condição do torcedor comum, de extração popular, em contraposição aos *sócios*, termo indicativo da seleta individualidade creditada aos membros dos clubes de elite, derivada da estratificação social já verificada nas demais modalidades esportivas<sup>83</sup>. A

<sup>&</sup>lt;sup>80</sup> Cf. SEVCENKO, N. "Futebol, metrópoles e desatinos". In: **Revista USP**. São Paulo: s.e., 1994. n.º 22, p. 36.

Segundo Luiz Henrique de Toledo, a palavra seria muito usual em jornais como A Gazeta Esportiva. Cf. TOLEDO, L. H. de. Lógicas no futebol. São Paulo: Hucitec / Fapesp, 2002, p. 223.
 Cf. LUCCHESI, M. "Mitologia das platéias (A Ópera na Corte: 1840-1889)". In: Teatro alquímico: diário de leituras. Rio de Janeiro: Artium Editora, 1999.

<sup>&</sup>lt;sup>83</sup> Cf. TOLEDO, L. H. de. "Sócios vs assistências". In: **Lógicas no futebol**. São Paulo: Huicitec; Fapesp, 2000, p. 220 e 223. Em ensaio sobre as mensagens ideológicas veiculadas no futebol, escrito em fins dos anos de 1970, onde é analisada a simbologia do poder na divisão dos espaços do Maracanã, Luiz Felipe Baêta Neves Flores contrapõe a massa indivisa componente das arquibancadas e gerais à noção de indivíduo referida àqueles que se situam nos assentos das tribunas de honra, das cadeiras especiais e dos camarotes. Cf. FLORES, L. F. B. N. "Na zona do agrião. Sobre algumas mensagens ideológicas do futebol". In: DAMATTA, R. (Org.). **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakoteke, 1981, p. 54.

nomenclatura instituía assim a convenção que operava uma cisão entre as massas (assistência) e a idéia de indivíduo (sócio) no âmbito das platéias de esporte.

Expressão inicial das primeiras décadas do futebol no Brasil, cunhada pela imprensa, a palavra assistência cederia lugar com o advento do profissionalismo a um outro termo genérico para a designação do público de esportes. De adjetivo ou substantivo próprio a um indivíduo simpatizante de um clube, torcedor, aquele que prefere torcer por um clube a simplesmente assistir ao jogo, originava-se em português o substantivo dado à totalidade de espectadores presentes em um estádio: torcida. A neutralidade do indivíduo isolado era substituída pelo bloco homogêneo e compacto que designava o conjunto entusiasta de torcedores de um time, no momento em que as identidades clubísticas encontravam-se difundidas nas grandes cidades e em alguns casos a rivalidade de seus clássicos locais já se acirrava. Os historiadores Nicolau Sevcenko e Leonardo Affonso de Miranda Pereira identificam o ano de 1919 como aquele em que os derbys no Rio de Janeiro e em São Paulo já segmentavam parcela considerável da população, quer a disputa final do Campeonato Carioca nas Laranjeiras, entre Flamengo e Fluminense, quer a decisão do Campeonato Paulista no Parque Antártica, entre Palestra e Paulistano, quando a referência à assistência e aos assistentes ainda era largamente empregada<sup>84</sup>.

Já nos idos de 1930, com o intuito de estimular a formação de um público de massas no futebol e de disciplinar os contingentes cada vez maiores de torcedores que afluíam às partidas, os jornais e as rádios promoveriam uma série de atividades, como sorteios de prêmios, campanhas de bom comportamento e concursos de fantasias direcionadas à *torcida*. Esta se tornava um ente coletivo atuante, onde cidadãos antes desconhecidos começavam a ganhar notabilidade e a avultar no interior da massa indiferenciada por seu empenho, fervor e dedicação a um clube. Em 1936, ocorreria a primeira "Competição de Torcidas" promovida pelo *Jornal dos Sports*, no mesmo ano em que este periódico é comprado por Mário Filho. O escritor e memorialista

<sup>84</sup> Cf. SEVCENKO, N. Orfeu extático na metrópole. São Paulo: Companhia das Letras, 1992,
p. 58 e 59. Cf. PEREIRA, L. A. de M. op. cit., p. 23.

Ruy Castro, biógrafo da família Rodrigues, atribui a primazia desse processo às ações do jornalista Mário Filho:

"... Mário Filho passou a promover o Fla-Flu. Inventou o campeonato de torcidas. Na semana de cada jogo estimulava os torcedores a se superarem. Os grupos mais criativos, mais festivos e mais organizados ganhariam taças e medalhas. Premiava o primeiro torcedor a chegar ao estádio. Sorteava uma geladeira entre a torcida."85.

Deve-se ressalvar que, no âmbito da discussão acadêmica, há críticas à consideração de Mário Filho como inventor da crônica esportiva moderna, feita pelo historiador paulista José Renato de Campos Araújo, e à utilização pouco criteriosa sob o ponto de vista heurístico dos cientistas sociais perante o material jornalístico, feita por Hugo Lovisolo<sup>86</sup>.

Em sequência à narração, vale dizer que de maneira concomitante à partida disputada entre Flamengo e Fluminense nas Laranjeiras, um corpo de jurados, constituído de cronistas do meio, avaliava qual dos dois grupos de adeptos era o mais animado e o mais original no apoio ao seu time. Mário Filho, um dos idealizadores e patrocinadores do evento, se valeria de sua experiência com a então recém-inaugurada promoção de desfiles das Escolas de Samba, onde eram premiadas as agremiações carnavalescas que sobressaíam frente a um conjunto de quesitos musicais, estéticos e festivos estabelecidos pelo seu antigo jornal O Mundo Esportivo. Com o também chamado "Duelo de Torcidas", Mário Filho investia em um projeto jornalístico e comercial em que se podia perceber uma simbiose entre duas de suas principais áreas de atuação: a música e o futebol. A arquibancada tornava-se alvo da confluência tanto da lógica competitiva dos esportes verificada no campo de jogo quanto da lógica competitiva dos desfiles de carnaval expressa nos requisitos coreográficos, plásticos e rítmicos, com um sub-reptício enquadramento disciplinar no que diz respeito à tentativa de padronização do comportamento das massas.

O cultivo da proximidade com o público torcedor não era um caso excepcional, uma vez que ele também podia ser observado em *A Gazeta*.

<sup>&</sup>lt;sup>85</sup> Cf. CASTRO, R. **O anjo pornográfico**: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 132. Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1951, p. 1

p. 1.

86 Cf. CAMPOS ARAÚJO, J. R. de. **Imigração e futebol**: o caso do Palestra Itália. São Paulo: Editora Sumaré / IDESP, 2000. Cf. LOVISOLO, H; HELAL, R.; SOARES, A. J. (Orgs.). **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

Periódico congênere ao *Jornal dos Sports* em São Paulo, de propriedade de Cásper Líbero, que fundou em 1928 o seu suplemento esportivo, este tinha em Thomaz Mazzoni o principal cronista, vindo a exercer papel equivalente ao ocupado por Mário Filho no Rio de Janeiro, quando se considera a construção de uma memória futebolística nacional. Além de seções específicas voltadas para o esclarecimento e o atendimento das dúvidas dos leitores/torcedores, o jornal instituiu ao longo dos anos de 1940 uma competição anual entre as associações de torcedores, no mesmo momento em que o suplemento tornou-se independente e passou a circular em 1947 sob o nome de *Gazeta Esportiva*. Com a discriminação rigorosa dos itens envolvidos na competição – disciplina, entusiasmo, coro, organização, harmonia, originalidade e número de componentes –, o jornal publicava a cada semana uma tabela com a pontuação de cada torcida no decurso do campeonato. Nela, havia espaço para comentários e dava-se abertura à apreciação da evolução daquela concorrência paralela à ocorrida no campo de jogo.

O historiador Plínio José Labriola, em sua tese de doutorado sobre o futebol paulista e suas tensões com o Estado Novo nos anos 30 e 40, transcrevia os comentários de um cronista de *A Gazeta* com sua avaliação da competição, onde é possível perceber não obstante a utilização de termos ainda em inglês:

"... nas arquibancadas os *fans* uniformizados também estarão se 'defrontando' pela conquista do título de melhor 'torcida' de 1943. Competição difícil, porque, ao contrário do que se pode julgar, a melhor 'torcida' não será aquela que mais barulho irá fazer e, sim, a que melhor sabe incentivar os seus jogadores, a mais unida, a que sabe cultivar bem a disciplina, a mais numerosa, mais harmoniosa e original..."<sup>87</sup>.

Dois anos depois da primeira "Competição de Torcidas", outra iniciativa lançada pelo *Jornal dos Sports* por ocasião da Copa do Mundo de 1938 foi a eleição de dois torcedores, um homem e uma mulher, escolhidos pela população e pelos leitores para representar a torcida brasileira na França durante a realização do campeonato. Os candidatos, cada um representando um clube, apareciam em fotos nas primeiras páginas do jornal para a votação, que

<sup>&</sup>lt;sup>87</sup> Cf. NEGREIROS, P. J. L. **A nação entra em campo**: futebol nos anos 30 e 40. São Paulo: Tese de Doutorado em História / PUC-SP, 1998, p. 98.

de fato se daria pouco antes do acontecimento e que levaria os vencedores, um de cada sexo, às terras européias na condição respectiva de *embaixador* e de *embaixatriz* da torcida brasileira, em uma promoção repetida de maneira consecutiva em várias Copas<sup>88</sup>. O alegórico posto diplomático atribuído ao torcedor tinha uma origem antiga, segundo esclarece Mário Filho, pois desde a primeira década do século XX o jogador Oscar Cox, fundador do Fluminense, cunhara a expressão *embaixada esportiva* para aludir à viagem de trem da Central do Brasil para São Paulo, na realização a primeira partida oficial entre cariocas e paulistas.

Esse tipo de concurso por meio do voto popular remontava também a uma tradição dos jornais cariocas, que desde o final dos anos de 1920 faziam a população participar e eleger suas preferências futebolísticas, seja a do clube, a da torcida ou a do craque de maior prestígio. Leônidas da Silva, por exemplo, foi eleito em 1936 o craque mais popular do Rio de Janeiro no evento promovido pela fábrica de cigarros Magnólia. Já em promoção feita pelo *Jornal do Brasil* no ano de 1927 para escolher o clube de maior torcida no Brasil, ficou conhecida a artimanha de torcedores do Flamengo que usurparam os votos dos torcedores do Vasco a fim de reverter a desvantagem e ganhar o troféu Salutaris, nome de uma famosa marca de água mineral que patrocinou o evento na ocasião<sup>89</sup>.

A inserção participativa dos torcedores tinha o objetivo de forjar um atrativo, um engajamento e uma mobilização favorável à consolidação de espetáculos que se articulavam em escala regional, nacional e internacional. Afora a eleição sazonal de indivíduos anônimos, elevados à posição de representantes da *embaixada* da torcida brasileira em jogos no exterior, nomeação sugestiva dos valores missionários, cosmopolitas e pacifistas que se queriam incutir no futebol, necessários a eventos de magnitude como a competição mundial implantada pela FIFA na década de 1930, em pleno interregno entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, outra alcunha seria veiculada também nesse período pela imprensa para o dia a dia dos campeonatos locais: o *chefe de torcida*. A cada clube e a cada segmento de

88 Cf. RODRIGUES FILHO, M. Histórias do Flamengo. Rio de Janeiro: Gernasa, s.d.

<sup>&</sup>lt;sup>89</sup> Cf. Id. **O negro no futebol brasileiro**. Prefácio de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 34.

torcedores filiados a um time, um chefe correspondente passava a ser identificado.

Esse era caracterizado como alguém que se destacava nas arquibancadas por sua seriedade e compromisso, figura assídua e tradicional nos jogos, com uma capacidade de comunicação e com uma liderança tidas como inatas, reconhecidas pelos torcedores, pelos dirigentes e pelo policiamento na coordenação do incentivo aos jogadores. Em jogos entre os selecionados cariocas e paulistas, muito comuns à época, o próprio radialista Ary Barroso poderia ser designado o chefe da torcida do Rio de Janeiro no estádio de São Januário, nos anos 40, com a arregimentação de quase mil torcedores uniformizados, separados por um cordão de isolamento<sup>90</sup>. Tais predicados o faziam ir pouco a pouco, de maneira espontânea e carismática, aglutinando em torno de si uma legião de simpatizantes e curiosos que apreciavam assistir aos jogos ao seu redor.

Assim como as designações enumeradas até aqui provinham de palavras de universos lingüísticos particulares, o epíteto *chefe de torcida* era decalcado do contexto de dominação dos aparelhos de Estado da época, traduzida em nomes correntes no cotidiano que evocavam papéis masculinos de mando e de autoridade na sociedade brasileira, como as expressões chefe de polícia, chefe de família, chefe da nação, entre outras. Um exemplo célebre deste termo encontra-se em uma das paródias consagradas para a letra do primeiro samba gravado no Brasil em 1916, *Pelo telefone*, de autoria de Donga. Nele faz-se alusão ao "chefe da folia" e àquele que expressa a presença de figuras de autoridade no imaginário popular: "O chefe da polícia/ pelo telefone/ manda me avisar/ que na Carioca/ tem uma roleta/ para se jogar...".

Uma das consequências da profunda mudança por que passava o mundo do futebol no período Entre-Guerras<sup>91</sup>, com a entrada de jogadores de origem popular nos grandes clubes, promotora da alteração do perfil dos atletas na vigência do profissionalismo, e com a centralização do poder político dos esportes durante a ditadura do Estado Novo, desde a criação do Conselho

<sup>91</sup> Eric Hobsbawm também alinhava algumas impressões sobre a massificação do esporte em nível espetacular, acoplada aos discursos nacionalistas, na Europa das décadas de 1920 e 1930. Cf. HOBSBAWM, E. J. **Nações e nacionalismo desde 1870**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 170.

\_

<sup>90</sup> Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 22 e 23 de dezembro de 1943.

Nacional de Desportos (CND) em 1941, vinculado ao Ministério da Educação e da Saúde, era a descaracterização do glamour em torno da imagem aristocrática das torcidas. Esta, fixada pelos cronistas do período da *belle-époque* carioca, se esvaía de maneira nostálgica para muitos — "época em que a arquibancada do Fluminense mais parecia um *bouquet* de flores", tempo romântico em que "o torcedor do bodoque atrapalhava o goleiro" — em lugar dos crescentes xingamentos, das ofensas, das freqüentes hostilidades entre torcedores rivais e da imposição progressiva de padrões de sociabilidade masculina nos estádios de grande porte, agora construídos e administrados pelo governo federal, a preponderar com cada vez mais ressonância e amplitude<sup>93</sup>. João Lyra Filho, cronista e jurista responsável por redigir a legislação esportiva do CND, não se eximia de exaltar aqueles tempos com o tradicional pendor nostálgicoromântico:

"— Os jogos de futebol, ao contrário dos atuais, possuíam grande concorrência feminina. Sobretudo moças filhas de gente importante, que para ali se deslocavam à cata de namoros. Naquele tempo de amadorismo o futebol tinha mais alma. De regra os jogadores eram alunos de cursos universitários. A propósito, lastimo a inexistência atual de campeonatos acadêmicos."

Sabe-se hoje, contudo, quão relativa é essa imagem de um passado idílico e pacífico, quando se consideram os primeiros anos do futebol. Já naquela época registram-se descrições de sururus, invasões de campo, apedrejamento de trens, ameaças a jogadores e a torcedores. Segundo Mário Filho, tais entreveros no Campeonato Carioca começaram com as partidas realizadas em Bangu, quando se instaurou a rivalidade entre os clubes do subúrbio e os clubes da cidade.

<sup>&</sup>lt;sup>92</sup> Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1967. Cf. Id. Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1976, p. 03.

<sup>&</sup>lt;sup>93</sup> Cf. DAMO, A. **Do dom à profissão**: uma etnografía do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Porto Alegre: Tese de Doutorado em Antropologia Social / UFRGS, 2005, p. 349. Apesar da Cf. RODRIGUES FILHO, M. **op. cit.**, p. 42 e 43. Em sua dissertação de mestrado, a socióloga Elisabeth Murilho Silva demonstra a relação entre violência e futebol, com o acompanhamento de uma cronologia de incidentes e distúrbios veiculados pelo noticiário esportivo ao longo do século XX. Cf. SILVA, E. M. **As torcidas organizadas de futebol**: violência e espetáculo nos estádios. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais / PUC, 1996.

<sup>&</sup>lt;sup>94</sup> Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1968, p. 10.

A contrapartida para este quadro que se intensificava nas décadas de 30 e 40 era a preocupação cívico-disciplinar de manutenção da ordem e de educação esportiva nesses domínios sob ingerência governamental, com base em motivações ideológicas estipuladas em torno de idéias como *raça*, *povo*, *nação* e *juventude*<sup>95</sup>. O *enquadramento moral* mencionado pelo antropólogo Luiz Henrique de Toledo no processo de incorporação das camadas populares ao futebol constituiu uma tentativa de contrabalançar a perda do proclamado caráter nobre de que era revestido esse esporte até então <sup>96</sup>. A configuração humana e social do novo público espectador era correlata, segundo o mesmo autor, não apenas aos condicionantes políticos externos, mas às modificações operadas no nível interno das regras modernizadoras do jogo e das maneiras mais sistemáticas de praticá-lo.

A alusão dizia respeito às dezessete leis introduzidas pela International Board em 1938, em substituição às treze existentes desde a primeira codificação regulamentar de 1863, e ao sistema tático vigente a partir de 1925, conhecido como WM, facultado pela nova lei do impedimento, onde a coletividade passa preponderar sobre a individualidade e o planejamento, sobre a espontaneidade<sup>97</sup>, o que ficava patente no crescimento da importância da figura do técnico de futebol. O fenômeno se expressava no Brasil com a contratação de respeitados treinadores internacionais, como o uruguaio Ondino Vieira, que passava a dirigir o Vasco, o argentino Cabelli e o húngaro Dori Kruschener, contratado pelo Flamengo. Em virtude de suas inovações, com a tentativa de implantação de sistemas rígidos de jogo, este último, também conhecido como "Feiticeiro de Viena", enfrentaria grande resistência por parte da torcida, dos jogadores e dos conselheiros do clube que habitualmente se reuniam no Café Rio Branco. Seu epíteto chama a atenção, todavia, para o caráter sobrenatural comumente atribuído aos treinadores e às suas estratégias, um terreno fecundo no imaginário popular para os sortilégios de conselheiros,

<sup>95</sup> Cf. TOLEDO, L. H. de. "A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelos significados do torcer". In: COSTA, M. R. da (et al.). Futebol, o espetáculo do século. São Paulo: Musa Editora, 1999, p. 150.

<sup>&</sup>lt;sup>96</sup> Cf. Id. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Huicitec; Fapesp, 2000, p. 220.

<sup>&</sup>lt;sup>97</sup> Cf. TOLEDO, L. H. de. "Três exercícios conceituais em torno das dezessete regras do futebol". In: **XXVI Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu: Mimeo, 2002.

feiticeiros, magos, bruxos, dentre os quais no Brasil se destacariam Vicente Feola e Fleitas Solich<sup>98</sup>.

O aparecimento simultâneo de formas coletivas ou coletivizadas de torcer atendia aos imperativos de ampliação da integração, da coesão e da participação do público esportivo. Os seus representantes, agora denominados *chefes de torcida*, mediavam os interesses dos torcedores junto ao chefe de polícia dos estádios e passavam a ter a responsabilidade de controle vis-à-vis daqueles atores emergentes no cenário futebolístico, uma amostra exemplar também de parcela significativa dos setores populares que logravam visibilidade na vida nacional. Segundo a ótica dos meios de comunicação, havia uma preocupação crescente com a má educação nos estádios, ensejada por uma relação direta com o baixo poder econômico, o que gerava um empenho institucional na criação de formas de contenção no interior desses estratos da população e na deliberação de poder a esses indivíduos cuja conduta era vista como exemplar nas arquibancadas.

A materialização e a concretização mais cabal da importância assumida por essa nova autoridade esportiva podem ser percebidas na virada da década de 1930 para a década de 1940, com o surgimento de associações intituladas Torcidas Organizadas no Rio de Janeiro e Torcidas Uniformizadas em São Paulo. Estas entidades iriam conferir legitimidade aos chefes de torcida perante os demais segmentos do universo esportivo, que por sua vez apoiavam tais corporações em razão da afinidade explicitada por seus princípios basilares, estampados por elas próprias em suas autodenominações: *uniformidade*, os torcedores assemelhavam-se em nível interno porém se diferenciavam em nível externo face aos demais espectadores; e *organização*, o grupo funciona por cooperação entre si e por subordinação a uma liderança única consensual<sup>99</sup>. Sob os auspícios de dirigentes e jornalistas esportivos, os agrupamentos distinguiam-se do torcedor comum em arenas públicas como o Estádio

<sup>&</sup>lt;sup>98</sup> Cf. GIL, G. "O drama do 'futebol-arte': o debate sobre a seleção nos anos 70". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994, n.º 25, p. 102.

<sup>&</sup>lt;sup>99</sup> Poder-se-iam evocar ou sugerir os conceitos de *solidariedade mecânica* de Durkheim e de *dominação carismática* de Weber para entender as primeiras formas organizativas de tais grupos.

Municipal de São Paulo, o Pacaembu, e o Estádio Municipal do Rio de Janeiro, o Maracanã, inaugurados respectivamente em 1940 e em 1950<sup>100</sup>.

A identificação de tais grupos tornava-se mais perceptível através da introdução de pequenas orquestras musicais, com instrumentos de sopro e de percussão, da adoção de camisas bordadas dos times nas arquibancadas, à maneira dos jogadores em campo, o que simbolizava a sua condição ativa e participante, além da confecção de faixas dispostas sobre o alambrado a indicar o território ocupado pela agremiação no estádio, o que servia também para a orientação dos torcedores comuns quanto à divisão das torcidas, e da criação de coreografias que se valiam de trajes criativos e multicoloridos. Embora atendessem a princípios estruturais análogos no Rio e em São Paulo, seria possível constatar diferenças sociais significativas em relação à experiência vivenciada por cada grupo, o que trazia variações ao projeto original das torcidas organizadas, tal como concebido pelas instâncias organizadoras e formuladoras dos eventos esportivos. A trajetória social dos chefes e o perfil dessas lideranças da arquibancada em cada um dos estados aludidos podem ser bons indícios das dimensões assumidas por tais grêmios no âmbito da criação de culturas locais.

No Rio de Janeiro, é possível identificar nos grandes clubes da cidade os principais chefes de torcida que tiveram expressão pública para além da esfera meramente esportiva entre as décadas de 1940, 1950 e 1960. O exemplo mais notório de agremiação torcedora foi a Charanga do Flamengo, criada em 1942 por Jaime de Carvalho. Depois desta, seria fundada em 1944 a Torcida Organizada do Vasco (TOV), por Aida de Almeida e um grupo de amigas que nos anos de 1950 passariam o comando a Dulce Rosalina; em 1946, surgiria a Torcida Organizada do Fluminense (TOF), por Paulista, que chefiava os tricolores desde 1939; em 1952, foi criada a Torcida Organizada do Bangu, liderada por Juarez; e, em 1957, a Torcida Organizada do Botafogo (TOB) era assumida por Tarzan, que substituía Salvador Peixoto, veterano torcedor alvinegro da década de 1940.

Dois historiadores dedicaram-se a acompanhar as repercussões na imprensa esportiva durante o período de construção dos dois estádios: Plínio Negreiros e Gisela de Araújo Moura, respectivamente . Cf. NEGREIROS, P. J. L. "Construindo a nação: futebol nos anos 30 e 40". In: COSTA, M. R. da (et al.). **Futebol, o espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999. MOURA, G. de A. **O Rio corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Dentre esses, Jaime de Carvalho pode ser considerado o exemplo paradigmático, espécie de tipo-ideal, do que então se preconizara como chefe de torcida, com a combinação de aura, de autoridade e de exemplo para os demais torcedores, tendo em vista a reputação em âmbito não só local como nacional. Nascido em Salvador, Bahia, em 1911, Jaime passou a acompanhar o Flamengo em fins dos anos de 1920, quando se radicou na cidade do Rio de Janeiro. Funcionário de baixo-escalão do Ministério da Justiça - agente de portaria -, casado com a portuguesa dona Laura, sua acompanhante em todos os jogos, tinha prestígio perante os dirigentes do clube, o que lhe possibilitou a criação da Charanga na final do Campeonato Carioca de 1942. Por seu estilo cordial e conciliador – tal como o ato simbólico em campo, costumava oferecer uma corbeille de flores às torcidas adversárias e ia ao encontro dos chefes oponentes antes dos jogos em sinal de confraternização, dando uma volta com sua charanga no anel das arquibancadas -, logo se tornou uma espécie de torcedor-oficial da cidade, incumbido pelas autoridades públicas, por ocasião da Copa do Mundo de 1950, da organização do incentivo à Seleção Brasileira<sup>101</sup>.

Tal apoio teria prosseguimento no torneio seguinte, durante a Copa do Mundo da Suíça, em 1954, quando uma campanha promovida pelo *Jornal dos Sports*, a pedido do jogador Didi, patrocinaria a viagem de Jaime a Berna, capital suíça. Naquela oportunidade, o torcedor voltaria a exercer o tradicional cargo de *embaixador* da torcida brasileira, entrando em campo junto com os jogadores e estendendo uma faixa com o lema: *Avante, Brasil*. Sua participação internacional se prolongaria até a Copa do Mundo da Alemanha, em 1974, a última antes de seu falecimento dois anos depois. Em colaboração com a Polícia Militar, instituição com a qual nutria as melhores relações — por ela condecorado como "torcedor número 1" do Maracanã em 1958 —, Jaime de Carvalho era responsável pela coordenação de campanhas de educação esportiva nos estádios e, através do auxílio de um megafone, abordava as inconveniências da queima de fogos de artifício, condenava as palavras de

<sup>101</sup> Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1968, p. 6. Cf. também LEVER,

J. A loucura do futebol. Prefácio de Sandro Moreyra. Rio de Janeiro: Record, 1983, p. 133.

baixo-calão e chegava a expulsar componentes da torcida por mau comportamento<sup>102</sup>.

Se a função social e o papel desempenhado por esse personagem no cenário esportivo coincidiam na caracterização das torcidas no Rio e em São Paulo, as condições econômico-sociais de seus integrantes pareciam destoar quando se comparavam os dois estados. No caso da cidade de São Paulo, a Torcida Uniformizada do São Paulo (TUSP) havia sido fundada em 1940, um ano após a tentativa de criação do Grêmio São-Paulino na Mooca, tradicional bairro de imigrantes, tendo como mentores e primeiros chefes Manoel Raymundo Paes de Almeida e o Tenente Porfírio da Paz, que compusera o hino do clube. Além de tenente e general, este último fora professor de geografía e história do Ginásio Anglo-Brasileiro, na Vila Mariano, chegando a tornar-se vice-governador do Estado de São Paulo. Segundo o depoimento de um dos fundadores,

"O Grêmio São-Paulino surgiu na Mooca, em 1939. Fazíamos tudo com entusiasmo e por nossa conta. Lembro-me do primeiro espetáculo que demos no Pacaembu. Uma festa maravilhosa, com serpentinas e confetes. Fizemos depois uma magnífica *marche aux fambleaux*, em 1943, quando a moeda caiu em pé e o São Paulo foi campeão. Montamos um carro alegórico, com uma moeda gigante de pé, e fomos, em cortejo de automóveis buscar a Taça de Invictos de *A Gazeta Esportiva*." <sup>103</sup>.

A TUSP era constituída por quadros do clube, sócios em sua maior parte membros da classe média alta e estudantes da tradicional Faculdade de Direito do Largo do São Francisco. Ao contrário das torcidas organizadas cariocas, cujos chefes encontravam-se à margem da esfera de poder instituída do clube, situavam-se em sua maioria na faixa etária já adulta e pertenciam aos setores subalternos do pequeno comércio ou da baixa hierarquia da burocracia estatal, muitos deles saídos do campo, do interior de estados circunvizinhos ou da região nordestina – a migração de contingentes populacionais da zona rural para o ambiente urbano, mormente para o Rio de Janeiro, capital da República, intensificava-se de forma marcante naquele período –, as torcidas

<sup>&</sup>lt;sup>102</sup> Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1968.

<sup>&</sup>lt;sup>103</sup> Cf. BRANDÃO, I. de. L. "Torcidas organizadas: o jogador das arquibancadas". In: São Paulo F. C.: a saga de um campeão. São Paulo: DBA, 1996, p. 40 e 43.

uniformizadas de São Paulo eram compostas em seu início por rapazes e moças integrantes das classes abastadas da sociedade paulistana.

Ainda no tocante à Torcida Uniformizada do São Paulo, cujo exemplo em breve seria seguido pelos jovens sócios do Palmeiras no ano de 1943 nome adotado pelo Palestra Itália no contexto da Segunda Guerra Mundial -, vale especificar a sua composição, proveniente de notável fração da juventude universitária, como a família Mesquita, do jornal O Estado de São Paulo, os filhos de Paulo Machado de Carvalho e Laudo Natel, sendo que este último viria a ser presidente do clube e depois governador do estado entre 1971 e 1975<sup>104</sup>. Outra especificidade das torcidas uniformizadas de São Paulo dizia respeito à sua fonte de inspiração, que remontava às bandas e às coreografias de espetáculos esportivos norte-americanos como o rúgbi, o basketball, o football americano e o baseball. Se até fins do século XIX as classes bem aquinhoadas tinham por hábito enviar seus jovens filhos para a Europa, a fim de aprimorar sua formação educacional, como Charles Miller, introdutor oficial do futebol na cidade de São Paulo, depois de passar dez anos estudando em Southtampton, na Inglaterra, em meados do século XX era moda entre a elite paulistana que estudava ciências jurídicas na faculdade de Direito do Largo de São Francisco conhecer os Estados Unidos, onde nasceu o encantamento pelas torcidas universitárias daquele país<sup>105</sup>.

A exceção no estado seria Elisa, a torcedora-símbolo do Corinthians, uma mulher conhecida por suas origens negras e proletárias, que trabalhava como cozinheira e dona de casa. Embora a chefía da torcida coubesse a Tantã, pseudônimo de um conhecido sócio do clube, João Constantino Casanova, era ela quem parecia encarnar com mais propriedade as características cultivadas pelo clube acerca de si próprio. Isto é corroborado por imagens desta torcedora encontradas no filme *O corintiano*, estrelado por Mazaroppi, onde Elisa aparece contracenando nas arquibancadas do Pacaembu. Na película, o torcedor

<sup>104</sup> Cf. GIANOLI, M. G. M. O torcedor de futebol e o espetáculo da arquibancada. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Comunicação e Artes / USP, 1996, p. 33 e 34. Cf. também TOLEDO, L. H. de. "Transgressão e violência entre torcedores de futebol". REVISTA USP. São Paulo: s.e., 1994, p. 94, nº. 22.

<sup>105</sup> Cf. SILVA, E. M. da. "A violência no futebol e a imprensa esportiva". In: COSTA, M. R. da. (et. al.). Futebol, o espetáculo do século. São Paulo: Musa Editora, 1999, p. 175. Cf. também Id. As torcidas organizadas de futebol: violência e espetáculo nos estádios. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais / PUC, 1996, p. 80.

é encarnado como o protótipo do caipira, carregando os estigmas de bronco, ignorante, supersticioso e violento<sup>106</sup>.

Criado em 1910 por ferroviários do bairro Bom Retiro, após a passagem pela cidade de um time homônimo inglês, o Corinthians era produto do futebol de fábrica na cidade – seus fundadores eram empregados da São Paulo Railway –, e tentava traduzir sua imagem popular também no perfil de suas primeiras lideranças na arquibancada. Parecia assim haver uma espécie de *continuum* entre os aspectos sociais ressaltados na apreciação genérica de cada clube – a dicotomia elite/povo assumia o lugar de mito de origem no imaginário das identidades clubísticas<sup>107</sup> – e a proveniência econômica de seus representantes entre os torcedores.

Ao lado da autoridade evocada por esse novo personagem do mundo esportivo, que podia sofrer variações, adaptações ou acomodações segundo as especificidades culturais ou regionais e que apresentava diferenças ou semelhanças no perfil de cada grupo de acordo com sua liderança, pode-se identificar um outro conjunto de traços comuns para essa mesma linhagem de chefes de torcida, a primeira reconhecida pela imprensa, de quem os cronistas esportivos se empenhariam em propagar a fama, como símbolos, *personas* emblemáticas, catalisadoras de uma série de virtudes no exercício de funções ora instrutoras ora animadoras nas arquibancadas. Finda a marca de nobreza do espectador da *belle-époque*, equivalente ao encerramento da era de ídolos aristocráticos como Marcos Carneiro de Mendonça e ao início da emergência dos atletas profissionais de extração negra e operária, como Fausto, Domingos da Guia e Leônidas da Silva, o esforço de vários especialistas do futebol se voltou então para uma reelaboração da imagem do torcedor, que consistia em reintroduzir uma acepção positiva para o *ethos* amador no futebol.

<sup>106</sup> Cf. AMARAL, M. O corintiano. São Paulo: Pam Filmes, 1966. Na década de 1970, tia Elisa também foi destacada em fotos e texto na reportagem sobre o Corinthians feita pela revista *Realidade*. Cf. REALIDADE. São Paulo, junho de 1972, p. 40 e 41. Sobre o futebol de fábrica na cidade de São Paulo, ver Fátima Antunes. Cf. ANTUNES, F. M. R. F. "O futebol na Light & Power de São Paulo". In: **Pesquisa de Campo**. Rio de Janeiro: UERJ / Departamento Cultural, 1994, n. 3/4.

<sup>107</sup> Cf. MATTOS, C. 100 anos de paixão – uma mitologia carioca no futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. Sobre o Corinthians, ver a dissertação de Plínio Negreiros. Cf. também NEGREIROS, P. J. L. Resistência e rendição: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo (1910-1916). São Paulo, Dissertação de Mestrado / PUC-SP, 1992.

À primeira vista, a homologia entre os jogadores e os torcedores na etapa do futebol profissional parecia coerente e indubitável, uma vez que em ambas as situações se ressaltavam as origens populares dos novos segmentos populacionais presentes nos estádios, seja no campo seja nas arquibancadas. Em larga escala, o chefe de torcida passava a exemplificar o percurso trilhado por inúmeros torcedores e jogadores que provinham das mais díspares regiões do país, oriundos de famílias modestas, egressos dos contingentes médios e baixos da sociedade, cujo trabalho em geral não ultrapassava o anonimato e a invisibilidade do cotidiano. Por outras vias, tratava-se da mesma forma de fazer do torcedor o apanágio de uma visão nacional-popular, forjada historicamente por uma gama de folcloristas, intelectuais e cronistas que entendiam o povo como puro e bom em sua essência.

Mariana Conde, por exemplo, antropóloga vinculada ao grupo de estudos sobre *hinchadas*, coordenado por Pablo Alabarces na Argentina, mostra como o vocativo *pueblo*, empregado em relação à generalidade dos espectadores de futebol em meados do século XX, esteve articulado ao discurso político do peronismo no que se refere à imagem da nação. Ao longo dos anos 50, os hinchas foram retratados pelos meios gráficos desportivos por seu propósito simples e puro de passar uma tarde de emoção, realizando sacrifícios e martírios pelo amor ao futebol <sup>108</sup>.

No entanto, à diferença do movimento dos atletas rumo ao profissionalismo e ao recebimento de salários, o discurso referente ao torcedor preservava-o e reinventava-o sincronicamente como um dos últimos elos da cadeia imaginária com o amadorismo no futebol, ainda que sem o verniz aristocrático, haja vista o fato de seu pertencimento clubístico não se pautar em interesses financeiros, utilitários ou pecuniários diretos, mas em uma filiação de ordem afetiva e passional<sup>109</sup>. Ao invés de ser inferiorizada, a posição social desses torcedores era exaltada e tipificada pelos cronistas como expressão genuína de espíritos altruístas, abnegados e amadores, capazes de quaisquer

<sup>&</sup>lt;sup>108</sup> Cf. CONDE, M. **op. cit.**, p. 22 e 26. Cf. também BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

<sup>&</sup>lt;sup>109</sup> O antropólogo gaúcho Arlei Damo empreendeu considerações críticas ao emprego do modelo dicotômico amadorismo/profissionalismo, quando aplicado como categoria analítica, ora diacrônica ora sincrônica, pelas pesquisas acadêmicas de esporte. Suas reflexões não são desconsideradas nesse trabalho. Cf. DAMO, A. "O uso dos termos amadorismo e profissionalismo como categorias sociológicas na literatura acadêmica sobre futebol". In: **XXVI Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu: Mimeo, 2002.

renúncias em âmbito individual, familiar ou econômico para a sua vivência esportiva. Na retórica em torno da autenticidade e da pureza da paixão torcedora, a demonstração da fidelidade passava por uma concepção de fundo religioso que poderia, mais especificamente, ser remetida a uma variante do discurso clássico do cristianismo. O modelo franciscano, tratado por Erich Auerbach em seus estudos de história dos estilos literários<sup>110</sup>, simbolizava o tipo do *sermo humilis* — o étimo remonta ao húmus, àquilo que vem da terra —, que na tradição cristã conjugava a postura humilde com a sublime e combinava a narrativa elevada com a baixa, onde a vivência do homem desprendia-se de todo conforto ou riqueza material, entregando-se a uma vida casta e simples. De maneira análoga, os cronistas realçavam nos torcedores traços do despojamento e da devoção incondicional ao clube, manifestos em toda sorte de sacrificios pessoais empreendidos em prol do acompanhamento dos jogos de seu time.

A legitimação mais ampla dos cronistas a essa peculiar humildade e a esse intrínseco amadorismo dos torcedores, e dos chefes de torcida em específico, passava não apenas pela cobertura de suas atividades cotidianas nos periódicos do Rio de Janeiro. Conforme a magnitude dos jogos os esforços despendidos pelos líderes nos preparativos para a partida eram divulgados durante toda a semana. Ela compreendia um sentido retrospectivo de reconstituição do passado onde se buscavam os exemplos extremos de abnegação dessas figuras ao longo do tempo. Para além do registro jornalístico diário, os torcedores ganhavam também uma expressão mais acabada por intermédio da publicação de obras em que nomes de outrora das arquibancadas eram relembrados e homenageados. Se Mário Filho, que em 1945 com seu Histórias do Flamengo, na comemoração dos cinquenta anos do clube rubronegro, dedicava várias páginas à atuação de Jaime de Carvalho à frente da Charanga durante a conquista do seu primeiro tricampeonato (1942/43/44), o escritor Paulo Coelho Neto, cujo pai havia cunhado o termo torcedor nos anos de 1920, em seu livro História do Fluminense, de 1952, lançado também por ocasião da celebração do cinquentenário de fundação do clube, incluía o

<sup>110</sup> Cf. AUERBACH, E. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2001.

capítulo "O 12.º jogador do Fluminense", com uma extensa listagem daqueles mais haviam se destacado no apoio ao time no decorrer de sua existência.

Abstraída a variedade das idiossincrasias e dos semblantes de cada torcedor, onde se acentuavam suas colorações exóticas mais superficiais, todos eram equacionados em um mesmo patamar, vistos à luz do "estoicismo", das provas de abdicação de suas próprias vidas em favor do clube e da capacidade positiva de interferir no resultado dos jogos:

"Chico Guanabara, Barriga, Batista e Peitão simbolizam a evolução da torcida tricolor, hoje – sem sombra de dúvida – uma das maiores e mais entusiastas do Brasil. Na atualidade, os tipos representativos da evolução do torcedor do Fluminense podem ser retratados através de dezenas de figuras populares, verdadeiramente fanáticas pelo campeão de 1951, como entre outras: Guimarães, sempre reivindicando o título de torcedor n.º 1 do Fluminense; Alemão, o velho jornaleiro dos iu-rárés desesperados, quando a sombra de uma derrota começa a pairar sobre o quadro tricolor; Paulista, o regente - nas arquibancadas do Maracanã – do formidável corpo coral do supercampeão; Pastel, escoteiro do Fluminense, indo ao extremo de cortar relações com amigos que criticam o seu clube, e Gélson Ceciliano, o homem da gaitinha nos jogos de juvenis, a correr de ponta a ponta as arquibancadas dos estádios das Laranjeiras e do Bangu, sempre reclamando contra os companheiros retardatários, são células do gigantesco corpo do 12.º jogador do Fluminense que, não raro, com seu estímulo desinteressado, contribui para que uma derrota iminente se transforme em uma vitória consagradora; que suporta estoicamente o sol abrasador ou a chuva diluviana; que passa o dia inteiro fora de casa, privando-se de alimentação substancial e suportando todas as dificuldades de trens, bondes e ônibus superlotados; enfim, que vibra, exulta ou sofre com a vitória ou derrota dos quadros tricolores."111.

Seria, entretanto, uma alentada obra publicada em fins dos anos de 1960, de autoria do jurista e jornalista João Antero de Carvalho, cuja família também era ligada ao mundo do futebol, que se dedicaria de modo integral a fixar a imagem desse ator condicionado por tais pressupostos. Em *Torcedores de ontem e de hoje*<sup>112</sup>, livro com mais de trezentas e cinqüenta páginas, coligidas

<sup>&</sup>lt;sup>111</sup> Cf. COELHO NETO, P. **História do Fluminense**. Rio de Janeiro: s.e., 1952, p. 400 e 401. Na música popular, as composições de Wilson Baptista dedicadas ao futebol descrevem o torcedor sob esse mesmo prisma, como em *Samba rubro-negro*: "... pode chover,/ pode o sol me queimar,/ que eu vou pra ver/ a Charanga do Jaime tocar:/ – Flamengo, Flamengo/ tua glória é lutar,/ quando o Mengo perde/ eu não quero almoçar/ eu não quero jantar.".

<sup>112</sup> Cf. CARVALHO, J. A. de. Torcedores de ontem e de hoje. Prefácio de Torcedores de ontem e hoje. Prefácio de Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1968. Da família de João Antero, podem ser citados Marcus Vinícius de Carvalho, seu irmão, que fora dirigente do Clube de Regatas do Flamengo e vice-presidente da Federação Carioca de Futebol, Gustavo de

de crônicas publicadas em *O Dia*, onde se perfilavam cinqüenta torcedores dos clubes mais tradicionais da cidade, escolhidos entre figuras ilustres e ignotas, seguindo critérios de seleção que pareciam atender mais ao bel-prazer das simpatias pessoais do autor do que a uma distribuição equitativa ou representativa de cada clube, procurava-se reverenciar o multifacetado universo de aficionados do futebol através da exposição do que chama seus *flashes* biográficos<sup>113</sup>.

Evocação memorialística, somada a depoimentos coletados diretamente por João Antero, com caricaturas de Humberto Marinho, desenhos de Mário Agostinelli, poemas de Mário Peixoto e prefácio de Nelson Rodrigues, este último um exímio artífice de imagens consagradas ao torcedor — "aquele que acompanha o clube na glória e no infortúnio, mais neste que naquele" —, os principais chefes de torcida da cidade tinham suas desconhecidas trajetórias narradas lado a lado com o radialista Ari Barroso, o compositor Lamartine Babo, o escritor Marques Rebelo, o ex-goleiro Marcos de Mendonça e o cronista Jota Efegê, entre outros expoentes da vida social carioca. A primeira geração de líderes de torcida mencionada acima figurava em sua quase integralidade no livro — Paulista do Fluminense, Dulce Rosalina do Vasco, Tarzan do Botafogo e Juarez do Bangu — à exceção do *popularissimo*<sup>115</sup> chefe dos rubro-negros, Jaime de Carvalho, ausência lamentada na apresentação da obra, que fazia o autor justificar a necessidade de prosseguimento do trabalho em um segundo volume.

Eis alguns excertos, repletos de adjetivos, em que se enaltecem as provações altruísticas, o não-esmorecimento ante as situações adversas e a entrega absoluta de cada um deles:

"'Paulista', que em 1951, ano de uma competição de torcidas, entrou em campo vestido de casaca e cartola, acompanhando enorme caixa de pó-de-arroz, em cujo interior se encontrava bela jovem, segue seu clube por toda a parte. Tem tido, por motivos partidários, repetidos desforços pessoais. Aquele que mais o impressionou foi a luta travada com integrantes da torcida do Flamengo, desde o campo da Gávea até o hipódromo do 'Jockey Club', num ano em que seu time venceu o

Carvalho, ex-jogador e ex-presidente do clube, e Joaquim Vaz de Carvalho, produtor de livros e filmes sobre futebol.

<sup>&</sup>lt;sup>113</sup> Ibid, p. 246.

<sup>&</sup>lt;sup>114</sup> Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 03 de janeiro de 1978, p. 04.

<sup>&</sup>lt;sup>115</sup> Cf. CARVALHO, J. A. de. **op. cit.**, p. 08.

rubro-negro e os jogadores do Fluminense, após garantirem um escore favorável, para 'fazer cera' arremessaram inúmeras vezes a bola na Lagoa".

\*

"Atualmente, é a única mulher que comanda uma torcida de futebol. E o coração feminino torna-se desmedidamente grande na devoção. Oferece muito e, não raro, em troca de nada. Dulce Rosalina confirma essa verdade. Sua paixão pelo Vasco da Gama encerra algo de belo, idolátrico, imorredouro. Vê-la nos instantes de arrebatamento esportivo ou quando vibra de emoção ao referir-se ao clube predileto é passar a crer na virtude de certos seres. Bendigamos-lhe o sentimento, a intensa e admirável veneração ao grêmio a que de todo se entregou."

\*

"Desde 1953 acompanha o Botafogo. Sua presença é infalível em toda e qualquer atividade de seu clube, principalmente nas partidas de futebol. Foi, porém, em 1957 que começou a comparecer munido de bandeira e fogos de estampido. E tal foi sua atuação que em pouco o proclamaram chefe da torcida do 'Glorioso', tendo até sido homenageado pelas torcidas do Vasco, em 1957, ao receber um escudo de outro de seu clube; do América, em 1959, ao ser agraciado com uma flâmula representativa dos dois grêmios; e, finalmente, do Flamengo, em 1962, ocasião em que lhe deram belo quadro de seu time."

\*

"Assim como os nazistas saudavam-se na Alemanha, de uma forma toda peculiar – 'Heil Hitler' –, e os integralistas se cumprimentavam com o 'Anauê', na casa de Juarez Oliveira Silva há, também, um modo próprio de saudação: - 'Viva o Bangu'. Tal como os assírios adoravam o Touro Alado, os egípcios a Amon-Ra e Uhr e os antigos gregos a Júpiter e Têmis, para Juarez o Bangu Atlético Clube é objeto de divina veneração. (...) Visitá-lo em seu lar é pôr-se em contato permanente com as coisas do Bangu: emblemas, bandeirolas, fotografías, flâmulas, frases de exaltação ao clube, a imagem de São Jorge sob o signo dos leões britânicos e, até, a pintura do apartamento, toda de vermelho e branco. À semelhança do saudoso Carlos Melo, já pediu fosse a sua bandeira do grêmio exposta no dia de sua morte. (...) Pode ser, portanto, considerado um complexo de torcedores, sem exclusão daqueles que, por atos e palavras, se avizinham do desatino. Mas, quando age, fá-lo com absoluta convição. (...) O retrato espiritual de Juarez é mais ou menos este: pau-de-arara, destemido, paciente, brigão, descocado, pacificador, inconveniente, desvelado, intransigente, insólito; mas, na essência, é, apenas, 'bangüense'. (...) Torcedor incomum, eis o que ele é, tanto o caracterizam a um só tempo os números plural e singular: cem homens contidos em um."116.

<sup>&</sup>lt;sup>116</sup> Ibid, p. 209, 228, 284, 161-166, respectivamente.

Paulista era o pseudônimo de Carlos Guilherme Krüger, filho de alemão com índia, nascido em 1914, na cidade de Bebedouro, no interior de São Paulo. Depois de uma carreira militar frustrada, radicou-se em Niterói, no ano de 1937, empregando-se como escriturário e almoxarife da Prolar, em Vigário Geral, graças ao auxílio de Benício Ferreira Filho, benemérito e vice-presidente de futebol do Fluminense, diretor da empresa, embora seu trabalho não chegasse a dois salários mínimos. Com simpatia inicial pelo América, Paulista acabou por inclinar-se pelo Fluminense, clube que à época possuía um plantel com vários jogadores oriundos do estado de São Paulo. Em 1941, assistiu à decisão do campeonato carioca, o lendário Fla-Flu da Lagoa, jogo que muito impressionou Paulista, em razão da briga travada por ele e demais integrantes da torcida tricolor contra a torcida rubro-negra, confusão estendida do campo da Gávea até o hipódromo do Jockey Club. Em 1951, foi um dos responsáveis pela vitória tricolor no "Concurso de Torcidas" do Jornal dos Sports ao entrar em campo fantasiado de casaca, cartola e portando uma caixa de pó-de-arroz, ladeado por Teresinha Del Panta, jovem tenista do clube. Além do futebol, apreciava os festejos do carnaval carioca, onde participava do bloco Pierrôs da Caverna. Sua ascendência na torcida do Fluminense perdurou até final dos anos de 1960, quando passou a ser questionado por um companheiro da TOF, o sineiro Bolinha, criador da *Torcida Dissidente*.

Dulce Rosalina era carioca, filha de um português do bairro da Saúde, praticante do jogo do bicho e frequentador assíduo dos ranchos carnavalescos da localidade. A inclinação paterna pelo Vasco da Gama motivou sua adesão ao clube e a presença constante nas arquibancadas a fez ser escolhida para a direção da TOV na década de 1950, de onde saiu após vinte anos para fundar a Renovascão em 1976. Casada com o atleta Ponce de Leon, dedicava-se em tempo exclusivo à vida do Vasco, participando de maneira ativa da política interna do clube e tomando partido nas eleições. Dizia-se introdutora da tradição dos papéis picados entre as torcidas e acompanhava o time nos jogos fora do Rio, razão pela qual foi vítima de um acidente de ônibus na via Dutra em fins dos anos de 1960, o que provocou seu afastamento temporário dos estádios. No início daquele mesmo decênio, contudo, já havia sido vencedora do concurso de "melhor torcedora do Brasil" e costumava ser cognominada *a primeira dama* das arquibancadas.

Tarzan, codinome de Octacílio Baptista do Nascimento, nasceu em 1927, em Grão-Mogol, interior de Minas Gerais. Percorreu várias cidades de Minas e São Paulo antes de fixar pouso no Rio de Janeiro, para onde veio trabalhar como pedreiro na construção do Hospital dos Servidores do Estado. Em Belo Horizonte, integrou a torcida atleticana, que chegou a chefiar. A semelhança das cores alvinegras fez despertar sua simpatia pelo Botafogo durante a década de 1950, quando se radicou na cidade. A força muscular e o porte físico avantajado valeram-lhe o apelido do lendário herói cinematográfico, sendo conhecido nas arquibancadas por promover um ruidoso foguetório na entrada de seu time. Após exercer atividades iniciais de vendedor ambulante, tornou-se proprietário de uma loja de perucas em um sobrado no Centro do Rio. Independente e polêmico, não poupava dirigentes nem jogadores, ficando célebres suas críticas à falta de profissionalismo de Garrincha nos anos de 1960<sup>117</sup>.

Na torcida do Botafogo, Tarzã assumiu o lugar de Tolito, comandante da charanga botafoguense entre 1944 e 1949. Em função dos constantes aborrecimentos e das freqüentes brigas ocasionadas por torcedores que se infiltravam no grupo com propósitos diversos ao do mero incentivo ao clube, Tolito dissolveu a banda, cujo início foi marcado pela ajuda direta de Carlito Rocha, presidente do clube, mediante a compra de painéis, bandeiras e serpentinas. Depois de aderir ao grupo que o sucedeu, o jornaleiro Herlito Machado Fonseca, vulgo Tolito, criaria ainda a torcida organizada Fogolito, contração do nome do clube com o seu apelido. Mas ficaria mais conhecido nas décadas seguintes por sua banca de jornal, onde tremulava uma bandeira alvinegra no centro da cidade, na Rua Sete de Setembro, que se tornou referência e ponto de aglutinação dos botafoguenses. Assim como os grandes clubes, os times de porte médio e pequeno também possuíam seus torcedores-símbolos: Elias Bauman, do América; Hamilton de Oliveira, do Bonsucesso; Gama, do Campo Grande; Júlio, da Portuguesa; e Juarez, do Bangu<sup>118</sup>.

Os breves apontamentos biográficos apóiam-se também em três outros livros. Cf. PEPE, B. & MIRANDA, L. F. C. de. Botafogo, o glorioso. Petrópolis, s.e., 1996, p. 123. Cf. também CASTRO, R. Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 275 e 338. Cf. ainda Cf. também LEVER, J. A loucura do futebol. Prefácio de Sandro Moreira. Rio de Janeiro: Record, 1983, p. 126 e 133.

<sup>&</sup>lt;sup>118</sup> Cf. CASTRO, K. de. "Paiol de emoção". In: **Futebol brasileiro, o gigante a despertar**. Rio de Janeiro: Revan, 1994, p. 148.

Juarez Oliveira da Silva era natural de Acarape, interior do Ceará, onde passou a infância, mudando-se para o Rio de Janeiro ainda adolescente. Aos quinze anos, assistiu a uma partida do Bangu contra o Fluminense e mesmo ante a goleada sofrida pelos banguenses tornou-se defensor contumaz do clube de origem operária. Nos anos 50, criou o movimento de torcedores intitulado "Eternamente Bangu" para o qual mobilizava toda a família e a casa. Com quase dois metros de altura, bigodes negros, olhos claros e tez morena, trabalhava como técnico em contabilidade e na chefía de produção em uma empresa de seguros. Sócio do clube, Juarez participava da vida clubística como membro do Conselho Deliberativo, além de exercer cargos nas federações esportivas cariocas, por meio dos quais chegou a conhecer certa feita o presidente Juscelino Kubitschek, que observou o uso indefectível de sua camisa banguense. Dado a superstições e a rituais, tinha o hábito de ir aos sábados, na véspera dos jogos, à capela de São Jorge, onde costumava rezar e solicitar a vitória de seu time.

A despeito da variedade biográfica e das diferenças de temperamento descritas por João Antero, que frisavam a extravagância e a exaltação – o reverso da sobriedade e do equilíbrio atribuído a Jaime de Carvalho –, esses quatro principais torcedores pertenciam à mesma linhagem amadora de chefes de torcida, junto aos quais outros torcedores, tidos como pitorescos e excêntricos pelo autor, também eram alinhados, dentre eles os vascaínos Cartola e Domingos Ramalho, os botafoguenses Tolito e Salvador Peixoto, o tricolor Bolinha e o americano Fontainha. A função de mando outorgada aos chefes de torcida era diluída assim nas páginas do livro por uma tipificação paralela: os exóticos *torcedores-simbolos*. Estes se distinguiam por portarem instrumentos sonoros – um sino, uma sirene, uma corneta, um apito – e por proporcionarem uma ambiência carnavalesca aos jogos.

A excentricidade, expressa também no linguajar e na vestimenta, constituía um outro requisito crucial na definição desses indivíduos, aquilo que os tornava ilustrativos, representativos e dignos de curiosidade para boa parte da imprensa. Ao lado do despojamento, da origem humilde e do amadorismo, a caricatura dos chefes de torcida esboçada por esses cronistas tinha como ingrediente determinados aspectos anedóticos que propiciavam àquelas personalidades um colorido especial no interior da massa indiferenciada e

niveladora. A busca por uma singularidade no espetáculo do futebol pode ser pensada também à luz do *individualismo qualitativo* a que se referia Georg Simmel em seus estudos sociológicos sobre a emergência do indivíduo na modernidade européia no limiar do século XX. Enquanto o termo remontava ao romantismo alemão do século XIX, onde se acentuavam os aspectos singulares de cada homem, o *individualismo quantitativo* tinha suas origens no liberalismo inglês do século XVIII e enfatizava os elementos comuns entre os seres humanos<sup>119</sup>.

Ainda no intuito de recordar e acentuar a imagem *sui generis* desses torcedores de tempos passados, um veterano colunista do *Jornal dos Sports*, Geraldo Romualdo da Silva, cuja presença na crônica esportiva quase se confundia com a própria existência do periódico de Mário Filho, recorria às suas memórias, às suas anotações e às suas antigas entrevistas a fim de identificar quais seriam os pioneiros das arquibancadas na história do futebol carioca desde a década de 1920, antes do advento do profissionalismo e da criação das torcidas organizadas. Uma espécie de hagiografía anedótico-popular emergia de suas recordações sobre as figuras mais proeminentes do passado.

De acordo com seus apontamentos, Paradantas havia sido o primeiro, no ano de 1922, um "desinibido" caixa do Banco Ultramarino, responsável por fabricar uma bandeira gigante, carregada por ele e sua "grei" aonde quer que o Vasco fosse. O segundo líder vascaíno, Afonso Silva, o Polar, assim apelidado em alusão a uma marca de sorvete por ele mesmo lançada, era um "mulato sestroso e bem vestido", que se postava à frente das cadeiras sociais de São Januário, com sua bengala de junco empunhada à maneira dos jogos de rúgbi e *baseball* norte-americanos, tal como exibiam as fitas das salas de cinema na época. Esteve em tal condição até o concurso de Embaixador e de Embaixatriz para a Copa do Mundo de 1938, quando perdeu a eleição na categoria masculina para Oswaldo Menezes, do Flamengo, que não chegava a ser chefe de torcida.

<sup>&</sup>lt;sup>119</sup> Cf. SIMMEL, G. **On individuality and its social forms**. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.

<sup>&</sup>lt;sup>120</sup> Cf. SILVA, G. R. da. "Torcidas Organizadas". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 06 de maio de 1976, p. 5.

A seguir, foi sucedido por João Ferreira da Silva, o Cartola, "o homem que ri e acorda com o Vasco na boca..." um pobre alagoano indicado para a Marinha pelo embaixador e ministro Oswaldo Aranha, fuzileiro naval que viajara por trinta e três países do mundo; e por João de Lucca, um torcedor "alto e de voz mansa", que não teve a mesma projeção dos anteriores. Já Domingos Ramalho, natural de Ilhéus, Bahia, mencionado também por João Antero de Carvalho, chegou ao Rio de Janeiro em 1942 como estivador. Pertencente ao sindicato da estiva, iria se notabilizar nos estádios do Rio de Janeiro por seu rústico instrumento de sopro, feito de um talo de mamoeiro, com um toque especial aprendido por imitação àquele ecoado nos quartéis. Este produzia um som agudo e estridente que chamaria a atenção não só do presidente do Vasco, Ciro Aranha, como de sucessivos presidentes da República – Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e João Goulart –, o que lhe valeu um convite para apresentar-se na Rádio Marink Veiga.

No Fluminense, a personagem relembrada por Geraldo Romualdo da Silva era Peitão, supracitado por Coelho Neto, um boxeur que pertencia à Fuzilaria Naval da Armada e que em 1927 assumiu a chefia da torcida tricolor. Dentre suas estratégias de incentivo, tinha por hábito entoar o coro "É Flu" e aguardar a repetida resposta coletiva de seus comandados. Tentou obter o título de sócio-contribuinte nas Laranjeiras, mas em razão de suas origens negras o máximo que conseguiu de um clube então conhecido pelas restrições raciais e sociais foi a carteira de sócio-atleta. Em 1948, apareceria Guilhermino dos Santos, o Careca, que após vinte anos de frequência às arquibancadas começaria a se notabilizar por suas fantasias tricolores. Segundo o jornalista, o Botafogo não teve chefe de torcida naquele tempo, mas um bloco do bairro – o Bloco da Bambina – apesar de João Saldanha se referir na crônica "A arte de argumentar", de sua coluna Contra-ataque, a um lendário torcedor alvinegro, que atendia pela alcunha de Marinheiro, entre os idos de 1945 a 1948, e era reconhecido por uma voz metálica, semelhante à de locutores esportivos do rádio da época, como Oduvaldo Cozzi. Já o Flamengo, antes de Jaime de Carvalho, possuiu como torcedores característicos Baiano e Alfredo Pinto, o vulgo Vai-na-Bola, assim chamado por se posicionar atrás do gol nos treinos e

<sup>&</sup>lt;sup>121</sup> Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1962.

por pronunciar sempre essa mesma interjeição para os jogadores, com o auxílio de dois pratos de metal<sup>122</sup>.

Ainda que intermitentes, essas matérias dedicadas à vida dos chefes de torcida repetiam-se de tempos em tempos no Jornal dos Sports. Embora variassem seus redatores, os textos costumavam enfocar os mesmos aspectos – a abnegação romântica, o tipo folclórico, as origens modestas, o ritual de preparação para os clássicos -, em um tom quase sempre laudatório. Em uma reportagem de página inteira e de grande destaque publicada no ano de 1966, intitulada "Amor dos chefes de torcida só não vale título que cartola usa" 123, o jornalista Élcio Castro biografava mais uma vez os seis principais representantes das arquibancadas, discorrendo acerca de suas atividades cotidianas extra-esportivas e incluindo entre os perfilados, além dos cinco chefes já arrolados até aqui, Elias Bauman, um novato líder, vendedor do ramo de tecidos e medicamentos, que então despontava na torcida do América. O contraponto que agora se colocava não dizia respeito ao amadorismo dos torcedores versus o profissionalismo dos jogadores, mas à tensa relação entre a "promoção pessoal" e o "amor ao clube", manifesta no contraste entre a posição do chefe de torcida e a posição do dirigente esportivo, cada qual a ocupar um dos extremos da hierarquia do futebol<sup>124</sup>.

Conhecido na linguagem esportiva sob a pecha de cartola, situado no topo da escala do poder clubístico, o dirigente era aquele indivíduo que segundo o repórter usufruía das regalias oferecidas pelo clube, enquanto os "laboriosos" chefes de torcida apenas conseguiam, de quando em vez, aqui e ali, parcos subsídios para o patrocínio de suas atividades. A ambigüidade da imagem dos cartolas na sociedade e nos meios de comunicação, a simbolizar de um modo mais geral a visão do político e da política no microcosmo futebolístico, vinha sendo cultivada desde pelo menos a década de 1930, quando a querela deflagrada entre amadoristas e defensores do futebol profissionalizado evidenciou as práticas habituais de certos dirigentes que se

Cf. AQUINO, W.; CRUZ, C. Acima de tudo rubro-negro: o álbum de Jayme de Carvalho.
 Rio de Janeiro: C. Cruz, 2007, p. 46.
 Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1966, p. 12.

Para usar a metáfora piramidal do historiador norte-americano Robert Darnton, poder-se-ia dizer que o primeiro ocupava a "base" enquanto o segundo, o "vértice". Cf. DARNTON, R. "O alto iluminismo e os subliteratos". In: Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 13.

valiam de um inconstante regime de *bichos* – gíria referente à gratificação paternalista ofertada aos jogadores nas vitórias do time em detrimento de um salário fixo – para a manutenção das aparências do amadorismo no Brasil.

Em livro de memórias de um jogador, considerado o primeiro depoimento escrito por um atleta na história do esporte brasileiro, publicado no ano de 1933, marco zero da implantação do profissionalismo no futebol, Floriano Peixoto Corrêa narrava a precariedade das condições de sobrevivência em que se encontravam os desportistas no país, submetidos "a toda sorte de desmandos impostos pelos dirigentes" 125. Espécie de libelo contra a injustiça e a ganância, a ilustração contida no frontispício de Grandezas e misérias do nosso futebol traduzia de forma ainda mais taxativa a imagem caricatural do cartola, visto sob um prisma maniqueísta e estereotipado: se no canto esquerdo da capa via-se, apequenado, espoliado e alquebrado, o jogador ao final de sua carreira, ao centro encontrava-se, em primeiro plano, um homem de riso cínico, com seu charuto imponente, portando terno e gravata, locupletando-se com vultosos sacos de dinheiro. Com apresentação do atleta Paulo Várzea, o conteúdo da obra continha ainda relato pormenorizado um constrangimentos por que tinham de passar os jogadores da periferia a fim de se integrar aos clubes grã-finos da zona sul da cidade. Não à toa, o prólogo do livro comparava a condição do jogador aos desatinos e às incompreensões alucinadoras a que era levado, na obra literária clássica de Cervantes, o seu personagem principal.

O emprego na fala corrente do pejorativo *cartola* para se referir a um detalhe de indumentária, o esnobe chapéu usado não só pelos dirigentes de clube como pelos presidentes de entidades desportivas, culminaria com sua consignação em dicionário por parte de Leonam Penna, um colunista do *Jornal dos Sports* que no ano de 1951, após uma pesquisa de sete anos, incorporou ao léxico esportivo uma vasta quantidade de locuções futebolísticas, em um empreendimento definido por Mário Filho como "o registro civil da gíria" 126. O autor de *Dicionário popular de futebol: o ABC das arquibancadas* creditava as origens do termo cartola ao personagem homônimo que encarnava o torcedor

Um fac-símile da capa deste livro encontra-se na tese de Luiz Henrique de Toledo. Cf. TOLEDO, L. H. de. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Huicitec; Fapesp, 2000, p. 37.

<sup>&</sup>lt;sup>126</sup> Apud PENNA, L. **Dicionário popular de futebol**: o ABC das arquibancadas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 21.

do Fluminense, clube conhecido por suas marcas aristocráticas e elitistas. Anos depois, a gíria depreciativa seria consignada e corroborada por Aurélio Buarque de Holanda em seu dicionário da língua portuguesa: "dirigente de clube ou entidade esportiva; indivíduo de posição elevada, desprezador das opiniões e tendências populares; grã-fino." 127.

A criação do personagem Cartola foi uma autoria de Molas, chargista argentino que havia sido contratado por Mário Filho para ilustrar seu periódico nos anos 40, responsável pela introdução da linguagem das histórias em quadrinhos, típica do universo infanto-juvenil, na representação dos clubes <sup>128</sup>. Mas o *Jornal dos Sports* fornecia ainda outra versão autoral, que atribuía a expressão 'cartola' a um jornalista do *Correio da Manhã*, Diocesano Ferreira Gomes (Dão), criada para designar o dirigente "emproado" com função nos clubes e no tapetão das ligas esportivas.

De todo modo, se esse estereótipo vinculado de início aos tricolores circularia até o final da década de 1960, figuras púbicas que pertenciam tanto ao futebol quanto à burocracia estatal e ao mundo empresarial passaram, de maneira extensiva, a ser designados também como cartolas: Vargas Neto, presidente da Federação Metropolitana de Futebol do Rio de Janeiro, sobrinho de Getúlio Vargas; Rivadávia Correa Meyer, presidente do Botafogo e da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA); Luís Gallotti, expresidente do Fluminense, presidente da Confederação Brasileira de Desportos e ministro do Supremo Tribunal Federal; Lourival Fontes, chefe de delegação da Seleção Brasileira da Copa do Mundo de 1934 e a seguir diretor do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) durante o Estado Novo; João Lyra Filho, presidente do Conselho Nacional de Desportos, secretário de finanças do Distrito Federal, diretor da Caixa Econômica Federal até 1949, chefe de delegação na Copa de 1954, professor-catedrático e reitor da Universidade do Estado da Guanabara (UEG); Arnaldo Guinle, proprietário de um valioso patrimônio arquitetônico no Rio de Janeiro, no qual se incluía a sede do Fluminense Football Club; e Jean-Marie Faustin Goddfrois D'Havelange, mais

<sup>&</sup>lt;sup>127</sup> Cf. FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d., p. 290.

<sup>&</sup>lt;sup>128</sup> Um dos primeiros estudos críticos sobre as mensagens ideológicas contidas nas histórias em quadrinhos da Walt Disney foi feito por dois autores chilenos. Cf. DORFMAN, A; MATTELART, A. **Para ler o Pato Donald**: comunicação de massa e colonialismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

conhecido como João Havelange, presidente do Fluminense, da CBD e da FIFA entre muitos outros, recebiam tal alcunha<sup>129</sup>.

Em São Paulo, durante a década de 1970, a caricatura do cartola teria não só prosseguimento como encontraria um adversário contumaz entre os redatores e jornalistas pertencentes ao semanário Placar, revista esportiva da Editora Abril lançada naquele decênio. Enquanto no Jornal dos Sports do Rio de Janeiro as grandes matérias sobre dirigentes esportivos costumavam ser feitas por Geraldo Romualdo da Silva, em reportagens como "A política do futebol"<sup>130</sup> e "O cartola"<sup>131</sup>, e se restringiam à abordagem pitoresca do perfil dos presidentes de clube, sem questionamentos morais mais mordazes ou incisivos, na Placar de São Paulo os cartolas eram alvos de sistemáticas e contundentes críticas desde o surgimento do periódico.

Já na sua vigésima edição, em 1970, a revista dava início a uma série de quatro reportagens sob o título geral de "A falência dos cartolas". Assinada por Michel Laurence e Narciso James, com fotos de Lemyr Martins e Sebastião Marinho, a série abordava a atuação de Wadi Helu, presidente do Corinthians e deputado estadual pela Arena; de Laudo Natel, presidente do São Paulo e governador do estado; de José Ermírio de Moraes, presidente da Federação Paulista de Futebol, vice-presidente da CBD, político e empresário que depois se tornaria porta-voz da Fiesp; e de Athiê Jorge Cury, presidente do Santos. Quanto ao Rio, mencionavam-se Castor de Andrade, suspeito dirigente do Bangu; Xisto Toniato, vice-presidente do Botafogo, proprietário de frigoríficos; e Gunnar Goranson, um sueco "bonachão", diretor de futebol do Flamengo.

Segundo a revista, a cartolagem movia-se no interior do futebol com vistas à obtenção de benefícios de toda ordem, do aparecimento em fotos de jornais a amizades que gerassem dividendos. Em princípio bem-intencionados, os cartolas eram dragados com o tempo pelos vícios das engrenagens subterrâneas do aparato esportivo. Já o torcedor era situado no limbo entre os jogadores cada vez mais profissionalizados e os dirigentes totalmente amadores. Depois de traçado o diagnóstico, a última reportagem, veiculada no

<sup>129</sup> Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 28 e 30 de dezembro de 1975, p. 16 e 12, respectivamente.

<sup>&</sup>lt;sup>130</sup> Cf. **ibid**. Rio de Janeiro, 06 de abril de 1979.

<sup>&</sup>lt;sup>131</sup> Cf. **ibid**. Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1975, p. 12. Cf. também **ibid**. Rio de Janeiro, 07 de fevereiro de 1976, p. 16.

número vinte e três da revista, propunha uma alternativa à gestão dos clubes e do campeonato nacional: àqueles cabia a sua transformação em sociedades anônimas (S.A)., ao passo que a estes a adoção do modelo italiano, com a regulamentação do governo e com uma indústria rentosa que pagasse melhor os jogadores mais categorizados do mercado<sup>132</sup>. Passados alguns poucos meses, na edição de número trinta e um, o periódico publicava matéria com sentido triunfal e auto-reverente, intitulado "Exclusivo: vai mudar tudo no nosso futebol", onde era perceptível nas entrelinhas os efeitos existosos da campanha movida pela revista para a redenção do futebol brasileiro, o que fazia os dirigentes anunciarem um novo sistema competitivo para o campeonato nacional de 1971.

Em 1978, outra investida ainda mais veemente da *Placar* era desencadeada contra os cartolas. Entre as edições 429 e 432, o jornalista José Maria de Aquino era responsável por assinar a matéria "Todos os homens do presidente", onde elegia o presidente da Confederação Brasileira de Futebol, um político com origem no antigo PSD, o almirante Heleno Nunes, indicado pelo Ministro da Educação para o cargo, como ponto de partida para um conjunto de denúncias sobre a corrupção na administração dos dirigentes brasileiros, onde figuravam nomes dos "velhos caciques", dentre eles André Richer, Rubens Hoffmeister, Raimundo Viana e Paulo Maracajá, numa bateria de reportagens denominadas "Como estão matando o nosso futebol". A veemência das acusações pode ser avaliada nas seguintes chamadas, com referências à "orgia do tangodólar" prevista para a Copa da Argentina:

"Heleno Nunes não é má pessoa. É, apenas, o cartola que está levando o futebol brasileiro à ruína, por excesso de bondade. Ou haverá motivos menos éticos para justificar a orgia de gastos com a Seleção, para explicar a presença de 74 clubes no Brasileiro?"

"De alto a baixo, da CDB aos clubes, um retrato fiel do nosso futebol: um bando de cartolas incompetentes. Só no Brasil poderia existir um campeonato deficitário, que endivida os clubes e engorda os cofres da CBD. E, enquanto os clubes reclamam favores do governo, da Loteria, do INPS, a CBD, generosa, se dá ao luxo de pagar a lua-de-mel de um jogador da seleção." <sup>133</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>132</sup> Cf. PLACAR. São Paulo, Editora Abril, 1970, n. 20-23, p. 38-39.

<sup>&</sup>lt;sup>133</sup> Cf. **ibid**, p. 4-10, n. 430.

O peso de tal tradição e as consequências da tramitação dos cartolas pelas esferas governamentais da política e do futebol são consideradas pelo antropólogo Arlei Damo da seguinte maneira:

"... a disseminação dos esportes e, particularmente, a do futebol não se deveu à revelia do suporte estatal, nem da noite para o dia. O trânsito intenso de dirigentes esportivos pelos interstícios do Estado – seja do aparato administrativo, legislativo ou judiciário – fez migrar não apenas as "mentalidades de gestão", com suas peculiaridades, mas também muitas representações acerca da nação. Finalmente, parece razoável crer que uma instituição englobante como o Estado, concentrador de diferentes capitais, reproduza-se, ao menos em parte, em outras instituições sociais, com tanto mais propriedade quanto mais uso fizer delas, e este é o caso do futebol de espetáculo." 134

Fixados como antípodas entre si pela linguagem do meio especializado, o "humilde" chefe de torcida e o "poderoso" dirigente esportivo seriam contrapostos e assim caracterizados durante décadas de 1940, 1950 e 1960 na pena de muitos cronistas. Compartilhada com os jogadores, essa retórica da humildade apregoada pelos jornalistas aos torcedores tidos como mais tenazes, puros e renunciantes na demonstração da sua idolatria clubística guardava o diferencial do *ethos* amadorístico no interior do mundo profissional, uma estratégia discursiva de singularização de tal personalidade.

Com base no exposto até aqui, é possível concluir que a figura do torcedor era plasmada em duas instâncias de produção intelectual. De um lado, artistas e pensadores de projeção internacional, como Brecht e acólitos da Escola de Frankfurt nos anos de 1960, que promoveriam um elevado debate em nível teórico ao longo do século XX acerca do espectador, na qual se colocava em pauta a centralidade do fenômeno da catarse, movidos pela discussão que confrontava os planos da alienação e da consciência, da moderação e da exaltação, da estabilidade e da instabilidade emocional no comportamento do espectador moderno; de outro lado, uma gama de letrados pertencentes ao campo específico da crônica esportiva, que recolocaria a questão em termos menos conceituais e mais pragmáticos, porém não menos ideológicos, com o reconhecimento da ascensão das massas no futebol profissional e com a

\_

 <sup>134</sup> Cf. DAMO, A. "O *ethos* capitalista e o espírito das copas". In: GUEDES, S. L.; GASTALDO,
 E. L. (Orgs.) Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Rio de Janeiro: Intertexto, 2006, p. 47 e 48.

necessidade de imprimir-lhes uma diretriz pedagógica e comportamental. Esta ascensão requeria dos especialistas, que volviam seus interesses para a criação de uma demanda paralela em torno do consumo de periódicos, a construção de uma sintonia lingüística e simbólica com o público mediante a atribuição de um sentido interativo com ele no acompanhamento das partidas.

A liberação regulada das emoções catárticas de que tratava o paradigma aristotélico, endossado nos estudos sociológicos sobre os esportes modernos por um Norbert Elias, caminhava pari passu com a aplicação e a divulgação de determinados padrões a um só tempo festivos e disciplinares de conduta concebidos por jornalistas do meio. Estes procuravam internalizar no espetáculo tanto propriedades imanentes ao campo de jogo, com a criação de critérios de mensuração das formas de incentivo por meio da instituição da "Competição de Torcidas", em que se introduzia a pontuação, a emulação e o espírito de concorrência, quanto elementos provenientes de atividades extraesportivas, com a absorção dos quesitos rítmicos e musicais próprios do carnaval, extraídos por esses mesmos agentes dessa nova esfera ritualística da vida carioca: os desfiles competitivos das escolas de samba. Arremedo criado pelo cruzamento das normas de institucionalização na música popular e no futebol profissional, as torcidas organizadas despontavam como um fenômeno novo, de onde emergiam personalidades com funções sociais até então desconhecidas.

O papel de autoridade e de mediação incumbido ao chefe de torcida, ator inventado no espaço das arquibancadas como modelo a ser seguido pelos que legitimavam sua liderança e acolhiam suas orientações, seria combinado à idéia de simplicidade, de pureza e de um acentuado caráter de devoção religiosa, discursos onde é possível identificar a presença de categorias clássicas do pensamento antropológico desenvolvidas em outras circunstâncias por Marcel Mauss e Louis Dumont<sup>135</sup>. Eles vinham expressos sobretudo nas imagens do sacrifício e da renúncia, que alguns cronistas e escritores não deixariam de observar e enaltecer nos torcedores. Através de uma contraposição esquemática com a condição ocupada por outros personagens, jogadores e notadamente

\_

<sup>&</sup>lt;sup>135</sup> Cf. MAUSS, M.; HUBERT, H. Sobre o sacrifício. São Paulo: Cosac & Naify, 2006. Cf. também DOUMONT, L. O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985, p. 37 e 189.

dirigentes conhecidos como *cartolas*, era dada a assunção de uma identidade no interior do futebol. Nela, uma tríplice dimensão – a da autoridade, a da excentricidade e a da humildade –, seria fundamental na representação do torcedor em geral e do chefe de torcida, em particular.

## 1.3 Autenticidade, ambição e o novo estigma do profissionalismo

O foco do capítulo até o momento esteve voltado para a demonstração das abstrações encetadas por artistas e intelectuais com relação à passionalidade dos espectadores, no que ela tem de ativa e passiva, de positiva e negativa, de contendora e liberadora, de anímica e corporal, e para a exposição das prescrições e das idealizações estipuladas pelos cronistas da área no tocante à disciplina das massas e ao suposto intrínseco amadorismo dos torcedores. A atenção agora se direciona, por seu turno, às transformações por que passou a figura do chefe de torcida no curso das décadas de 1960, 1970 e 1980, quando outros aspectos foram descritos, enfatizados e problematizados pelos jornalistas, com a consequente reelaboração e reversão da imagem concebida de início. A investigação se concentra no acompanhamento da descrição de um sentimento de perda, de descaracterização e de "corrosão do caráter" <sup>136</sup> decorrente da mutação dos princípios fundadores de sua identidade, tal como engendrada e cristalizada ao longo dos decênios de 1940, 1950 e 1960, que se reflete na alteração do enfoque privilegiado por parcela significativa da crônica esportiva. Ver-se-á de que maneira a representação fabricada pelos meios de comunicação pode ser redefinida, complexificada ou mesmo reafirmada quando se consideram as sucessivas gerações de chefes de torcida organizada do Rio de Janeiro.

Com efeito, dentre as diversas transformações observadas no correr dos anos, seria aquela mesma equação montada por determinados cronistas para retratar a quase incompatibilidade de posicionamento entre dirigentes esportivos e torcedores, como no caso da reportagem citada na seção anterior de Élcio Castro, do decênio de 1960, que entraria em colapso ou sofreria modificações substantivas. Se a percepção do dirigente como *cartola* passava

-

<sup>&</sup>lt;sup>136</sup> Cf. SENNETT, R. A corrosão do caráter. Rio de Janeiro: Record, 1999.

por uma representação denegrida de seu *métier* em função do contato mais direto com a esfera de poder do Estado, o que lhe valia uma dubiedade e uma desconfiança de parte da imprensa favorável ao movimento da profissionalização, quanto a suas práticas, a seus costumes e a suas reais intenções no interior do clube, outras formas de entendimento desse mesmo personagem não eram incongruentes com a inserção do chefe de torcida no cenário desportivo.

Ao contrapor as origens nobres do primeiro e as origens plebéias do segundo, a rigidez do par antitético seria convulsionada por um princípio de realidade em que tais personagens não deixariam de entretecer relações concretas no dia a dia do mundo clubístico – com os dirigentes, com os jogadores, com a imprensa -, mediante o estabelecimento de um gradiente de interações capazes de produzir novas configurações, investidas de uma dinâmica própria, distinta dos papéis prescritos a priori para cada ator, à luz daquilo que os sociólogos norte-americanos Howard Becker e Erwin Goffman chamaram de "interacionismo simbólico" 137. É de largo conhecimento que a abordagem interacionista nos Estados Unidos representou uma alternativa sociológica ao funcionalismo fundamentado por Talcott Parsons e por Robert Merton em torno de meados do século XX. Eles foram sucedidos por autores que traziam como alicerces inovadores os conceitos interativos de ação, de comunicação e de socialização. Seu esteio era por sua vez uma linguagem extraída do teatro, em expressões como drama, papel, representação, entre outras<sup>138</sup>.

Assim, a distância estrutural que separava o dirigente de clube e o representante dos torcedores na arquibancada do ponto de vista da hierarquia política, econômica ou social não impedia a percepção de um relacionamento estreito e de uma cumplicidade, por assim dizer, umbilical entre um e outro. As torcidas organizadas haviam nascido e se desenvolvido não apenas sob a chancela dos meios de comunicação – é notória a versão segundo a qual a Charanga de Jaime de Carvalho fora batizada com tal nome em um programa de rádio do locutor esportivo Ari Barroso – mas igualmente sob o beneplácito

<sup>137</sup> Cf. GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1985.

<sup>&</sup>lt;sup>138</sup> Cf. JOAS, H. "Interacionismo simbólico". In: GIDDENS, A.; TURNER, J. (Orgs.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Editoria UNESP, 1999.

de vários presidentes de clube e de vice-presidentes dos departamentos de futebol, de quem costumavam receber subsídios consoante o grau de proximidade. Sendo o clube uma entidade social e recreativa em princípio sem fins lucrativos, seus presidentes eram em geral figuras antigas no meio, exatletas, fundadores ou descendentes de famílias aristocráticas tradicionais cuja vida era associada à agremiação e que permaneciam à sua frente muitas vezes por laços dinásticos de afeição genealógica — os Carneiro de Mendonça no Fluminense, os Bebiano no Botafogo, os Cardoso no Flamengo, as filiações de origem portugesa no Vasco — como atestam exemplos históricos de inúmeras empresas criadas por imigrantes, indústrias ou estabelecimentos comerciais de pequeno ou médio porte no Brasil<sup>139</sup>.

O advento do profissionalismo nos anos de 1930 não romperia por completo a hegemonia de um ethos amadorístico, de uma ambiência familiar ou de um modo paternalista de administração do clube por parte dos dirigentes, de sorte que ambos, diretor e torcedor, malgrado todas as diferenças hierárquicas, continuariam a partilhar uma mentalidade amadora muito próxima entre si. A questão voltaria à baila na década de 1960, quando várias transformações, expressas no avanço de uma nova voga de profissionalização e das suas vicissitudes no contexto nacional e local, recolocariam o problema do distanciamento e da proximidade, da autonomia e da dependência, do altruísmo e do favorecimento pessoal na abordagem dos dois atores. A formação de um Campeonato Brasileiro e a criação de uma infra-estrutura de grandes estádios agenciada pelo governo federal; a entrada da cobertura televisiva em escala global e os recordes de público pagante; as formas inovadoras de obtenção de lucro nos jogos, com os patrocínios e com o lançamento da loteria esportiva nacional; a rapidez das viagens com o desenvolvimento dos meios de transporte, em especial, de uma malha aeroviária que despontaria ante a malha ferroviária e rodoviária – todos esses itens seriam fatores macro-estruturais que exerceriam grande impacto sobre o futebol do país e sobre a vida clubística, afetando o modus operandi administrativo do clube e, por conseguinte, o relacionamento com seu associado e com seu torcedor.

<sup>&</sup>lt;sup>139</sup> Cf. FAUSTO, B. "Imigração: cortes e continuidades". In: SCHWARCZ, L. M.; NOVAIS, F. (Orgs.). História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol.4.

O novo influxo do profissionalismo e o alargamento da simbologia clubística, agora articulada à esfera da nação por meio de uma competição que procurava integrar as diversas regiões do território, se refletiriam de maneira provisória no afastamento das figuras do dirigente de torcida e do dirigente de clube. O quadro teria repercussões também nas disputas por espaço e nas maneiras de representação dos torcedores nas arquibancadas. Quanto mais as torcidas requeriam uma estrutura de viagens para o acompanhamento sistemático do time nos jogos fora do estado e um local para abrigar seu material cada vez mais autônomo em relação ao clube, que crescia em termos quantitativos com bandeiras, camisas e instrumentos musicais, menos a figura exclusiva do chefe, como repositório moral e ícone do clube nos estádios, tornava-se necessária. A unanimidade e o consenso em torno de um único nome cedem terreno a uma fragmentação da representatividade que atende às demandas competitivas e aos imperativos funcionais de existência da coletividade.

O culto e a tradicional obediência à persona do chefe passam a sofrer sucessivos questionamentos no seio das associações em fins da década de 1960, movidas também pelo engrandecimento, pela racionalização e pela burocratização por que atravessa o futebol profissional. Se a chefia da torcida dependia muitas vezes do aval dos presidentes de clube, assim como das emissoras de jornal e rádio, agora o vínculo de muitos dos auto-intitulados chefes com esses dois pólos de poder esportivo deixa de ser imprescindível. Impulsionadas por uma conjuntura de crescimento, fragmentação e "despossessão" <sup>140</sup>, fissuras internas na unidade dos grupos promoveriam o aparecimento de um sem-número de agrupamentos paralelos e de uma heteronomia de comandantes de torcida dentro de um mesmo clube. Eles passariam a conviver, a concorrer ou a se opor aos métodos usuais de apoio dos primeiros líderes de arquibancada, e aos seus atributos de incontestável liderança, onde um rearranjo e um agenciamento diferencial das relações - ora aproximadas, ora distanciadas – se verificariam entre estes e as autoridades clubísticas e esportivas.

<sup>&</sup>lt;sup>140</sup> Conforme já citado na Introdução, o termo é empregado por Pierre Bourdieu e pelo sociólogo francês Patrick Mignon para indicar a perda de influência direta das torcidas sobre os clubes. Cf. MIGNON, P. **La passion du football**. Paris: Odile Jacob, 1998.

As metamorfoses no universo futebolístico e no âmago das torcidas organizadas não se fariam perceber de início na abordagem jornalística, de modo que as mudanças efetivadas pela profissionalização não pareciam alterar em termos concretos os laços de proximidade constituído entre os diversos agentes do futebol ao longo de décadas, sobretudo no que diz respeito à relação entre os jornalistas e os torcedores. O Jornal dos Sports continuaria a dar a abertura usual aos grupos durante o decênio de 1970, com fotos na primeira página, com manchetes dotadas de um nítido teor de incentivo e com o prestígio conferido às suas atividades durante a semana, nas estratégias adotadas por cada líder para a obtenção da vitória nos *Duelos* patrocinados pelo jornal. A relação dos chefes de torcida entre si e com os jornalistas em específico mantinha ainda um curioso e antigo costume: a ida dos torcedores à sede da redação dos periódicos. Naquele ambiente, as lideranças iam ao encontro dos repórteres, em um clima de camaradagem e de informalidade, e davam seus palpites e prognósticos para os jogos do fim de semana. A provocação amistosa ao representante da torcida adversária e a entrega de troféus à torcida vencedora, em matérias feitas por vezes em plena mesa de trabalho dos jornalistas, faziam parte dessas visitas, que não raro eram publicadas como notícia no dia seguinte<sup>141</sup>.

Veículo central aqui investigado, como se observará com mais nitidez no próximo capítulo, o *Jornal dos Sports* acompanharia a progressiva alteração na abordagem e na tematização das torcidas organizadas na década de 1980, com a tendência da grande imprensa a salientar o fenômeno da violência. Entretanto, o elo histórico com esses grupos lhes assegurava credibilidade na colocação do assunto em discussão e na proposição do debate com as lideranças dos torcedores, para além da mera condenação ou do simples registro factual dos incidentes. Assim como matérias exclusivas de página inteira vinham sendo feitas ao longo das décadas, o decênio de 1980 assistiria a destacadas

<sup>&</sup>lt;sup>141</sup> A título de exemplo, cite-se o mês de abril de 1973, quando uma grande competição entre torcidas seria promovida pelo *JS*, acompanhada por um corpo de jurados constituído pelas mais eminentes personalidades das rádios cariocas. Após uma semana de divulgação, a cerimônia de entrega de troféus à torcida vencedora seria coberta na sede do jornal com várias fotos da confraternização entre representantes das diversas associações. Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 18 de abril de 1973, p. 5. No mesmo ano, o semanário esportivo *Placar*, da revista Abril, realizaria em parceria com o *Jornal dos Sports* um concurso em nível nacional onde, por meio de votação, os torcedores elegiam "o clube mais querido do Brasil". Cf. PLACAR. São Paulo: Ed. Abril, 03 de agosto de 1973, n. 177.

reportagens com aqueles representantes, onde continuava a se evidenciar uma preocupação recorrente com as origens sociais, com as formas de subsistência econômica fora do esporte e com o grau de doação de que eram capazes. Enquanto o citado repórter Élcio Castro expunha em 1966 a vida do chefe de torcida com ênfase na modéstia de suas condições econômicas e na aclamação de seu altruísmo, com a inclusão de dispêndios financeiros pessoais em benefício do clube, o teor dos textos da década de 1980 se direcionava à apresentação dos novos atores que emergiam nos grupos, à exposição das novas questões por eles vivenciadas no relacionamento com as demais instâncias do futebol e à explicitação dos modelos de conduta em que se viam moralmente divididos.

Ao longo daquele decênio, em três oportunidades o jornal transcenderia as notícias mais corriqueiras referentes às torcidas e cederia espaço à discussão sobre a figura do líder e seu grupo, em matérias de página inteira e com grande destaque. A dimensão conjuntural e seu caráter pontual não impedem que se perceba a colocação em termos dramático-estruturais do questionamento em torno da sua identidade. Os três momentos consistem, pois, em três etapas de um processo maior de mudança da representação do chefe de torcida, possibilidade entrevista já na primeira geração das décadas de 1940, 1950 e 1960, que vai se manifestar e cristalizar no discurso jornalístico dos anos de 1980 quando certos valores amadoristas se mesclam a valores profissionais, fruto de igual modo da persistência de determinadas relações travadas com os dirigentes. A contrapelo de um movimento rumo à profissionalização, o chefe de torcida seria pouco a pouco identificado como um dos protagonistas responsáveis pela continuidade com determinadas práticas rechaçadas por significativa parcela do jornalismo esportivo, formadora daquilo que se convencionou chamar a opinião pública<sup>142</sup>.

O primeiro momento se daria em agosto de 1982, quando uma reunião dos chefes de torcida ocorrida em plena Associação Nacional dos Jornais, a ANJ, criada em agosto de 1979<sup>143</sup>, espaço voltado para garantir a autonomia da

<sup>&</sup>lt;sup>142</sup> Cf. BECKER, J.-J. "A opinião pública". In: RÉMOND, R. (Org.) Por uma história política. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / Editora FGV, 1996. JABOR, A. A opinião pública. São Paulo: Versátil Home DVD, 2006.

O órgão predecessor da ANJ foi o Sindicato dos Proprietários dos Jornais e Revistas do Estado da Guanabara, da década de 1960, cuja sede ficava no décimo andar do prédio da Associação

corporação dos jornalistas face ao poder dos empresários e donos de jornal, ganharia repercussão ao pôr em foco a participação dos chefes de torcida nas instâncias decisórias estaduais do futebol carioca, como o Conselho Arbitral da FERJ, e a possibilidade de influência das lideranças de torcedores na elaboração do calendário do campeonato, na criação das fórmulas de disputa e na decisão do preco dos ingressos<sup>144</sup>. O objetivo maior das torcidas parecia ser a conquista do direito à voz e voto na federação, tendo em vista o conhecimento do dia a dia do futebol. A transitoriedade do dirigente nos cargos era contraposta à permanência do torcedor nas arquibancadas, razão pela qual havia sido criada no ano anterior a ASTORJ, a Associação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro, entidade com uma clara postura reivindicatória que colocava os líderes de torcida como partícipes do evento<sup>145</sup>. A lista de reivindicações era divulgada pelo jornal, com exigências e cobranças alternadas ao oferecimento de contribuições, tais como a colaboração com a polícia nas campanhas de pacificação dos estádios e a reabilitação dos concursos de torcida, cuja última grande edição havia sido em 1973.

A abertura de um canal coletivo de representação das diversas associações sinalizava para a tentativa de formação de uma corporação autônoma que participasse em âmbito institucional e que negociasse com as esferas de poder constituído. A elaboração de uma lista de reivindicações permitia o entendimento das suas demandas e a sua inspiração, ainda que remota, com organizações estruturadas em moldes sindicais, tal como reclamada por uma nova geração de chefes ciente de seus direitos e deveres. Presente ao debate, Dulce Rosalina era a única remanescente dos primeiros líderes de torcida das décadas de 1940, 1950 e 1960. Ela estava então no comando de um grupo pequeno, a Renovascão, criado por ela própria desde seu afastamento da TOV, em virtude de divergências nas eleições para a presidência do clube em 1976. De todo modo, graças a seu prestígio na

Brasileira de Imprensa. Cf. LUNA, C. M de A. A Associação Brasileira de Imprensa e a ditadura militar (1964-1977). Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em História Social / UFRJ, 2007, p. 48 e 85.

<sup>&</sup>lt;sup>144</sup> Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1982.

<sup>&</sup>lt;sup>145</sup> No contexto paulista, a Associação das Torcidas do Estado de São Paulo (ATOESP) já existia desde o final da década de 1970. Ela era presidida por Flávio de la Selva, líder dos Gaviões da Fiel. Como sucedia no Rio de Janeiro, elas se reuniam e deliberavam por greves. Cf. REVISTA PLACAR. "Calendário ou greve". São Paulo: Editora Abril, 1979, p. 48, n. 495.

imprensa esportiva, a imagem de Dulce parecia mais adequada à de uma torcedora-símbolo do que à de uma líder de grupo.

O falecimento de Jaime de Carvalho em maio de 1976 fez com que a Charanga passasse a ser comandada por sua esposa, dona Laura, que não participava das discussões, enquanto a saída de Paulista da torcida tricolor e de Juarez da torcida banguense tivesse ocasionado a ascensão respectiva de Sérgio Aiub e de Wilson Amorim na liderança de cada agremiação, ambos presentes naquele encontro de 1982 promovido pelo *Jornal dos Sports*. Tarzan continuava a comparecer aos jogos do Botafogo, mas em virtude de suas viagens periódicas a Belo Horizonte, que se intensificaram entre 1974 e 1977, perdeu a posição. Mesmo tentando reavê-la, o que gerou um pequeno litígio, Tarzan acabou substituído na chefia da torcida por João Faria da Silva, o popular Russão, ex-freqüentador da Geral, que ingressara na Torcida Organizada do Botafogo a convite de Tolito e que a recriara em 1981 sob o nome de Torcida Folgada.

Os novos chefes, dentre os dez presentes àquele encontro, eram perfilados pelo Jornal dos Sports, que apresentava uma preocupação em situálos para o leitor a partir de seu trabalho, de sua atividade profissional extraesportiva e de suas formas de custeio da torcida. A descrição das ocupações feita pelos repórteres tornava difícil o enquadramento preciso em um perfil etário ou sócio-econômico determinado, dada a grande disparidade entre as categorias profissionais listadas. Os tricolores faziam-se presentes com Helena Lacerda, da Fiel Tricolor, mulher de um desembargador, mãe de três filhos, sendo dois deles advogados; com Armando Giesta, presidente da Young-Flu e idealizador da Astori, pequeno industrial que se dizia vendedor nas horas vagas, a fim de saldar os gastos contraídos na torcida; e com Sérgio Aiub, da Organizada Jovem-Flu, autônomo, modelador e feirante, que ressaltava o fato de ter sido rejeitado como sócio do Fluminense por suas competências profissionais subalternas. Os torcedores banguenses eram compostos por Antero, da Bancica, encarregado de compras de uma firma conceituada, que pertencia ao sr. Olavo Monteiro de Carvalho, do Vasco; e por Amorim, do Círculo de Amigos do Bangu, diretor e representante do clube nas federações esportivas.

Já os vascaínos figuravam com Eli Mendes, da Força Jovem, formado em línguas neolatinas, professor que abandonou a carreira para poder acompanhar o Vasco e que vivia do rendimento de suas propriedades; com Antônio Vicente, também da Força Jovem, funcionário administrativo da Caixa Econômica Federal, que chegou a cursar Educação Física, sem ter concluído a graduação; e com a já mencionada Dulce Rosalina, filha de banqueiro do jogo do bicho, proprietária e trabalhadora de uma firma comercial. O único representante dos rubro-negros chamava-se José Francisco de Moura, mais conhecido como Banha, presidente da Torcida Jovem do Flamengo, estudante universitário e servidor público federal A apresentação era concluída com Nilo Sérgio, vice-presidente da Torcida Organizada do América, que trabalhava com um diretor do clube no cartório de Márcio Braga.

O entrosamento e o projeto comum das lideranças presentes não impediam o debate e a preocupação com relação à imagem e ao poder recémconquistado pelos chefes de torcida. A profusão de torcidas organizadas era decorrente, segundo a avaliação daquele segmento de torcedores, dos beneficios vislumbrados em tal atividade. Havia indivíduos que se valiam da ocupação ao entrever alguma forma de beneficiamento, seja do clube seja da própria torcida, com sua atuação. A venda informal de produtos - camisas, adesivos plásticos, chaveiros – proporcionava uma receita modesta, porém sua administração e seus dividendos geravam polêmicas. Se por um lado a gestão de tal rendimento era importante para o sustento do grupo na reposição das peças de bateria, das bandeiras e de outros instrumentos, por outro ela dava margem à aquisição de lucro por parte do chefe, o que criava suspeita de vantagens e de destinos escusos. A clivagem moral entre os "torcedores autênticos" e os "torcedores ambiciosos" aparece explícita no discurso das lideranças, passando a ser uma questão importante na aferição da legitimidade e da credibilidade dos chefes no interior dos grupos, com a delimitação entre aqueles que se moviam pela ganância e aqueles que faziam jus à pureza dos ideais clubísticos.

O segundo momento se daria em 1987. Transcorridos cinco anos daquele debate, o mesmo *Jornal dos Sports* lançaria o "I Encontro JS das Torcidas" <sup>146</sup>,

<sup>&</sup>lt;sup>146</sup> Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 29 de março de 1987.

um fórum de discussão em que mais uma vez os chefes de torcida voltariam a se posicionar e a expor suas opiniões para a solução dos problemas considerados mais graves do futebol profissional carioca. O evento contaria com seis lideranças torcedoras, das quais quatro tinham comparecido naquele ano de 1982: Seu Armando, Banha, Amorim e Antero. Os dois novos representantes eram Roseão, do Fluminense, que pertencia à Fiel Tricolor, e Célio, do América, que falava em nome da Garra Rubra. O jornal anunciava que três outros torcedores não haviam podido comparecer: Eli Mendes, da Força Jovem do Vasco; Russão, da Torcida Folgada do Botafogo; e Amâncio César, da Torcida Organizada do Vasco, este um professor de matemática da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Os tópicos desta feita eram distintos do encontro anterior, já não versavam sobre a tentativa de coesão dos grupos com a constituição de uma associação que defendesse os interesses dos torcedores ou sobre a ocupação empregatícia dos mesmos; tampouco tratavam do combate aos autoproclamados chefes que visavam o favorecimento pessoal às expensas do clube, da torcida e dos dirigentes.

Os temas debatidos agora abordavam a ausência de público nos estádios, o preço dos ingressos e um item em especial: a violência. A rivalidade entre as torcidas organizadas parecia ter se acirrado e os esforços de apaziguamento por parte dos líderes, com a iniciativa de promoção de torneios de futebol entre as rivais, sob o patrocínio do Jornal dos Sports não tinham surtido efeito e haviam terminado em briga. Ante as cobranças, os debatedores assumiam a tendência natural de defesa do seu ponto de vista, com a transferência da responsabilidade e com a indicação dos fatores externos que agravavam a situação de descontrole. O baixo nível técnico dos jogos, o tratamento violento dispensado pela polícia, a ausência de vistoria na entrada dos estádios pelos órgãos competentes e a precariedade das instalações físicas, com arquibancadas sem condições mínimas de conforto, eram os empecilhos listados que levavam à degradação generalizada e à animosidade entre os integrantes das torcidas. O cultivo de relações amistosas e tolerantes entre os líderes não impedia o encaminhamento da discussão para uma progressiva perda de controle destes no interior dos agrupamentos, com conjecturas a respeito do grau de conivência e de cumplicidade dos chefes frente à intensificação dos confrontos físicos.

O terceiro momento em que os chefes de torcida mais representativos seriam chamados a responder ao jornal sobre suas atitudes ocorreria em um breve intervalo de tempo, um ano e meio depois. O quadro alarmante anunciado na manchete seria a evidência de uma guinada na abordagem relativa às torcidas no final de 1988. O posicionamento do Jornal dos Sports já não se mostraria favorável aos líderes de torcida como até então se verificara, o que vem expresso na reportagem exclusiva e de amplo destaque intitulada: "A torcida organizada no banco dos réus" 147. A imagem da autoridade carismática, da contenção da passionalidade e da autêntica devoção ao clube creditada até então ao chefe de torcida parecia transfigurada segundo o retrato composto por aqueles que outrora salientavam as suas qualidades e virtudes amadoras. Instados a encontrar soluções para as brigas que campeavam dentro e fora dos estádios, tidos como cúmplices ou responsáveis em parte por tal quadro de deterioração, os chefes de torcida eram submetidos a uma espécie de julgamento sumário, predefinidos como líderes fracos, débeis, mercenários, incapazes de coibir os seus violentos associados e de impedir a influência de minorias radicais paralelas que desestabilizavam os grupos.

A esse agravante somava-se o fato de o chefe de torcida ter desenvolvido relações ambíguas e obscuras com o controvertido *cartola*, no estabelecimento de uma aliança em que se visava o lucro e a ascensão social no mundo esportivo. A utilização do clube como trampolim político era uma mostra de que as relações sociais no ambiente dos esportes estavam dominadas por indivíduos cuja ambição e ganância haviam superado a pureza e a autenticidade das paixões. O desgaste da imagem das torcidas junto aos meios de comunicação derivava de uma suposta corrosão moral das suas respectivas lideranças, que deixavam de exercer um papel educativo positivo e de ascendência sobre o grupo. Ao invés da orientação equilibrada de seus torcedores, muitos dos novos líderes eram não apenas complacentes como sobretudo responsáveis pelo estímulo à provocação aos adversários. Por um lado, os chefes admitiam a perda de controle, atribuída ao crescimento

<sup>&</sup>lt;sup>147</sup> Cf. Id. Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1988. Embora não haja conexão direta, curioso notar como o título coincide com a tradução para o português de uma obra inglesa publicada no início da década de 1990 acerca dos hooligans. Cf. DUNNING, E.; WILLIAMS, J.; MURPHY, P. **O futebol no banco dos réus**. Oeiras: Celta Editora, 1994.

desmesurado dos agrupamentos; por outro, voltavam a apresentar as mesmas razões anteriores para se eximir das acusações.

O termo torcedor profissional, de nítido teor pejorativo, aparece explicitado pela primeira vez no jornal, como tipificação do líder de torcida que sobrevivia às custas do contato privilegiado com dirigentes e com políticos do meio. Os seis chefes convocados para a reunião no jornal que resultou naquela matéria ainda eram quase os mesmos - Banha, Armando Giesta, Eli Mendes, Amâncio, Russão –, à exceção de Roberto Pinho Luiz, o Branco, de 24 anos, casado, funcionário administrativo do Banco Real, então presidente da ASTORJ e líder da Raça Rubro-Negra, agremiação que já dizia contar à época com treze mil associados em todo o país. O jornal voltava a indagar pelo trabalho de cada um e dentre eles era identificado um "torcedor profissional", Russão, que vivia do futebol e da assessoria ao vereador Carlos Imperial, ligado à política e ao mundo esportivo. A criação de mecanismos para a dedicação exclusiva ou semiprofissional ao futebol provinha de três fontes principais, das quais as duas últimas pareciam duvidosas: a obtenção de patrocínios junto a empresas particulares; as subvenções dadas pelo clube, com o oferecimento de ônibus e de passagens; e os ingressos gratuitos oferecidos pela federação e pelo governo do Estado, através do órgão executivo gestor do Maracanã, a SUDERJ.

Se a relação tradicional entre os chefes de torcida e os representantes dos clubes e dos órgãos públicos parecia ser antiga, seria a irrupção do fenômeno da violência e a sua cobertura pelos meios de comunicação que tornariam a questão um problema de ordem moral a ser resolvido no final dos anos 80. Tais práticas de proteção passam então a ser condenadas de maneira mais veemente por boa parte dos comentaristas esportivos. A dimensão apresentada extrapolava o ambiente interno dos esportes e daqueles que cultivavam uma tradição de proximidade, fossem as rádios de pequeno porte, fossem os periódicos especializados na temática esportiva, fossem mesmo os canais de televisão em escala local que continuariam durante tempo considerável com reportagens, com a cobertura de eventos e com os programas exclusivos dedicados a esses personagens. Quanto a este ponto, ressalte-se que entre 1979 e 1981 a Rede Bandeirantes de Televisão levou ao ar o dominical *Conversa de Arquibancada*, programa de baixo custo copiado e reeditado entre 1987 e 1989 pela TV Record sob o nome de *Papo de Arquibancada*. A estrutura do

programa compreendia um palco em formato de arquibancada onde se sentavam os principais chefes de torcidas organizadas, e um auditório onde ficavam os integrantes das respectivas facções<sup>148</sup>.

A preocupação transbordava os tradicionais limites e passava agora a ser encampada pela grande imprensa não-especializada em futebol e, por extensão, pela sociedade de uma maneira mais ampla. Naquele mesmo ano de 1988, por exemplo, a Revista de Domingo, suplemento dominical do *Jornal do Brasil*, dedicava atenção especial ao assunto, que vinha estampado em sua capa sob o título "Torcidas organizadas: as gangs da paixão". Já no editorial, o redator Joaquim Ferreira dos Santos expressava a visão do fenômeno e do papel do chefe de torcida que subvertia sua vocação no mundo esportivo em nome de atitudes suspeitas. O cronista apresenta a típica tendência à contraposição entre um passado edulcorado – puro e pacífico – e um presente violento, corrompido pela degradação dos costumes:

"Vai longe o tempo em que a arquibancada do Maracanã era um grande e alegre baile animado pela charanga rubro-negra do Jaime ou o talo de mamão do vascaíno Ramalho. Torcida organizada agora, como tudo o mais que nos cerca, também é foco de violência. Os gols são cada vez mais raros no gramado, e os torcedores aproveitam o tanto tempo morto para se agredirem. Jogam morteiros nos jogadores, fazem estripulias mais associadas às páginas policiais do que à crônica do antes fidalgo esporte bretão. Eles dizem que embelezam o espetáculo com suas bandeiras coloridas e gritos, que acompanham o time nos estádios mais afastados e que se batem contra o aumento de ingressos. As famílias, no entanto, querem distância desses 'anjos' – e cada vez se afastam mais dos estádios. Jornalistas e diretores de clubes acusam os chefes de torcida de profissionalismo e de se utilizarem do cargo para a promoção pessoal. Foi esse roteiro tenso, de arquibancadas onde a paixão precisa cada vez mais de cordões policiais para civilizá-las, que os repórteres Mauro Ventura, Sidney Garambone e Marcelo Gomes encontraram nos estádios cariocas e trouxeram para a capa desta edição. Hoje tem Fla-Flu. Cuidado." <sup>149</sup>.

Não demoraria para que no mesmo ano, ao final do mês de dezembro, um colunista do periódico concorrente na cidade, *O Globo*, dedicasse considerável espaço à reflexão sobre o assunto. Cláudio de Mello e Souza

<sup>&</sup>lt;sup>148</sup> O antropólogo argentino Daniel Salerno empreendeu um estudo acerca dos programas televisivos consagrados em exclusividade aos *hinchas*. Cf. SALERNO, D. "Apología, estigma y represión: los hinchas televisados del fútbol". In: ALABARCES, P. (Org.). **op. cit.**.

<sup>&</sup>lt;sup>149</sup> Cf. JORNAL DO BRASIL. **Torcidas Organizadas**: as gangues da paixão. Rio de Janeiro, 22 de maio de 1988, Suplemento Especial - Revista de Domingo, p. 11.

observava com ira e ironia o total afastamento das associações de torcedores dos valores esportivos, mormente os democráticos, encabeçados e insuflados pelos mentores daqueles movimentos, como pode ser percebido na crônica "A ditadura da torcida organizada":

"O técnico Zanata aborreceu-se com a impaciência da torcida. Zanata não parece que já foi jogador, não parece que conhece a torcida, nem parece que sabe o que é ser técnico no Brasil. Se o Zanata ainda não sabe - e custa a crer que ele ainda não saiba -, o Brasil é um país formado com cerca de 145 milhões de torcedores e, portanto, de igual número de técnicos. Descontemos desse numeroso total os velhos, os inválidos, as crianças e os doentes — sobretudo os doentes. Ficaremos com 80 milhões de pessoas que supõem conhecer todos os segredos do futebol, todos os requintes da técnica e todas as artimanhas da tática. Haja oferta para tanto mercado! Quando me dizem, como se fosse novidade, que um dos maiores males do futebol brasileiro são as torcidas organizadas e que, mais nefastas que elas, são os chefes de torcida, só me restam duas hipóteses: calar e consentir. Torcer é impulso apaixonado, solitário e delirante. Em tudo isso reside a sua verdade. Pode ser que, no máximo, esses sentimentos sejam somados a sentimentos iguais e de igual intensidade, formando 'aquela corrente pra frente' de saudosa memória. Se bem me lembro, essa corrente não correspondeu a nenhuma ordem unida espiritual. Foi passando de um para outro, pois que palavras de ordem não servem para sentimentos em desordem. Organizar a paixão popular é mais ou menos querer pôr em ordem o caos. Não dá. A não ser que os interessados nessa ação absurda queiram dela tirar proveito subalterno. Pois é exatamente o que um organizador de torcida me parece estar querendo tirar: proveito pessoal, financeiro ou político. Ser chefe de torcida organizada me faz lembrar a triste biografia de uma triste figura, a do gordo e frascário Ernest Höehm, que municiou as violentas e patuscas patrulhas do Partido Nazista, antes da SS. Eram as SA, brutalmente exterminadas por ordem do próprio Hitler, na sangrenta noite das "longas facas". Se há uma ordem de violência, há uma infeliz expressão individual dessa violência. Talvez seja por isso que, todas as vezes que chego ao Maracanã, e percorro o melancólico caminho que me leva do constrangedor portão 18 às incômodas tribunas de imprensa (e me espanta o grande número de crianças jornalistas que há, hoje em dia, no Rio) sou alvejado por copos de cerveja e outros líquidos menos nobres. Hoje em dia, a violência não mais objetivo, qualquer objetivo serve. Haveria algum, ainda que deplorável, se isso fosse dirigido à torcida (digamos) adversária. Insisto, para que não fique nenhuma dúvida: deplorável. No dia em que os dirigentes de clube, sem exceção, tivessem a coragem moral de combater as torcidas organizadas e as pessoas que as dirigem, os jogos de futebol melhorariam muito. Se técnico já não entende, torcedor entende menos ainda. Sei que o futebol não está submetido, democraticamente, ao voto popular. Se assim fosse, Nabi Abi Chedid não teria a soberba pretensão de aspirar à presidência da CBF. Mas voto é obra de reflexão. Nada tem a ver com arrebatamento passional, com torcida. As torcidas organizadas estão desorganizando o futebol brasileiro ou contribuindo para desorganizá-lo. Não formam grupos democráticos,

mas facções autocráticas. Se elas não têm mais o que fazer, que consultem os dicionários para aprender o que autocrático quer dizer."<sup>150</sup>.

A contundência e o teor das críticas levantadas por parte de Cláudio de Mello e Souza, tendo como alvos principais os chefes de torcida e os dirigentes esportivos, suscitariam contestações de leitores por meio de correspondências. Decorridos alguns dias da publicação, outra coluna era dedicada ao tópico, com respostas e uma *mea culpa*, onde reconsiderava a generalização por ele feita acerca das torcidas organizadas. O termo *profissional* vem novamente à baila: "Torcedores, organizados ou profissionais". A transcrição de uma carta recebida fazia com que um torcedor organizado distinguisse entre as torcidas verdadeiras e autênticas, de um lado, voltadas apenas ao incentivo, e as falsas e inescrupulosas, de outro, empenhadas em vaiar o time com fins escusos:

"Há uma semana, mais ou menos, escrevi aqui sobre os malefícios que as torcidas organizadas trazem ao espetáculo futebolístico, seja através da violência física, seja através da violência verbal. Esse escrito me valeu alguns telefonemas desaforados, duas ou três ameacas de bordoadas e uma correspondência insultuosa. Não me intimidei nem me surpreendi. Confesso mesmo que esperava chumbo mais grosso. Não costumo reproduzir cartas de leitor, no todo ou em partes. É expediente subalterno, recurso de quem não tem assunto. Não faz minha cabeça. Até porque a grande maioria das cartas é um feio monumento à ignorância e à brutalidade. É duro dizê-lo, mas é verdade. Cartas há, porém, que me encantam pela profundidade com que foram pensadas e pela direitura com que foram escritas. Por achar que ela deve ser compartilhada pelo meu amável leitor, reproduzo-a na íntegra: 'Cláudio, tirante a sua paixão, cada vez menos correspondida, pelo Botafogo, rarissimamente estamos em desacordo. Pelo menos em gênero e número. Mas ontem fiquei triste e absolutamente desacordado. Que mal pode haver em organizar-se a emoção ? E em usar a emoção bem organizada para ajudar nosso time a vencer ? Você mesmo é testemunha de que a torcida rubro-negra já venceu jogos dificílimos, que o time perdia em campo. Você mesmo já sentiu o que é a pressão da galera empurrando os jogadores, praticamente forçando-os a ter vergonha e a corresponder, com garra, à emoção da torcida. Seu engano é confundir torcida organizada com torcida profissionalizada. Torcida organizada é, por exemplo, a Raça Rubro-Negra, cujo grande orgulho é jamais vaiar o time, mesmo nos piores momentos, ou um jogador, inclusive nas horas mais infelizes. Torcida profissionalizada é aquela que recebe dinheiro para vestir a camisa que deveria amar. É aquela que vende bandeira, que se vende. A diferença entre umas e outras é enorme, dá na vista, mas como você frequenta as cadeiras e não as arquibancadas, talvez não perceba, a distância. A

\_

<sup>&</sup>lt;sup>150</sup> Cf. O GLOBO. Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1988, p. 25.

torcida organizada ama e organiza suas emoções, mas não impede a emoção individual. Cada um torce como quer, como pode ou como sabe, mas não torce contra. E, juntos, os torcedores organizados fazem ouvir o coro que, muitas vezes, tem sido fundamental para a vitória que nem mesmo os melhores cronistas podem prever. A torcida profissionalizada torce segundo seus interesses nem sempre confessáveis; torce contra. Veja-se, por exemplo, o caso do Vasco, com uma torcida chamando Zanata de burro, para criar uma situação que beneficie a oposição. A torcida organizada é a paixão a serviço da camisa. A torcida profissionalizada é um Russão, que ajuda a empurrar o seu Botafogo para baixo, a gritos irados, ameaças e agressões. Desculpe mas, desta vez, você pisou na bola. Um grande abraço do torcedor organizado, Luiz Lobo."

Sabe-se que o tipo ambicioso, tema do debate da reportagem do *Jornal dos Sports* em 1982, preocupação levantada pelos próprios chefes, era uma caricatura comumente associada pela tradição jornalística à figura do dirigente esportivo, em específico, à do tradicional cartola. O desenvolvimento de relações entre ambos, todavia, parecia ter transferido essa realidade também para a imagem do chefe de torcida, desde que uma legião deles começou a aparecer no cenário esportivo e a vislumbrar alguma forma de beneficiamento. Os subterfúgios, as peripécias e a ambivalência das formas de relacionamento criadas no mundo do futebol davam origem assim, na implícita visão de mundo liberal do jornalismo esportivo aqui examinado, quer ao desvirtuamento da real aptidão do torcedor, o seu pendor amadorístico, quer ao impedimento efetivo de relações profissionalizadas, em que as torcidas pudessem ser administradas de maneira própria, com a criação de uma receita e com a gestão autônoma de seus lucros e de suas despesas.

Os paradoxos do futebol profissional na década de 1980 colocariam em xeque um modelo arquetípico de torcedor, idealizado, concebido e encarnado na figura do humilde e pudico chefe de torcida dos anos anteriores. Em seu lugar, duas tipificações seriam apresentadas, com o contraste entre uma liderança consciente do exercício de um papel representativo na esfera de poder esportivo e uma liderança vinculada aos interesses tradicionais e aos pruridos de favorecimento pessoal. Divididos entre *autênticos* e *ambiciosos*, os chefes de torcida personificariam um conjunto de imagens que remetiam a um antigo conjunto de pressupostos sobre as mazelas, os entraves e a debilidade para a

<sup>&</sup>lt;sup>151</sup> Cf. **ibid**. Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1988, p. 25.

constituição de relações capitalistas no Brasil e de relações profissionais no futebol. O discurso dos repórteres apresentava em linguagem corrente uma versão explicativa simplificada e vulgarizada das diversas interpretações sobre as origens da "ideologia do atraso brasileiro" frente aos modelos de modernização e de civilização fornecidos pela Europa, conforme demonstrou o sociólogo Jessé Souza<sup>152</sup>, sendo o círculo vicioso estabelecido entre chefes de torcida e cartolas apenas mais um dos exemplos que podemos aditar como sintoma do declínio então vivenciado no futebol e na sociedade.

Assim, longe de ser uma mudança repentina de fundo psicológico, desprovida de fundamento histórico ou restrita à lógica interna das fronteiras do futebol, a ênfase nos avatares da personalidade e do comportamento desse torcedor pode ser articulada à introdução de uma série de elementos ligados à vivência e à dinâmica social da cultura. A proposição de uma aproximação entre as questões debatidas no universo futebolístico - em específico, os valores associados à mudança perceptiva do personagem em pauta – e o debate acadêmico promovido por uma tradição intelectual que se dedica à "interpretação do Brasil" permite o aprofundamento de uma reflexão sobre os impasses constitutivos da formação da sociedade brasileira e sobre os significados assumidos pelo futebol em seu interior. As peculiaridades do processo de modernização do país em suas diversas etapas ocuparam a atenção de uma proeminente linhagem de pensadores desde as primeiras décadas do século XX e suas análises se estenderam no sentido de estabelecer as conexões entre os diversos grupos pertencentes ao tecido orgânico social e as dimensões simbólicas totalizadoras da nação.

Como se sabe, as décadas de 1920 e 1930 foram marcadas por uma preocupação crescente da intelectualidade brasileira com a definição da identidade nacional. Para boa parte desses autores, o Estado, entidade supraindividual dotada porém de uma "psicologia coletiva" se erigia tendo como fulcro o homem comum brasileiro, o que permitia a compreensão de sua

<sup>&</sup>lt;sup>152</sup> Cf. SOUZA, J. **A modernização seletiva**: uma interpretação do dilema brasileiro. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000.

<sup>153</sup> Cf. QUEIROZ, M. I. P. de. "Identidade cultural, identidade nacional no Brasil". In: Tempo Social: Revista de Sociologia da USP. São Paulo: s.e., 1989, n. 1, p. 41.

especificidade no "concerto das nações" 154. A idéia de uma psicologia coletiva dos povos vinha sendo postulada em ternos científicos por intelectuais europeus, em sucessão às correntes filosófico-literárias de cunho romântico-nacional, as primeiras postulantes de tais imagens, com Herder e Goethe à frente em solo germânico. Durante a segunda metade do século XIX, o pressuposto foi incorporado em termos científicos, passando pelo consenso e pelo reconhecimento de que todas as nações eram detentoras de *personalidades* com virtudes e defeitos peculiares a cada uma delas. O termo na Europa foi cunhado em 1859 como "Völkerpsychologie", na tradição alemã; "Folk Psycology", na tradição britânica; e "Psycologie des Peuples", na tradição francesa.

Tal modo de entendimento pontificou na obra dos mais diversos autores, de Sílvio Romero a Manoel Bonfim, de Alberto Torres a Oliveira Viana, de Euclides da Cunha a Paulo Prado, de Monteiro Lobato a Álvaro Vieira Pinto, adquirindo relevo nos anos 30 com dois sociólogos, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, e seus respectivos livros *Casa-Grande & senzala* (1933) e *Raízes do Brasil* (1936). Com um viés ensaístico e interpretativo, os autores estimavam que o destino nacional dependia, em última instância, de um posicionamento frente aos valores antigos mais arraigados, herdados da tradição colonial ibérica e do legado patriarcal, escravocrata e monocultor, que se situavam sobretudo no plano dos costumes, das paixões e dos afetos.

Em que pesem as divergências de encaminhamento e de trajetória<sup>155</sup>, onde um acentuava a importância da ruptura com esses elementos passionais do passado enquanto o outro postulava a sua continuidade, por meio de uma fusão com o lado mais racional do processo modernizador, ambos concordavam que os estudos culturais, centrados em hábitos e costumes reveladores da vida íntima, privada e familiar, até então menosprezados por abordagens que destacavam a primazia de aspectos mais formais da política e da economia, era

<sup>&</sup>lt;sup>154</sup> A fórmula é de Mário de Andrade em sua famosa conferência de 1942, onde faz um duro balanço dos vinte anos da Semana de Arte Moderna e do movimento modernista visto em retrospectiva.

O progressivo distanciamento de posições e de vinculação acadêmico-institucional entre Gilberto Freyre e Sérgio Buarque a partir dos anos 40 foi demonstrado com argúcia pelo pesquisador Robert Wegner. Cf. WEGNER, R. "Da genialidade à poeira dos arquivos: Sérgio Buarque de Holanda nos anos 1940". In: SENTO-SÉ, J. T.; PAIVA, V. (Orgs.). **Pensamento social brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2005. Cf. também WEGNER, R. **A conquista do oeste**: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

uma via analítica fértil para o entendimento de certas persistências verificáveis no comportamento e na mentalidade de diversos setores, classes e grupos sociais no país. Embora de maneira não deliberada nem intencional, essas interpretações originais seguiam ainda a tendência mais geral da historiografia em âmbito internacional, seja com a obra solitária de Norbert Elias, seja com a obra em bloco da Escola francesa dos *Annales*, que aliava o conhecimento histórico, antropológico e sociológico para erigir categorias durkheimianas de análise como *formas mentais* e *representações coletivas*.

A elaboração de sínteses decifradoras da realidade nacional se daria no momento em que a nação aspirava à edificação de uma civilização em moldes urbano-industriais, onde uns frisavam a necessidade de superação das amarras que nos atavam ao passado e outros descobriam o valor da originalidade de nossa formação étnica. Os desdobramentos deste debate se prolongariam no correr dos anos com a sucessão de uma miríade de projetos para o país, não sem o reconhecimento das dificuldades relativas à sua implantação e à conjugação de componentes que pareciam tão díspares entre si. No plano econômico, por exemplo, durante a década de 1950 intelectuais nacionalistas aspiraram à edificação de vigas mestras institucionais capazes de equiparar o Brasil ao patamar das grandes potências européias desenvolvidas. Em contrapartida, os anos 60 e 70 assistiriam à emergência de estudiosos menos otimistas, embasados em uma certa leitura marxista, que apontariam as ilusões da autonomia almejada pelo desenvolvimentismo dos ideólogos pertencentes ao ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros). A ligação estrutural entre centro e periferia na geopolítica do capitalismo seria condição sine qua non para a interdependência do Primeiro e do Terceiro Mundo.

No plano político, ainda no contexto de meados do século XX, textos clássicos voltados à compreensão da realidade nacional deslocaram o eixo de análise do desenvolvimento econômico e centraram atenção nos entraves para a constituição da democracia no Brasil, com o diagnóstico da interferência sistemática de grupos privados na regulação do poder. Embora se ativesse ao mundo rural do Nordeste brasileiro, Victor Nunes Leal observava em *Coronelismo, enxada e voto* (1949)<sup>156</sup> a extensão ao ambiente urbano de

<sup>&</sup>lt;sup>156</sup> Cf. LEAL, V. N. Coronelismo, enxada e voto. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976, p. 20.

práticas derivadas de um sistema que superpunha o regime representativo democrático a uma estrutura econômico-social inadequada. O estabelecimento de uma rede de compromissos e lealdades entre chefes políticos locais, detentores de um poder pessoal, e as demais instâncias decisórias da nação gerava uma série de alianças que dava origem a relações clientelistas, mandonistas e patrimonialistas. O patrimonalismo se agregava a outros componentes incrustados na estrutura política – o compadrio, o corporativismo, o populismo, o nepotismo, o clientelismo –, tornando-se vetor histórico da centralização e da burocratização do Estado brasileiro. O atrelamento aos costumes mais enraizados no quadro colonial e imperial português determinou a criação de um estamento estatal no qual tradicionalmente os recursos públicos eram submetidos à apropriação privada, tal como estudou Raimundo Faoro em *Os donos do poder* (1958)<sup>157</sup>, uma releitura inovadora da história do Brasil à luz de conceitos propostos por Max Weber.

Na década de 1970, o antropólogo Roberto DaMatta daria prosseguimento à perspectiva weberiana refratária à discussão em estritos termos estatísticos ou formais e voltaria a adotar o viés interpretativo-cultural preconizado por Gilberto Freyre e Sérgio Buarque, agora informado por uma produção científica antropológica que forneceria subsídios para o entendimento do "dilema brasileiro" em condições menos impressionistas. Amparado em dramatizações de ritos nacionais que seguiam o calendário civil, religioso e militar, o autor poria em cena as contradições, as modulações e os matizes que impediam a nítida delimitação entre os domínios do público e do privado, do moderno e do tradicional no Brasil. A relação do homem brasileiro com o cotidiano do trabalho e com a esfera do poder passava por um jogo facilmente intercambiável entre igualdade e hierarquia, com a adaptação das regras, das normas legais e dos papéis preestabelecidos ao sabor das conveniências pessoais.

A ausência de separação entre o bem comum e o bem particular impedia o desenvolvimento de uma sociedade calcada em modelos universais e

\_

<sup>&</sup>lt;sup>157</sup> Cf. FAORO, R. **Os donos do poder**: formação do patronato brasileiro. São Paulo: Editora Globo, 1991, 2 vols. Para uma exposição sumária do patrimonialismo como nó górdio que embasa as interpretações sobre a formação social brasileira no século XX, sugere-se o livro do sociólogo Bernardo Sorj. Cf. SORJ. B. **A nova sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

isonômicos de conduta, criando obstáculos para a sedimentação de uma clássica racionalidade liberal, à moda anglo-saxã, uma vez que soluções intermediárias eram acionadas a todo instante com a lógica do favor e com o beneficiamento obtido graças às relações interpessoais. Estas eram personificadas na figura do malandro – seja o hedonista que não se submete à metódica ascese do trabalho, seja o homem público que se vale do cargo para burlar a lei e para usurpar o Estado – e se traduziam em expressões coloquiais correntes no dia a dia, com as acomodações do "jeitinho" e com as interpelações verticais do "você sabe com que está falando?".

Assim, conforme sumarizava em texto de balanço a socióloga Lucia Lippi Oliveira, as teses que perpassavam as idéias sobre a formação da nação brasileira nas mais diversas tendências do pensamento social podiam ser esquematizadas em seis binômios principais: ordem *versus* progresso; natureza *versus* cultura; povo *versus* elite; cópia *versus* autenticidade; ressentimento *versus* ufanismo; e americanismo *versus* iberismo<sup>158</sup>.

A história social do futebol brasileiro não ficaria imune a essa gama de questões problematizadas em âmbito intelectual e vivenciadas em nível nacional. A incidência de valores culturais, políticos e sociais ligados a uma visão ora tradicional ora moderna, ora igualitária ora hierárquica, ora elitista ora popular, ora democrática ora ditatorial da sociedade brasileira foi colocada e recolocada em várias oportunidades. A sua singularidade no esporte se deu mediante o emprego de uma linguagem particular e mediante uma leitura específica da realidade. O "dilema" esportivo nacional foi expresso ao longo do século XX por meio de uma antinomia que se tornou canônica na fala corrente dos jornalistas: amadorismo/profissionalismo. Neste domínio, seu principal mentor intelectual foi Mário Filho, um assumido entusiasta das teses freyreanas de compreensão da realidade brasileira e de sua aplicação no mundo do futebol, o que é comprovado não apenas pelo conteúdo das idéias defendidas em O negro no futebol brasileiro, mas também pelos laços pessoais de amizade estabelecidos com Gilberto Freyre, que resultaram no prefácio assinado pelo então consagrado sociólogo à primeira edição do livro, em 1947. Mário Filho apresentava nessa obra um repertório de crônicas romanceadas em que

<sup>&</sup>lt;sup>158</sup> Cf. OLIVEIRA, L. L. "Teses (equivocadas ?) sobre a questão nacional no Brasil". In: SENTO-SÉ, J. T.; PAIVA, V. (Orgs.). **op. cit.** 

procurava reconstituir de maneira pormenorizada a ambiência da vida futebolística no Rio de Janeiro, através da narração de suas memórias pessoais e de histórias de vida relatadas por seus próprios agentes, sobretudo os mais antigos jogadores da fase amadora.

Segundo essa concepção, o profissionalismo brasileiro do decênio de 1930 foi consubstanciado com a entrada dos negros no futebol e correspondeu ao divisor de águas mais importante da história esportiva. No limite, ele possibilitou não só a emancipação do jogador de origem proletária como a democratização do jogo e a impressão de um caráter autêntico perante as formas de atuação padronizadas que vinham impingidas do modelo original britânico. Ainda que de maneira sinuosa, sujeita a avanços e retrocessos, a idas e vindas, com a evocação do argumento racista como fator explicativo para as derrotas da Seleção Brasileira nas Copas de 1950 e 1954, a profissionalização desse esporte permitiu ao negro um duplo triunfo: o rompimento com o preconceito e com a segregação atávica que persistia desde o fim da escravidão no Brasil e a conquista de um eminente espaço simbólico no imaginário da sociedade brasileira, revestindo seus atletas de uma idolatria e de uma aura heróica em eventos internacionais como as Copas do Mundo de 1938 e 1958, quando Leônidas da Silva e Pelé foram, respectivamente, enaltecidos. Isto só foi possível graças à criatividade e à invenção sui generis de um estilo nacional que modificava os conspícuos princípios do esporte europeu mediante a revalorização da esfera lúdica, amadora, do jogo. A versão nativa do homo ludens equiparava o futebol à dança, à arte, à brincadeira, à malandragem e à plasticidade corporal, sorvida das mais remotas tradições populares, mesmo aquelas de origem agrária e rural. Agente de incorporação e de socialização, o sincrético futebol brasileiro facultou às classes subalternas uma ascensão e uma visibilidade social até então vedada em outras áreas da vida coletiva.

A trajetória dos jogadores de origem negra não seria a única a ser tematizada no contexto do futebol como espetáculo. Em menor grau e sob outro ângulo, a emergência do chefe de torcida, caso aqui examinado, não deixaria de passar pelo crivo da narrativa de Mário Filho e de um conjunto de letrados que se estabeleceram ao seu redor como colaboradores. Esses cronistas contribuíram de maneira decisiva para o reconhecimento do novo personagem, de origens sociais modestas, que, à maneira do atleta proletário, também era

tipificado como um lídimo egresso das classes populares. Sendo, em certo sentido, um produto paradoxal do profissionalismo, o chefe de torcida era situado como ícone de algumas virtudes amadoristicas no futebol – com sua paixão de fundo religioso ligada à doação, à devoção e à ascese – e como repositório moral de educação, de orientação e de contenção esportiva das massas na ocupação de seu tempo livre. A massificação deste esporte nos anos de 1930, 1940 e 1950 contemplou o projeto original de fazer do chefe de torcida o porta-voz do bom comportamento entre os torcedores nas arquibancadas. Nos livros de Mário Filho, Jaime de Carvalho seria o exemplo mais destacado para a exaltação das qualidades do torcedor, quintessência da entrega e da fidelidade daquele que fazia do futebol um prazer livre e desinteressado.

A vinculação do chefe de torcida a esse ideário perdurou durante as décadas de 1940, 1950 e 1960. Embora já estivesse insinuada como possibilidade latente desde seu nascedouro, a crise de tal modelo só começou a ser prenunciada pelo jornalismo esportivo no final dos anos de 1960, em uma segunda fase de implantação do profissionalismo no Brasil, e adquiriu uma maior ressonância na segunda metade da década de 1980. À narrativa da formação e da ascensão do chefe de torcida, correspondeu um discurso que salientava seu ocaso, sua queda, sua débâcle. A nova configuração levaria ao progressivo afastamento do chefe de torcida do campo moral das virtudes e a uma rápida transferência para o pólo oposto, o dos vícios. Estes viriam a ressaltar com mais ênfase os tradicionais valores prescritos pela moral cristã – a cobiça, a ambição e a ganância -, já identificados pelos jornalistas esportivos em uma caricatura histórica feita do dirigente esportivo, o cartola, e sua sanha pelo poder. Tal imagem viria a macular a humilde pureza amadora do chefe de torcida que, de modo subsequente, passaria a ocupar um lugar de indefinição no imaginário do amadorismo e do profissionalismo no Brasil.

A mesma ambigüidade na relação jogador-dirigente que atravessou a década de 1930, permeada por subvenções e gratificações não-oficiais dadas de um a outro, passa a ser detectada na relação torcedor-dirigente, colocando-se como um problema a ser conjurado a partir dos anos de 1960. Esta ambígua posição de semi-amadorismo e de semiprofissionalismo do chefe de torcida vai dar ensejo à elaboração de um núcleo duro de explicações e justificativas dos

cronistas que, sob diferentes códigos lingüísticos e sob outros termos de comunicação, se valem de argumentos e de diagnósticos críticos similares aos identificados por boa parte da tradição intelectual acima destacada. Os obstáculos observáveis nas relações cotidianas e no comportamento do dia a dia do brasileiro estariam entranhados na cultura política em nível local e seriam revelados também na mentalidade e na atitude de diversos atores do meio esportivo.

A inversão de significados apontada pelos jornalistas, ou, dito de outro modo, a reinscrição transgressiva de um vocábulo por um grupo social<sup>159</sup>, se refletiria em alterações no nível semântico manifestadas ainda por modificações em âmbito lexical, com julgamentos que se tornam majoritariamente negativos. O próprio epíteto chefe de torcida, por exemplo, deu margem pouco a pouco a uma associação com um imaginário ditatorial lembre-se de seu surgimento no contexto do Estado Novo -, mediante a absorção de traços daquilo que Adorno e seus colegas norte-americanos chamaram na década de 50 de a personalidade autoritária. A transferência também foi feita em relação a um imaginário primitivo e selvagem — o chefe da tribo — sendo rechaçada tanto pela crônica esportiva quanto pelos próprios torcedores no início dos anos de 1980, e substituída pelo emprego de outros termos preferenciais, como líder ou presidente. Em meio a uma nova conjuntura democrática que atravessava o país, a tentativa de tornar sua acepção mais condizente com as expectativas de atuação deste personagem no futebol e com os novos parâmetros de representação na sociedade poderia ser entendida, em linguagem weberiana, como transição da dominação de tipo tradicional ou carismático para uma dominação de tipo racional-legal.

Fenômeno não apenas nacional como também internacional, o termo equivalente "jefe" ou "capo" na Argentina também seria questionado pelos periódicos daquele país no mesmo momento. A antropóloga Mariana Conde demonstra como a imagem do torcedor argentino forjada nos anos de 1950, associada à bondade inata do "povo", própria da era peronista, vai perder a coloração do *ethos* nacional durante a década de 1980, no período subseqüente à ditadura militar do general Jorge Rafael Videla (1976-1983), com a redução

<sup>&</sup>lt;sup>159</sup> Cf. BURKE, P. **História e teoria social**. São Paulo: Unesp, 2002, p. 137.

do torcedor a um escala cada vez mais local e a uma apreciação negativa cada vez mais tribal, na qual a identificação com a nação sobressai menos que o vínculo territorial com o bairro. Máfia, naquele ambiente, se refere aos grupos de pressão constituídos nas sociedades democráticas, cujos exemplos históricos mais notórios remetiam às organizações sicilianas do sul da Itália e ao gangsterismo nos Estados Unidos, consagrado no imaginário internacional-popular dos anos 70 com o filme de Francis Ford Coppola, *O poderoso chefão*.

As relações clandestinas desenvolvidas entre o líder de torcida e o dirigente esportivo se amparavam nas confabulações secretas da política interna do clube<sup>160</sup>. O significante "jefe" passa a designar uma prática violenta e assume uma conotação mafiosa. Embora para Juan José Sebreli o conotativo mafioso não fosse recente na Argentina, existisse desde pelo menos 1967, quando já havia "escuadrones rufianescos, brigadas bandoleras e quintos malandrinos", e não fosse, portanto, uma conseqüência da liberdade e da democracia do início dos anos 80, a antropóloga assim sublinha a ênfase dos periodistas portenhos daquele decênio:

"Mafiosa, porque constantemente se subraya, en las crónicas, su vinculación con sectores de la dirigencia de los clubes: 'mi impressión es que las barras bravas tienen que ver con líderes, y esos líderes tienen que ver con los intereses de los dirigentes, desde el punto de vista electoral y por el impulso que ellas tienen'. (Crônica, 9/4/85). Su condición de mafia es subrayada además por el uso de los apelativos 'jefe', 'cabecilla' y 'capo' para designar al líder. Se habla también de 'infiltrados', destacando su vinculación com lo político. Y en este sesgo político, el desempeño de los 'barrabravas' resulta atentador contra la naciente democracia." <sup>161</sup>.

No quadro brasileiro há um outro ponto ainda a tratar, sob um prisma damattiano, que diz respeito à experiência singular da presença feminina no comando de tais agremiações. O que pode parecer um exemplo insólito e destoante do sentido inicial projetado para essa figura não se afigura tampouco uma curiosa exceção à regra ou um pitoresco fato isolado. Já entre a primeira geração de chefes ela se fazia presente com *tia* Elisa do Corinthians e com

<sup>160</sup> Como apontado na Introdução, o sociólogo Georg Simmel desenvolveu algumas considerações ensaísticas em torno das sociedades secretas. Cf. SIMMEL, G. Secrets et sociétés secrètes. Paris: Circé, 1991.

<sup>161</sup> Cf. CONDE, M. op. cit., p. 31. Cf. também SEBRELI, J. J. "Las barras bravas". In: La era del fútbol. Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1998, p. 50 e 51.

Filhinha, torcedora-símbolo do São Paulo, no caso das torcidas uniformizadas paulistanas, sendo seguida também entre as torcidas organizadas do Rio de Janeiro, com Dulce Rosalina e dona Laura, mulher de Jaime de Carvalho, o que, em um meio marcado pela predominância do gênero masculino e juvenil, remetia a um outro feixe de significados concernentes àquele novo lugar social.

As torcidas de futebol, vistas com frequência no jargão ordinário como *nações* – a nação rubro-negra, a nação vascaína, a nação tricolor –, onde todos se enxergavam como iguais perante sua coletividade clubística, ao passo que as torcidas organizadas em especial recebiam a designação nativa de *famílias*<sup>162</sup>, eram núcleos integrados por uma diversidade de faixas etárias e de vínculos sócio-econômicos, onde todos se conheciam e se relacionavam mutuamente. Os elos comunitários e familiares eram expressos através dos apelidos e da alcunha de *tias* para muitas dessas lideranças do futebol, forma de tratamento empregado também em larga medida no universo da cultura popular, como o samba e as religiões afro-brasileiras, duas manifestações cujo exemplo simbiótico no Rio de Janeiro foi a baiana *tia* Ciata. Emblema de respeito e de boa conduta, a deferência por figuras femininas e por pessoas mais velhas revelava também os laços de afetividade e o abrandamento da posição de autoridade representada em princípio pelo chefe de torcida, além da capacidade de reelaboração de significados na experiência de cada grupo.

Na galeria de torcedores do futebol carioca, cumpre listar: *tia* Aida e *tia* Adélia (da TOV), as *tias* Helenas (Helena Ferreira, da Torcida Jovem do Flamengo, e Helena Lacerda, da Fiel Tricolor), *tia* Lea (da Pequenos Vascaínos), *tia* Ruth (do América), *tia* Georgina e Vovó (da Força Jovem do Vasco), *tia* Cora (do Botafogo), *tia* Camélia (da Jovem Unifogo), além de Toninha (da Flamante) e de Verinha (da Flamor), entre outras mulheres que comandaram torcidas organizadas. Jaime de Carvalho também era chamado comumente de *tio* Jaime pelos integrantes da Charanga. Na segunda metade da década de 1970, quando espocaria um sem-número de pequenas agremiações torcedoras, majoritariamente vinculadas à vida associativa dos bairros, seria instituída ainda uma específica tradição intergrupal. Era a cerimônia dos "batizados", solicitada pelas novas torcidas organizadas, que pediam o aval aos

A expressão é fartamente empregada na seção de cartas do JS. Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1977, p. 5.

chefes das associações mais antigas, sejam as *tias*, transformadas em "madrinhas", sejam os *tios*, convertidos em "padrinhos", o que evidencia, para além da existência de rituais de passagem, a constituição de uma rede simbólica de parentesco em um *mosaico de subgrupos*, para seguir termo cunhado por Luiz Henrique de Toledo, formado por torcidas veteranas e neófitas, descendentes e ascendentes, tradicionais e aspirantes.

O entendimento das torcidas organizadas podia passar, portanto, por uma aproximação com a vivência da communitas, tal como tratada pelo clássico da sociologia Ferdinand Tönnies em fins do século XIX, em contraponto ao caráter mais impessoal descrito na composição da societas 163. Em vez de um par antitético, os termos compunham um duo complementar. Em consonância ainda com a interpretação dualística de Roberto DaMatta aqui já salientada, formulada no final dos anos de 1970 como recepção criativa à obra de Louis Dumont, as particularidades e os dilemas relacionais da cultura brasileira se exprimiam em alguns rituais de nossa sociedade, dentre eles, as paradas militares, as procissões religiosas e o carnaval. Este último promovia uma série de inversões dos papéis sexuais, sociais e de gênero do cotidiano, em que relações igualitárias modernas e relações hierárquicas tradicionais se contrapunham, se imiscuíam ou se permutavam ao sabor das circunstâncias. Assim como o carnaval, as torcidas de futebol permitiam ilustrar, com base na apropriação damattiana da distinção entre indivíduo e pessoa, desenvolvida por Marcel Mauss, uma das ambíguas representações do público e do privado no Brasil, com a presença dos apelidos e das *tias* em seu mundo ritualístico:

"... a troca de nomes sempre corresponde à mudança da apelação inexpressiva (porque não tem história ou marca) pelo nome forte e expressivo. De modo que a troca de nomes expressa a passagem do anonimato à notoriedade e, frequentemente, da condição de indivíduo à condição de pessoa." 164.

Em continuidade à linha interpretativa desenvolvida por Roberto DaMatta, o antropólogo Luis Felipe Baeta Neves abordou o tema das torcidas organizadas ao examinar, em um ensaio publicado no início dos anos 80, as

<sup>&</sup>lt;sup>163</sup> Cf. TÖNNIES, F. Community and society. New York: Dover Publications, 2002.

<sup>&</sup>lt;sup>164</sup> Cf. DaMATTA, R. **Carnaval, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 320.

mensagens ideológicas emitidas pelo futebol. Com seus enunciados, o futebol fornecia pistas para a compreensão de inúmeras representações acerca da sociedade brasileira, que se dividiam, grosso modo, em dois pólos não unívocos: o primeiro ressaltava o predomínio de uma ideologia da permanência no Brasil, com argumentos favoráveis à manutenção e à reprodução da estrutura social; o segundo postulava a vigência de uma ideologia da transformação, com elementos críticos à rigidez das mesmas estruturas. Para o antropólogo, a torcida, em sua acepção mais lata, tenderia a uma posição ambivalente: por um lado ela se aproxima do pólo da ruptura, com a propensão para negar a maioria das regras, dos valores e dos símbolos associados ao poder; por outro, ela se vincula ao pólo da continuidade, com a sua identificação às emissões ideológicas relacionadas ao discurso do nacionalismo, do populismo e do paternalismo.

A assimilação de mensagens perpetuadoras de um imaginário tradicional da sociedade brasileira é exemplificada da seguinte maneira:

"Populista-paternalista, ainda, é a imagem que se cristaliza quando as torcidas organizadas são patrocinadas pelos clubes: pagamentos a chefes-de-torcida, fornecimento de bandeiras de instrumentos musicais para a 'charanga' e de fogos, além da organização de excursões que acompanham as equipes, são feitos abertamente pela diretoria dos clubes ou por associados vivos e ativos na política interna das agremiações esportivas" 165.

Assim, em retrospectiva, foi possível perceber ao longo deste capítulo como se deu a formação do espectador moderno no século XX e em que medida o torcedor de futebol teve sua imagem construída no debate intelectual com base em uma série de paralelos com o teatro, manifestação cultural da Antigüidade capaz de suscitar polêmicas através dos tempos quanto a seus efeitos dinâmicos e estáticos, ativos e passivos, alienantes e conscientizadores, purgativos e regeneradores da mente e do corpo do público espectador. Apresentada a discussão dual em torno de aspectos racionais e passionais do torcedor, o capítulo se concentrou nos debates específicos do campo esportivo letrado-jornalístico voltados para a construção de um personagem representativo das arquibancadas, capaz de encarnar um conjunto de valores

<sup>&</sup>lt;sup>165</sup> Cf. NEVES, L. F. B. **op. cit.**, p. 51.

associados ao carisma, ao autocontrole e à devoção na manifestação de sua paixão clubística, elemento necessário para dar um sentido pedagógico e uma marca diferencial em meio ao anonimato constituído pelo público de massas. A sobriedade, o altruísmo e a excentricidade – traços a um só tempo atribuídos ao chefe de torcida – cedo passariam a coexistir com a contrapartida negativa das paixões: o desregramento, a exaltação, a dependência.

A quebra de uma imagem unívoca para o chefe de torcida, presente no jornalismo esportivo aqui examinado, se coloca em termos conjunturais de decadência, de perda de controle e de corrosão do caráter à medida que se estabelecem relações no ambiente esportivo e que o profissionalismo avança em sua vertente pecuniária, mercantil e capitalista. A idealizada pureza e integridade do torcedor é corrompida por um ambiente afetado por interesses e subterfúgios pessoais e por estratégias de ascensão social, tudo construído e representado em uma linguagem maniqueísta pelos meios de comunicação — as charges e as histórias em quadrinhos presentes nos periódicos esportivos são fortes indicadores disto. Tal comportamento não seria intrínseco ao universo do futebol e conteria inúmeras facetas da formação histórica brasileira. Ainda que de modo não explícito, os jornais especializados em esportes, na pena de seus cronistas, lançariam mão de um repertório de explicações e argumentos elaborados em âmbito intelectual por determinados antropólogos, sociólogos e historiadores, a fim de justificar as causas do atraso e do arcaísmo na vida nacional, onde valores presentes na sociedade, na política e na cultura brasileira, vivenciadas no cotidiano, se instilariam também no contexto do futebol ao longo do século XX<sup>166</sup>.

Assim, a mediação dos jornalistas seria fundamental para a colocação do assunto sob um viés moral, com a reificação em um primeiro momento de um discurso que acentuava apenas o pólo das virtudes e com a transfiguração em um momento posterior de uma narrativa que passa a situar também o torcedor no denegrido e execrado pólo dos vícios.

<sup>166</sup> Cf. GOMES, A. de C. "A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado". In: SCHWARCZ, L. M (Org.). História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol.4.